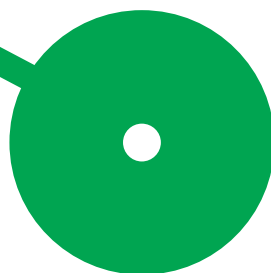


Turismo Académico no Porto: o caso dos estudantes de mobilidade internacional

Cláudia Aragão Gama Moura de
Oliveira

01/2021



Politécnico do Porto
Escola Superior de Hotelaria e Turismo

Cláudia Aragão Gama Moura de Oliveira

**Turismo Académico no Porto: o caso dos estudantes de
mobilidade internacional**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Gestão do Turismo

Orientação: Prof.^a Doutora Cândida Silva

Vila do Conde, janeiro de 2021

Politécnico do Porto
Escola Superior de Hotelaria e Turismo

Cláudia Aragão Gama Moura de Oliveira

**Turismo Académico no Porto: o caso dos estudantes de
mobilidade internacional**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Gestão do Turismo

Orientação: Prof.^a Doutora Cândida Silva

Vila do Conde, janeiro de 2021

[Cláudia Aragão Gama Moura de Oliveira]

**Turismo Académico no Porto: o caso dos estudantes de
mobilidade internacional**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Gestão do Turismo

Membros do Júri

Presidente

Prof.^a Doutora Dália Filipa Veloso de Azevedo Liberato
Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Instituto Politécnico do Porto

Prof.^a Doutora Cândida Elisa Pereira da Silva
Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Instituto Politécnico do Porto

Prof.^a Doutora Maria Alexandra Pereira da Silva Malheiro
Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Instituto Politécnico do Cávado e do
Ave

Vila do Conde, Janeiro de 2021

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

(Odes de Ricardo Reis, Fernando Pessoa; 1933)

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio incondicional, educação e valores. Em especial, aos meus pais por me ensinarem a lutar pelos meus sonhos e me proporcionarem as oportunidades para tal. Aos meus avós, por me apoiarem sempre e pela disponibilidade total ao longo da minha vida. Ao meu irmão, pelo companheirismo e constante responsabilidade em tornar-me um exemplo.

Aos meus amigos pela motivação contínua, conselhos e momentos de descontração. À Margarida, por me aconselhar diariamente e me ajudar a querer ser cada vez melhor.

Às minhas colegas de mestrado, Jéssica, Sofia e Inês, pela ajuda constante, conversas infundáveis e aprendizagens juntas.

To my dear Erasmus housemates, Pauline and Laura, for making the endless period of lockdown a positive phase of my life, always with a daily word of encouragement for this dissertation.

À minha orientadora, Professora Doutora Cândida Silva, pela sua paciência, disponibilidade e ensinamentos.

À *Erasmus Student Network* Porto e ao programa Erasmus por se terem tornado na minha paixão, pelas experiências memoráveis e pela inspiração para o tema desta dissertação. Aos estudantes Erasmus do Porto pela partilha dos questionários e apoio a este trabalho.

To Stan, for changing my life for the best.

Muito obrigada a todos!

RESUMO ANALÍTICO

O aumento da mobilidade estudantil na Europa tem suscitado a realização de muitos estudos nesta área, os quais se têm focado nos fatores de motivação para a escolha de destinos ou no resultado das experiências de mobilidade. No entanto, menos atenção tem sido dada ao turismo académico e suas repercussões, um setor em expansão nos últimos anos. A temática da presente investigação incide sobre o turismo académico e procura compreender a relação entre este e as mobilidades internacionais, bem como a influência deste tipo de turismo na imagem de Portugal como destino de mobilidade. A literatura sugere que os estudantes de mobilidade têm comportamentos semelhantes a turistas. Além disso, estes dinamizam as economias locais, recomendam os destinos e influenciam a atratividade das universidades.

Assim, tornou-se pertinente estudar Portugal como destino de mobilidade e as possíveis consequências a nível turístico do crescimento estudantil internacional no país. Para tal, esta investigação utilizou a cidade do Porto como unidade de análise do estudo de caso, recorrendo a uma metodologia mista, através da utilização de entrevistas semiestruturadas e inquéritos por questionário. Foram entrevistadas cinco Instituições de Ensino Superior (IES) do Porto e o questionário foi aplicado a 803 estudantes de mobilidade internacional na cidade. A análise de dados qualitativos recolhidos foi efetuada utilizando a técnica de análise Grounded Theory, e os dados quantitativos através do recurso ao programa do SPSS versão 24 (*Statistical Package for Social Sciences*).

Os resultados obtidos constataam altos níveis de satisfação com a mobilidade no Porto, mas com espaço para melhorias. O estudo indica que existe uma relação forte entre mobilidades internacionais e turismo académico e que as experiências turísticas podem influenciar a imagem de Portugal como destino de mobilidade, especialmente através de recomendação boca-a-boca.

Verificou-se também que as oportunidades de desenvolvimento de parcerias das IES com entidades e associações turísticas locais ainda podem ser mais exploradas, através de uma estratégia agregada dos *stakeholders* do Porto de forma a melhorar a

promoção da cidade como destino de mobilidade internacional e também a satisfação dos estudantes com as atividades realizadas.

Esta pesquisa contribui com informação pertinente para a formulação de políticas de turismo por entidades locais e IES, que possam desenvolver estratégias conjuntas para trabalhar com futuros estudantes de mobilidade internacional e, simultaneamente, turistas no país.

Palavras-chave: Turismo Académico; Mobilidade Académica Estudantil; Erasmus; Porto; Mobilidade Internacional

ABSTRACT

The increase of student mobility in Europe has led to the carrying out of many studies in this area, which have focused on motivating factors for choosing destinations or on the outcome of mobility experiences. However, less attention has been paid to academic tourism and its repercussions, an expanding sector in recent years. The topic of this research focuses on academic tourism and seeks to understand its relationship with international mobility, as well as the influence of this type of tourism on the image of Portugal as a mobility destination. The literature suggests that mobility students are beginning to resemble to tourists. They dynamize local economies, recommend destinations and influence the attractiveness of universities.

Thus, it became pertinent to study Portugal as a mobility destination and the possible consequences in terms of tourism of this international student growth in the country. To this end, this investigation uses the city of Porto as the unit of analysis of the case study, using a mixed methodology with semi-structured interviews and questionnaires. Five Higher Education Institutions (HEIs) from Porto were interviewed and the questionnaire was provided to 803 international mobility students. The analysis of collected qualitative data was performed using the Grounded Theory technique, and the quantitative data was carried out using the SPSS version 24 (Statistical Package for Social Sciences).

The results obtained show high levels of satisfaction with mobility in Porto, but with room for improvement. The study indicates that there is a strong relationship between international mobility and academic tourism, and that tourist experiences may influence the image of Portugal as a mobility destination, especially through word-of-mouth recommendation.

It was also found that the opportunities for developing partnerships between HEIs with local entities and associations can be further explored, through an aggregated strategy of Porto stakeholders to improve the promotion of the city as an international mobility destination and the satisfaction of students with carried out activities.

This research contributes with relevant information for tourism policy making by local entities and HEIs, which can develop joint strategies to work with future mobility students who are, simultaneously, tourists in the country.

Keywords: Academic Tourism; Academic Student Mobility; Erasmus; Porto; International Mobility

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| AGRADECIMENTOS | vi |
| RESUMO ANALÍTICO | vii |
| ABSTRACT | ix |
| SUMÁRIO | xi |
| Lista de Figuras | xiii |
| Lista de Tabelas..... | xiii |
| Lista de Gráficos | xiv |
| 1 – INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1. Contexto e Problemática | 1 |
| 1.2. Objetivos | 2 |
| 1.3. Estrutura do Trabalho | 2 |
| 2 – REVISÃO DA LITERATURA | 4 |
| 2.1. Estratégia da Revisão de Literatura..... | 4 |
| 2.2. Crescimento do Turismo em Portugal e na cidade do Porto..... | 5 |
| 2.3. Conceito de Turismo Académico | 8 |
| 2.4. Repercussões nas Economias | 15 |
| 2.5. Mobilidade Estudantil na Europa | 17 |
| 2.5.1. Programa Erasmus | 19 |
| 2.5.2. Participação de Portugal no programa Erasmus..... | 25 |
| 2.5.2.1. Mobilidade In | 25 |
| 2.5.2.2. Mobilidade Out..... | 26 |
| 2.5.3. Erasmus Student Network | 27 |
| 3 – METODOLOGIA | 29 |
| 3.1. Introdução | 29 |
| 3.2. Questões e Objetivos..... | 29 |
| 3.3. Abordagem Metodológica..... | 30 |
| 3.4. Identificação e Construção dos Instrumentos | 34 |
| 3.4.1. Entrevista | 34 |
| 3.4.2. Inquérito por questionário | 35 |
| 3.4.2.1. Universo e Amostragem | 38 |
| 3.4.2.2. Pré-teste..... | 39 |

| | |
|---|----|
| 4 – ANÁLISE DE RESULTADOS | 41 |
| 4.1. Análise Quantitativa | 41 |
| 4.1.1. Parte I: Perfil Sociodemográfico | 41 |
| 4.1.2. Parte II: Antes da Mobilidade..... | 46 |
| 4.1.3. Parte III: Durante a Mobilidade..... | 48 |
| 4.1.4. Parte IV: Depois da Mobilidade | 52 |
| 4.2. Análise de consistência interna | 56 |
| 4.3. Análise Qualitativa | 57 |
| 4.3.1. Técnica de Análise de Dados..... | 57 |
| 4.3.1.1. Caracterização das IES participantes..... | 58 |
| 4.3.1.2. Análise da Categoria: Desenvolvimento Estratégico..... | 61 |
| 4.3.1.3. Análise da Categoria: Atividades Acadêmicas..... | 64 |
| 4.3.1.4. Análise da Categoria: Atividades Turísticas e Culturais..... | 67 |
| 4.3.1.5. Análise da Categoria: Promoção turística da cidade | 71 |
| 4.3.2. Síntese conclusiva | 73 |
| 5 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS..... | 74 |
| 6 - CONCLUSÃO | 79 |
| 6.1. Conclusões Finais | 79 |
| 6.2. Limitações do Estudo..... | 83 |
| 6.3. Propostas para Estudos Futuros..... | 84 |
| 7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 86 |
| 8 - APÊNDICES | 95 |
| 8.1. Apêndice A: Protocolo de Consentimento Informado..... | 95 |
| 8.2. Apêndice B: Guião de Entrevista | 97 |
| 8.3. Apêndice C: Inquérito por questionário em Inglês..... | 99 |

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Prisma de experiência turística adaptado de Kapferer (1998) através de Morgan e Xu (2009)..... | 14 |
|---|----|

Lista de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Categoria utilizada na Escala de Likert..... | 35 |
| Tabela 2 - Estrutura do Questionário..... | 36 |
| Tabela 3 – Fundamentação teórica do questionário..... | 38 |
| Tabela 4 - Ficha técnica da amostra..... | 39 |
| Tabela 5 - Idade dos inquiridos..... | 42 |
| Tabela 6 - Nacionalidade dos inquiridos..... | 43 |
| Tabela 7 - Opiniões a antigos estudantes ou professores sobre Portugal/Universidades..... | 48 |
| Tabela 8 - Atividades organizadas pelas IES..... | 49 |
| Tabela 9 - Grau de satisfação das atividades das Universidades..... | 50 |
| Tabela 10 - Visitas a outras regiões e países durante mobilidade..... | 50 |
| Tabela 11 - Cálculo do Alfa de Cronbach..... | 56 |
| Tabela 12 - Categorização das instituições participantes..... | 59 |
| Tabela 13 - Codificação axial das entrevistas e respetivas categorias..... | 59 |

Lista de Gráficos

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 - Género dos inquiridos | 41 |
| Gráfico 2 - Residência dos inquiridos | 44 |
| Gráfico 3 - Duração da mobilidade dos inquiridos..... | 45 |
| Gráfico 4 - Fatores que influenciaram a escolha de Portugal para destino de mobilidade | 46 |
| Gráfico 5 - Esteve em Portugal antes da mobilidade? | 47 |
| Gráfico 6 - Motivos para prolongamento da mobilidade..... | 51 |
| Gráfico 7 - Grau de satisfação das experiências turísticas em Portugal | 52 |
| Gráfico 8 - Motivos para recomendação do destino turístico Portugal | 54 |
| Gráfico 9 - Grau de satisfação da mobilidade no Porto | 54 |
| Gráfico 10 - Motivos para recomendação do destino de mobilidade Portugal | 55 |

1 – INTRODUÇÃO

1.1. Contexto e Problemática

Em 1957, com o Tratado de Roma, a vida de milhões de europeus transformou-se pela promoção da liberdade de circulação na Europa. Viajar nunca foi tão fácil e os intercâmbios estudantis, bem como outros programas de mobilidade, vieram estimular a globalização e os movimentos interculturais. A tendência é positiva, pois as últimas décadas testemunharam um crescimento significativo na mobilidade estudantil (Rodríguez, Martínez-Roget, & Pawlowska, 2012; Van Mol & Ekamper, 2016). A educação e a cultura desempenham um papel fundamental para as pessoas se conhecerem melhor além-fronteiras e estarem cientes do que significa ser "europeu", de forma a manter uma herança cultural, de valores e de identidade comuns.

De acordo com as recomendações da Organização Mundial do Turismo, o turismo académico é uma parte separada do turismo (embora interligada com outros tipos de turismo) que engloba a mobilidade de estudantes, desde que essa mobilidade satisfaça certas condições. Portugal tem tido uma taxa de crescimento quase ininterrupta no que toca a país recetor do programa Erasmus (Comissão Europeia, 2016), porém, pouca atenção tem sido dada aos comportamentos turísticos dos estudantes durante o seu período de mobilidade. O impacto económico nos destinos proveniente da mobilidade destes estudantes, assim como os fatores que influenciam estes estudantes a realizar uma experiência de estudo no estrangeiro, a evolução do programa Erasmus, e os fatores que influenciam a escolha dos destinos, têm sido alvo de uma análise mais extensiva nos últimos anos, quer por parte da comunidade académica quer pela própria Comissão Europeia nos relatórios que produz sobre o programa.

A cidade do Porto foi escolhida como análise por ser a segunda cidade do país com mais estudantes internacionais e, ao mesmo tempo, por demonstrar um crescimento muito forte como destino turístico nos últimos anos. Este fenómeno tem trazido algumas mudanças à cidade, sendo crucial encontrar formas de lidar com uma maior pressão turística e adaptar as vivências dos habitantes locais à crescente multiculturalidade.

Neste processo, é imperativo entender os comportamentos da população estrangeira e as suas necessidades, de forma a melhorar processos e poder satisfazer de forma crescente tanto turistas como habitantes locais.

Assim, pretende-se que este estudo seja um importante contributo para a literatura científica no âmbito do turismo académico e, em particular, na relação entre o destino de mobilidade Porto e as experiências turísticas vividas na cidade e no país, com o objetivo de apoiar a definição de estratégias futuras relativas à promoção do destino, tanto turístico como de mobilidade com diferentes vertentes.

1.2. Objetivos

Os objetivos gerais deste estudo são compreender a relação entre as mobilidades internacionais e o turismo académico e perceber a influência deste tipo de turismo na imagem de Portugal como destino de mobilidade.

Assim, definem-se os seguintes objetivos específicos:

Objetivos Específicos:

- Analisar a relação entre os principais fatores para as mobilidades internacionais e a recomendação como destino turístico;
- Analisar a relação entre a satisfação dos estudantes com a mobilidade e a recomendação como destino turístico;
- Analisar a relação entre as experiências turísticas dos estudantes e a recomendação do destino para mobilidade;
- Conhecer as estratégias de internacionalização que as Instituições de Ensino Superior (IES) desenvolvem para promover o turismo académico.

1.3. Estrutura do Trabalho

A presente investigação encontra-se, assim, estruturada em 8 capítulos. No Capítulo 1, é realizada uma introdução ao contexto e problemática do tema, uma enumeração dos objetivos do trabalho e é apresentada a estrutura do mesmo.

O Capítulo 2 diz respeito à Revisão de Literatura. Primeiramente, é explicada a estratégia escolhida para a sua realização e, depois, avança-se para uma abordagem ao turismo em Portugal e no Porto, seguida de uma identificação do conceito de turismo académico e as respetivas repercussões na economia do destino. Depois, realiza-se uma análise à mobilidade estudantil na Europa e ao programa Erasmus+ em específico. Por fim, é referida a participação de Portugal no programa, seguida de uma apresentação da associação *Erasmus Student Network*.

O Capítulo 3 aborda o enquadramento metodológico da investigação, identificando as questões e objetivos da mesma. Por fim, são apresentados os instrumentos de recolha de dados qualitativos e quantitativos, assim como os procedimentos de análise dos dados.

O Capítulo 4 engloba a análise dos resultados, tanto qualitativos como quantitativos, contendo a ficha técnica da amostra, a validade dos instrumentos utilizados, e a respetiva análise dos dados.

O Capítulo 5 inclui uma discussão dos resultados obtidos e o Capítulo 6 refere as principais conclusões do estudo, obtidas a partir da revisão da literatura e da investigação empírica, bem como as limitações do estudo, a sua contribuição prática e para a comunidade científica, assim como propostas para estudos futuros.

Por fim, o Capítulo 7 lista as referências bibliográficas e o Capítulo 8 os Apêndices.

2 – REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Estratégia da Revisão de Literatura

A pesquisa da literatura foi realizada através de quatro agregadores e bases de dados como o SCOPUS, B-ON, ISI Web of Knowledge e RCAAP, com início no dia 10 de setembro de 2019. Selecionaram-se artigos publicados entre 2001 e 2019, em português, espanhol e inglês. No total foram recolhidos 96 artigos e, ao finalizar a pesquisa online, foram ainda encontrados outros estudos através das referências bibliográficas dos artigos já selecionados. Após uma cuidada seleção, foram utilizados 60 artigos neste estudo.

A seleção dos artigos foi feita, primeiramente, através das palavras-chave. De seguida, realizou-se uma leitura dos resumos para compreender se os artigos se enquadravam no tema proposto. O processo de exclusão de certos estudos baseou-se na falta de pertinência para o tema abordado neste trabalho ou por ser um estudo já demasiado antigo o que poderia, por consequência, ter informações já desatualizadas ou conclusões posteriormente refutadas. Foi tida em atenção a data dos artigos num período temporal até 20 anos atrás, no máximo, sendo utilizados com maior frequência os artigos mais atuais, uma vez que também é importante analisar as descobertas mais recentes da literatura.

Como palavras-chave, foram selecionadas três em inglês: *Academic Tourism*, *Erasmus*, *Student Mobility* e duas em português: Turismo Académico, Mobilidade Estudantil. Os operadores booleanos utilizados foram o *and/e*, e o *or/ou*, e no filtro utilizou-se a obrigatoriedade da presença de uma dessas palavras-chave no título e/ou resumo dos artigos encontrados.

2.2. Crescimento do Turismo em Portugal e na cidade do Porto

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2020)¹, no ano de 2019, as chegadas de turistas internacionais no mundo abrandaram, embora tenham mantido a tendência crescente (+3,8%). A Europa continua a ter a preferência da maioria dos turistas internacionais (peso de 50,9% no total) acolhendo 744,3 milhões. Em Portugal, o turismo tem ganho crescente importância, com um contributo de 8,7% no Produto Interno Bruto (PIB), atingindo, assim, 212,3 mil milhões de euros no ano passado. Segundo dados do Eurostat, Portugal continua a ocupar a 5ª posição entre os países com maior saldo na balança turística da União Europeia. Os principais países emissores de Portugal são, por ordem, o Reino Unido, França, Alemanha e Espanha.

Segundo as estatísticas do INE, em 2019 Portugal registou 27 milhões de hóspedes, o que representa uma subida de 7,3% face ao ano anterior. Os estrangeiros lideraram em número – 16,3 milhões – mas os hóspedes nacionais tiveram um maior crescimento (7,5% face aos 7,1% de hóspedes estrangeiros). De acordo com dados do Turismo de Portugal (2020)², esta é considerada a maior atividade económica exportadora do país e, só em 2019, foi responsável por 2,3% das exportações de serviços e por 19,7% das exportações totais.

O turismo em Portugal, até à chegada da pandemia em março de 2020, atingia números recorde, com aumento de emprego no setor (336,8 mil empregos em 2019), o que equivale a um peso de 6,9% na economia nacional. Ainda segundo a mesma fonte, as receitas turísticas aumentaram 8,1% e os proveitos globais 7,3%, o que equivale a 4,28 mil milhões de euros. O aumento das dormidas foi de 4,1%, em 2019. Os mercados têm vindo a diversificar-se, com crescimento expressivo do mercado americano (+21,4% hóspedes) e brasileiro (+15,2% hóspedes), no ano passado.

¹ Fonte: Instituto Nacional de Estatística (2020), disponível em https://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=353908971&DESTAQUESmodo=2, consultado a 23/06/2020

² Fonte: Turismo de Portugal (2020), disponível em http://www.turismodeportugal.pt/pt/Turismo_Portugal/visao_geral/Paginas/default.aspx, consultado a 22/06/2020

Além disso, o reconhecimento internacional através da atribuição de diversos prémios ao país também tem colocado Portugal numa posição de destaque. Em 2019, o país ganhou pela terceira vez consecutiva o prémio de melhor destino do mundo nos *World Travel Awards*, vencendo 13 categorias no total.³ Portugal já tinha sido reeleito "O melhor destino da Europa", o que indicava uma crescente afirmação internacional do país. Também o *Turismo de Portugal* foi eleito em 2019, pelo terceiro ano consecutivo, o "Melhor organismo oficial de turismo do mundo". Estes resultados têm vindo a demonstrar a capacidade do turismo gerar mais receita, mais emprego e alargar, cada vez mais, a atividade ao longo do ano e do território (Turismo de Portugal 2020).

De acordo com o Global Peace Index (2020)⁴, a Europa mantém-se como a região mais pacífica do mundo e Portugal manteve em Junho de 2020 o terceiro lugar dos países mais seguros do mundo – 1º lugar entre os países da União Europeia (UE). Além disso, de acordo com o *World Economic Forum* (WEF), em 2019 Portugal ficou em 12º lugar no ranking de competitividade no turismo a nível mundial (Turismo de Portugal, 2019).

Já o Porto não fica atrás no esforço de posicionamento e consolidação no mapa europeu, demonstrando um significativo reconhecimento turístico a nível internacional conquistado na última década. Considerada a cidade mais representativa da região Norte, tem atualmente uma população de 216.606 mil habitantes e mais de 1,7 milhões de habitantes na Área Metropolitana (estimativas de 2019).⁵ É uma das cidades mais antigas da Europa e o seu centro histórico está classificado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Património Cultural da Humanidade desde 1996. Foi ainda Cidade Europeia da Cultura em 2001, tendo vindo a desenvolver desde então um crescente número de manifestações artísticas na cidade.

Segunda maior cidade do país, tem sido alvo de grandes esforços para uma regeneração física e simbólica (Gusman et al. 2019). Também o crescimento do aeroporto do Porto e o aumento da frequência e rotas das companhias aéreas de baixo custo podem ser apontados como causas fomentadoras do turismo com um impacto direto muito

³ Fonte: Expresso (2019), disponível em: <https://expresso.pt/economia/2019-11-28-Portugal-e-o-melhor-destino-do-mundo-e-ganha-13-oscares-de-turismo>, consultado a 20/06/2020

⁴ Fonte: Global Peace Index (2020), disponível em: <http://visionofhumanity.org/indexes/global-peace-index/>, consultado a 23/06/2020

⁵ Fonte: PorData (2020), disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>, consultado em: 25/09/2020.

forte, segundo os mesmos autores. Em 2019, de acordo com dados da Agência Nacional da Aviação Civil (Anac), o Aeroporto Francisco Sá Carneiro recebeu mais de dois milhões e 500 mil passageiros no primeiro trimestre do ano, o que representa um crescimento de 9,1% em comparação com o período homólogo de 2018.⁶

A cidade já venceu por três vezes o prémio de melhor destino europeu pela *European Best Destinations*, em 2012, 2014 e 2017⁷. Assim, desde o ‘boom’ do turismo, as dinâmicas sociais e económicas da cidade foram transformadas para atender as necessidades de consumo temporárias, com foco principalmente em turistas (durante o dia) e estudantes (com maior intensidade à noite) (Gusman et al. 2019). Só em 2019, a região do Porto e Norte recebeu o maior número de turistas de sempre, de acordo com os dados da Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal (TPNP).⁸ O crescimento foi de 9,7%, o maior a nível nacional, correspondendo a 10,7 milhões de dormidas na região. Em 2018, o crescimento face ao ano anterior tinha sido de 5%. Só a cidade do Porto teve um aumento de dormidas em 10,9%, o que equivale a 6,5% do total de dormidas em Portugal no ano de 2019. Destas dormidas, 83% foram de hóspedes estrangeiros⁹, assumindo-se assim o Porto como um destino cada vez mais atrativo. A região Norte foi também, juntamente com o Algarve, a única que registou crescimento da estada média (+0,2%) durante o mês de dezembro de 2019. No conjunto dos meses desse mesmo ano, os proveitos totais a Norte aumentaram 13,9%. Em relação aos mercados, destaca-se o crescimento de 19,2% do mercado britânico na região.

Em 2018, dados do Instituto do Planeamento e Desenvolvimento do Turismo (IPDT) demonstraram que a pressão turística na cidade do Porto é cada vez maior e, por cada morador, existem oito visitantes, superando assim cidades como Londres ou Barcelona.¹⁰ Foi também em 2018 que o Porto se juntou a Lisboa na lista das 100 cidades

⁶ Fonte: Eco Sapo (2019), disponível em: <https://eco.sapo.pt/2019/09/07/hospitalidade-nortenha-atrai-cada-vez-mais-turistas-ao-porto/>, consultado em: 25/09/2020.

⁷ Fonte: European Best Destination (2017), disponível em: <https://www.europeanbestdestinations.com/best-of-europe/european-best-destinations-2017/>, consultado a 25/09/2020.

⁸ Fonte: Jornalismo Porto Net (2020), disponível em: <https://jpn.up.pt/2020/02/20/turismo-porto-e-norte-bate-recorde-de-turistas-em-2019/>, consultado em 25/09/2020.

⁹ Fonte: Dinheiro Vivo, disponível em: <https://www.dinheirovivo.pt/economia/portugal-a-beira-de-fechar-o-ano-com-recorde-de-26-milhoes-de-turistas/>, consultado em 25/09/2020.

¹⁰ Fonte: Público (2018), disponível em: <https://www.publico.pt/2018/04/04/sociedade/noticia/lisboa-e-porto-tem-mais-turistas-por-residente-que-londres-e-barcelona-1809036>, consultado em 25/09/2020.

mais visitadas do mundo, num ranking elaborado pelo Euromonitor International¹¹, tendo subido 42 posições entre 2012 e 2017. No último ranking disponível, de 2019, o Porto encontra-se em 96º lugar, com um crescimento de 6,4%. Também o *website* TripAdvisor, uma das plataformas de viagens mais conhecidas, classificou o Porto como um dos destinos tendência para 2020, garantindo assim a cidade o terceiro lugar no *Travellers' Choice Awards*.¹² O reconhecimento provém do facto de a cidade ter sido um dos destinos que reuniu, ao longo de 2019, as melhores avaliações e classificações.

Em ano de pandemia, o Porto tem vindo a demonstrar alguma recuperação desde os meses de verão, sendo que as quedas mensais e homólogas foram mais suaves do que em Lisboa e a recuperação foi mais rápida. De acordo com estatísticas disponibilizadas pela plataforma AirDNA¹³, as reservas subiram 30% em julho em relação a junho (a queda homóloga foi de 39%). A cidade do Porto tem também conquistando cada vez mais jovens. Um estudo do Turismo de Portugal (2017) relacionado com o perfil dos turistas identificou que os *millennials* (geração de 1980 a 1995) foram o principal segmento de turistas internacionais em visita ao Porto e Norte de Portugal durante o verão, representando 53% do total das visitas. O índice de satisfação e a intenção de recomendar a visita à cidade foi, numa escala de 1 a 7 pontos, de 6,4 pontos em ambos.

Assim, torna-se clara a crescente importância do Porto no que toca ao turismo, sendo, por isso, pertinente estudar esta cidade em vários segmentos, focando este estudo no segmento do turismo académico.

2.3. Conceito de Turismo Académico

Segundo Marinescu (2017), foi entre 1950 e 1985 que o turismo se tornou um fenómeno em massa e atrativo como setor, com taxas de crescimento consistentes. Identificar e analisar o comportamento dos turistas é um dos maiores desafios do turismo, o que faz com que seja necessário adequar frequentemente a comunicação dos

¹¹ Fonte: Euromonitor International (2018), disponível em: <https://blog.euromonitor.com/euromonitor-international-reveals-the-worlds-top-city-destinations-in-2018/>, consultado em 25/09/2020.

¹² Fonte: Público (2020), disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/26/fugas/noticia/porto-terceiro-destino-tendencias-tripadvisor-2020-1905605>, consultado em: 25/09/2020.

¹³ Fonte: Diário de Notícias (2020), disponível em: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/07-set-2020/porto-a-frente-de-lisboa-na-recuperacao-do-turismo-12697514.html>, consultado em: 25/09/2020.

bens e serviços (Chauke, 2015). A característica mais marcante que influenciou a indústria do turismo nos últimos anos é o amplo uso da Internet como instrumento para planejar uma viagem, comprar serviços e partilhar opiniões e comentários sobre viagens (Marinescu, 2017). Os jovens tornaram-se uma parte cada vez mais importante da indústria do turismo global nas últimas décadas, à medida que viajam com mais frequência e por distâncias maiores (Organização Mundial do Turismo, 2008).

Vários estudos (Rodríguez et al., 2012; Findlay et al., 2006; F. J. G. Rodríguez & Jiménez, 2015; Barry J. & Kuemlim, 2001) apontam que, apesar da crescente importância do turismo académico nas últimas décadas, este não tem sido amplamente analisado na literatura. O turismo académico pode também ter outras designações, como turismo educacional, turismo idiomático ou turismo juvenil (Martínez-Roget, Pawlowska, e Rodriguez, 2013), contudo, estas são limitadas (Pawlowska e Roget, 2009). A primeira refere-se unicamente à educação, não abrangendo as restantes vertentes da experiência; a segunda engloba apenas os cursos de línguas; e a terceira é demasiado ampla, pois considera turistas que não têm como objetivo primordial da mobilidade os estudos. Assim, este trabalho, pela similaridade do tema, segue o exemplo da maioria dos autores que se focaram em estudos sobre turismo académico e o programa Erasmus em específico (Pawlowska e Roget, 2009; Fernandes, Veloso, e Pawlowska, 2013; Amaro et al., 2019; Filipe et al., 2017), e que optam pelo termo “turismo académico”, embora as outras designações também tenham sido consideradas na pesquisa da revisão de literatura e alguns dos autores referenciados utilizem “turismo educacional”.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (2010, p.10), “um visitante é um viajante que viaja a um destino principal fora do seu ambiente habitual, por menos de um ano, para qualquer propósito principal (negócios, lazer ou outros fins pessoais) que não seja empregado por uma entidade residente no país”, adicionando depois que, no que toca aos estudantes “aqueles que fazem cursos de curta duração (menos de um ano) são visitantes, enquanto aqueles que fazem cursos de longa duração (um ano ou mais) devem ser considerados no seu ambiente habitual e excluídos dos visitantes” Organização Mundial do Turismo (2010, p.20). Assim, “de um ponto de vista concetual, a mobilidade universitária pode ser considerada como um tipo de turismo” (Martínez Roget, López, e Pawlowska 2013, p.230) englobando estudantes Erasmus e estudantes de

acordos bilaterais; estudantes de cursos de línguas e/ou cultura; estudantes de projetos de investigação e estudantes de outros intercâmbios, desde que a estadia seja inferior a 12 meses (Pawlowska e Roget, 2009). Desta forma, os estudantes podem ser divididos em dois grupos: os turistas académicos domésticos (que viajam no próprio país) e os turistas académicos internacionais (que viajam para outro país).

Lam, Ariffin, e Ahmad (2011) referem que os estudantes em mobilidade são motivados principalmente pela educação, mas podem ser classificados como turistas, mesmo que não sejam vistos como tal ou se o turismo não for a principal motivação para a deslocação. O estudo no exterior e o turismo estão inter-relacionados de várias maneiras. A ligação mais óbvia entre estudar no exterior e o turismo é que “a viagem é uma componente central de cada” (Stone e Petrick 2013, p.741) e que viajar tem vindo a ser considerado educacional ao longo dos tempos, segundo os mesmos autores. Viajar é uma maneira importante de conhecer novas culturas, envolvendo muito mais do que o simples conceito de passear, pois é uma forma de ganhar novas perspetivas sobre a vida, experimentar rotinas diferentes, ouvir e partilhar opiniões, e ganhar uma atitude mais tolerante e cooperativa, em sentido de aprendizagem (Filipe et al., 2017). Carneiro e Malta (2007, p.247) evidenciam que “apesar de viajar para aprender não ser novidade, os tempos recentes deram um novo ímpeto a este mercado, alimentado tanto pela expansão do ensino superior mundial quanto pelo desejo de aprender conteúdos em experiências turísticas”. Afinal, “a educação internacional não apenas ganhou importância como campo de estudo, mas também se tornou uma parte importante de muitos currículos universitários em todo o mundo” (Van Hoof & Verbeeten, 2005, p.54). Viajar em mobilidade é uma parte imanente da experiência dos alunos, garantindo uma oportunidade inestimável de se familiarizarem com o idioma, a cultura, a história e as tradições do país anfitrião (Filipe et al., 2017).

Embora interligado com outros tipos de turismo, o turismo académico tem algumas especificidades, entre as quais o propósito da estada (estudar), a duração da estada (normalmente mais longa), o tipo de alojamento (em dormitórios, apartamentos partilhados ou com famílias locais – diferente do turista convencional) e a capacidade de gerar visitas (a família e os amigos visitam normalmente os estudantes durante o período de mobilidade), de acordo com Martínez-Roget et al. (2013).

Os estudantes podem ser influenciados por vários fatores ao escolher um destino de mobilidade. Vários estudos (Rodriguez Gonzalez et al., 2011; Mazzarol & Soutar, 2002; Shanka, Quintal, & MEdMan, 2006; Marinescu, 2017) apontam que o tamanho e a reputação do país, o custo de vida, as acessibilidades, os transportes e alojamento, a qualidade da Instituição de Ensino Superior (IES), a língua do país, o clima e o *word-of-mouth* podem ser todos determinantes significativos na escolha de um destino de mobilidade.

Primeiramente, podemos abordar a imagem turística, “formada por um conjunto de atributos que definem o destino e é largamente reconhecida na literatura como fator de sucesso para qualquer destino turístico” (Rodrigues e Brito, 2009, p.40). “A imagem e a reputação de um país e das suas instituições parecem desempenhar um papel importante nas decisões dos estudantes”, de acordo com o estudo de Srikatanyoo & Gnoth (2002, p. 10). Também ao nível das cidades, as características das mesmas influenciam a tomada de decisão (Van Mol e Ekamper, 2016). Os destinos escolhidos são diversificados, mas, de acordo com os mesmos autores, as capitais e as grandes regiões metropolitanas são mais atraentes do que as localidades mais pequenas. Igualmente para Teichler (2004), as primeiras escolhas dos estudantes focam-se em grandes países ou cidades, e para Van Hoof e Verbeeten (2005), o interesse de um estudante em estudar no exterior pode ser despertado mais pela localização da instituição anfitriã e pela capacidade de viajar e ver algo do mundo, em vez dos estudos académicos propriamente ditos. Uma constatação importante do estudo de Llewellyn-Smith & McCabe (2008) é que os estudantes consideram os atributos de destino mais importantes do que os fatores da universidade. Como a tendência para socializar está a aumentar, os estudantes procuram cada vez mais destinos ‘trendy’ (Marinescu, 2017). Assim, a imagem do país influenciará a decisão final do potencial estudante (María Cubillo, Sánchez, e Cerviño, 2006).

Van Mol & Ekamper (2016), por sua vez, descobriram que a reputação e qualidade das instituições de ensino superior pode ser mais importante para os estudantes do Norte da Europa, sendo que os estudantes do sul parecem mover-se principalmente dentro da sua própria região, bem como em direção à Europa Oriental/de Leste. O estudo realizado por Carneiro & Malta (2007) vai de encontro a esta teoria, pois refere que Portugal tem

desenvolvido fluxos elevados de estudantes Erasmus com países mediterrânicos como a Espanha e a Itália, e também fluxos consideráveis com a Bélgica, a Alemanha e a França. A proximidade geográfica da pessoa ao país anfitrião também é referida como extremamente importante pelo estudo de Mazzarol & Soutar (2002), mas, para os autores, a qualidade da reputação da instituição é vista como o fator provavelmente mais importante na influência da escolha do destino do estudo. No mesmo sentido, segundo o estudo de X. A. Rodríguez et al. (2012), um fator económico significativo para a realização de uma mobilidade são os custos de viagem, refletindo, portanto, a importância da proximidade geográfica ao escolher um destino. A localização geográfica do país de destino pode ser uma forte motivação, pois permite que os estudantes estejam mais próximos das suas famílias ou que encontrem hábitos culturais semelhantes (Oliveira e Soares, 2016). Também segundo o estudo de Srikatanyoo & Gnoth (2002), no geral os estudantes tendem a escolher primeiro um país e depois selecionar uma instituição, embora uma imagem favorável/desfavorável do país possa criar crenças positivas/negativas das instituições, e vice-versa. De forma a capturar estudantes internacionais, as instituições precisam de desenvolver uma imagem distinta e competitiva (Lam et al., 2011). Uma Instituição de Ensino Superior (IES) que investe fortemente em educação internacional é percebida como propensa a oferecer um ambiente estimulante de aprendizagem (Stroud, 2010). Por sua vez, no estudo de Marinescu (2017) concluiu-se que as escolhas que os estudantes fazem quando são confrontados para decidir sobre a sua universidade anfitriã no estrangeiro começam a parecer-se com as escolhas dos turistas quanto aos seus destinos de férias. Assim, a qualidade das universidades desempenha um papel importante no processo de decisão, no entanto, os estudantes podem estar a avaliá-las através da imagem dos seus países anfitriões (Srikatanyoo e Gnoth, 2002). No caso de Portugal, o poder de atração do país aumentou, mas, segundo Sin, Tavares, e Neave (2017), foi devido à sua localização, clima e oportunidades de lazer e um pouco menos motivado pela imagem projetada pelo ensino superior no estrangeiro.

Já quanto ao custo de vida, “comparado com outros países da Europa Ocidental, Portugal tem um custo de vida relativamente baixo.” (Sin et al., 2017, p. 126) Apesar do apoio financeiro concedido pela União Europeia (EU) e por outras instituições, as diferenças de custo de vida e a distância ainda são relevantes ao explicar os fluxos

estudantis de mobilidade (Rodriguez Gonzalez et al., 2011). Assim, “o custo de vida em Portugal é uma vantagem competitiva e explica a atração por estudantes da Polónia e da Turquia” (Sin et al., 2017, p.131).

Já o estudo de Martínez-Roget et al. (2013) defende que os estudantes podem ajudar a espalhar a imagem da região via boca-a-boca. Também de acordo com o estudo de Amaro et al. (2019), os estudantes podem contribuir para uma imagem positiva do destino de mobilidade através da recomendação do mesmo a amigos e familiares. Assim, o número de turistas e estudantes internacionais em cada país anfitrião poderá aumentar graças a este fator. Além de convidarem familiares e amigos para os visitarem, os estudantes também mostram as atrações turísticas nas suas páginas de redes sociais, promovendo a cidade anfitriã e os restantes locais para onde viajam (Filipe et al., 2017).

Também o clima e estilo de vida/ambiente do país de destino são um fator influenciador da escolha do destino de mobilidade (Lam et al., 2011). No estudo de Morgan & Xu (2009), o maior segmento de estudantes escolheu locais como Espanha, Portugal, França, Croácia, Grécia, Chipre ou Turquia como os sítios mais memoráveis que visitaram como turistas, principalmente devido às experiências sociais e momentos de diversão com amigos e familiares. Este grupo de países também é normalmente reconhecido pelo clima quente e estilo de vida mais descontraído. Portugal, por exemplo, tem uma atraente localização mediterrânea e clima como fatores explicativos para a vinda de estudantes de mobilidade (Sin et al., 2017). No estudo de Filipe et al. (2017), quando perguntados sobre as motivações para a escolha da Universidade de Aveiro como destino, os participantes referiram imediatamente o clima e as praias, infraestruturas e ambientes socioeconómicos e culturais (boa relação custo/benefício, segurança e fácil acessibilidade). Esses fatores estão intimamente relacionados aos geralmente considerados pelos turistas.

Segundo Stroud (2010), quer um estudante veja uma experiência de estudos internacional como uma oportunidade de crescimento pessoal, uma responsabilidade como cidadão global ou um potenciador do currículo, o crescente número de estudantes que participam em programas de estudos no estrangeiro demonstra que é essencial entender quem são os interessados, ou não, neste tipo de experiência. As motivações

personais dos estudantes parecem ser influenciadas pela situação macroeconômica do seu país em comparação com os eventuais países de destino, assim como as suas perspectivas futuras (Mol e Timmerman, 2014). Através do estudo de Morgan & Xu (2009), podemos analisar um prisma das facetas de uma experiência turística, inspirado em Kapferer (1998), que demonstra os principais aspectos da comunicação entre o destino e o turista através do qual a experiência é cocriada, como se pode observar na Figura 1.

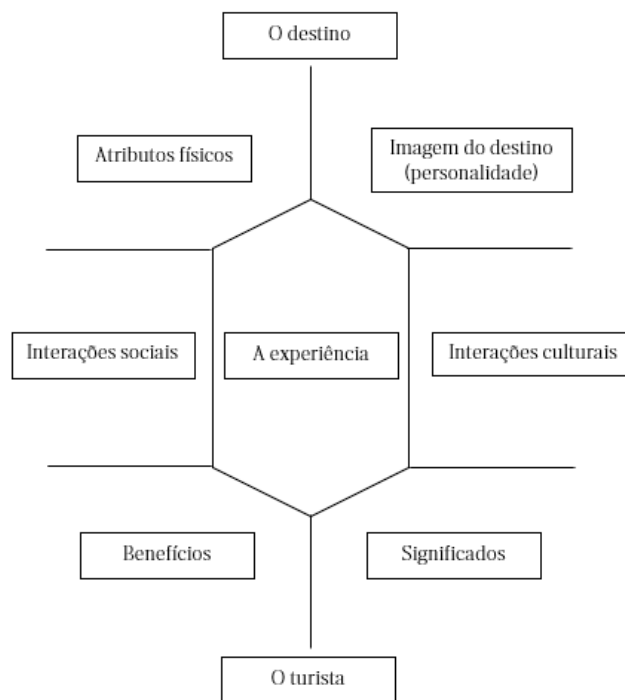


Figura 1 – Prisma de experiência turística adaptado de Kapferer (1998) através de Morgan e Xu (2009)

Segundo este estudo, os atributos físicos são os recursos individuais do destino e os serviços prestados. A personalidade é a imagem holística de um destino e os benefícios são os níveis de concordância com os benefícios emocionais provenientes da experiência. Já os significados são a maneira pela qual os turistas interpretam a experiência e lhe conferem um significado memorável nas suas vidas. Por sua vez, as interações sociais e culturais passam pela forma como a experiência é vivida e interpretada, dependendo de como o visitante observa o encontro e das diferenças culturais entre visitante e cultura anfitriã. Assim, todos estes fatores influenciam a experiência e a forma como o turista a recorda.

Num contexto em que a mobilidade dos estudantes e o setor do turismo estão a crescer, é importante entender melhor as possíveis conexões entre os dois, para criar uma sinergia eficaz entre educação e turismo (Filipe et al., 2017).

2.4. Repercussões nas Economias

O impulso vivido pelo turismo académico tem sido de tal magnitude, que “recentemente têm surgido questões sobre as suas possíveis repercussões nas economias, que podem ser comparáveis ao impacto de estadias turísticas mais convencionais” (Martínez Roget et al. 2013, p.231). Cada vez mais governos nacionais, regionais e locais estão interessados em promover os seus territórios como destinos de educação (María Cubillo et al., 2006). O turismo académico tem ganho notoriedade por contrariar a sazonalidade inerente ao turismo e pela possibilidade de estadas mais longas que se podem prolongar até dois semestres do ano letivo, trazendo benefícios não só para as Instituições de Ensino Superior como também para as cidades destino (Martínez-Roget et al., 2013). Este fator leva a um maior consumo de bens e serviços, graças à duração prolongada da permanência, e o impacto positivo é aumentado ainda mais pelas muitas visitas adicionais que gera (Fernandes, Veloso, & Pawlowska, 2013; Llewellyn-Smith & McCabe, 2008). Por exemplo, no estudo de Martínez-Roget et al. (2013), os autores estimaram, tendo em consideração o ano de 2008, que cada estudante Erasmus gastou 3,608 euros na Galícia. Num outro estudo em Santiago de Compostela, Espanha, os resultados da investigação revelam uma despesa média de cada estudante equivalente a 532 euros por mês (Pawlowska e Roget, 2009).

Os estudantes internacionais afetam o setor de turismo pelo dinheiro que gastam a viver no país anfitrião (especialmente a viajar), pelos visitantes que recebem, recomendando-o a outras pessoas e pretendendo retornar ao país (Amaro et al., 2019). Em termos de dormidas, um estudante internacional no ensino superior equivale aproximadamente a 80 turistas convencionais (Rodríguez et al., 2012). Nos tempos livres da sua estada, os estudantes aproveitam para viajar e realizar outro tipo de atividades, num esforço para entender melhor a cultura do país anfitrião e as pessoas (Barry J. & Kuemlim, 2001; Teichler, 2004). “Muitos dos benefícios do estudo no exterior podem ser

influenciados por (ou mesmo ser um resultado direto de) viagens e atividades turísticas”, segundo Stone & Petrick (2013, p. 736). É importante observar que as viagens e o turismo influenciam a decisão do destino da mobilidade (antecedentes e motivadores) e o sucesso dessa mobilidade (resultados e benefícios) (Filipe et al., 2017).

Um facto muito significativo do estudo de Roget et al. (2013) é que, na sua amostra, 93% dos estudantes estrangeiros durante a sua estadia fizeram viagens para outras áreas perto da região Erasmus (neste caso Galiza) e 71% viajaram para outros locais em Espanha (neste caso o país Erasmus), sendo que fora de Espanha o destino de eleição foi Portugal (país vizinho). Quanto às visitas de familiares e amigos, 75,8% dos inquiridos em Santiago de Compostela, no estudo de Pawlowska & Roget (2009), afirmam ter recebido pessoas durante a sua estadia em Erasmus, sendo que a média resultante é de 2,9 visitas por pessoa e a duração média é de 4,3 dias por visita. As motivações para viajar são intensificadas pelo facto de muitos estudantes internacionais não terem capacidade de permanecer no país anfitrião além do tempo previsto da mobilidade, pelo que tentam ver o máximo possível do país durante o tempo de estudo (Barry J. e Kuemlim, 2001).

O aluno que pretende estudar no exterior já sabe que enfrentará situações adversas e um grande impacto financeiro (Queijo, Silva, e Laureano, 2013). A maioria dos estudantes internacionais do mundo autofinancia-se, pelo que são a maior fonte de recursos para a educação internacional - não os governos, instituições académicas ou filantropos (Altbach e Knight, 2007). Os estudantes de mobilidade são uma importante fonte de rendimento, contribuindo para a economia local através das suas despesas de subsistência (Amaro et al., 2019). De qualquer forma, a mobilidade internacional tem vindo a ser promovida especialmente através de bolsas de estudo, acordos e programas de intercâmbio (Rodríguez et al., 2012). Em Portugal, a família é a principal fonte de financiamento da mobilidade, embora o apoio público desempenhe esse papel na maioria dos países, não sendo significativo em Portugal (Orr, Schnitzer, e Frackmann, 2008).

2.5. Mobilidade Estudantil na Europa

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) projeta que até 2025 o número de estudantes internacionais chegará a oito milhões (OECD, 2017). O ensino superior internacional tornou-se um serviço híbrido ou binacional que envolve dois países: o país anfitrião e o país da instituição (Srikatanyoo e Gnoth, 2002). A mobilidade entre estudantes tem crescido nas últimas décadas (Van Mol & Ekamper, 2016; Mutlu, 2011; Llewellyn-Smith & McCabe, 2008) e, globalmente, a Europa é o principal destino de estudantes internacionais, hospedando 48% (OECD, 2014). Já a União Europeia “é outra área geográfica chave da mobilidade interna, com 1,6 milhões de estudantes internacionais matriculados em programas europeus” (OECD, 2018, p.221). Segundo Roget, López, & Pawlowska (2013, p.230) “a nível europeu, esta mobilidade tem sido especialmente favorecida por uma série de fatores, entre os quais os numerosos acordos assinados entre universidades, a inclusão da oferta de cursos dirigidos exclusivamente a estudantes estrangeiros ou o fortalecimento de diferentes programas de intercâmbio”. Para os jovens europeus que decidem avançar para estudos superiores, estudar noutro país tornou-se uma opção normal (Teichler, 2004). Existe, atualmente, uma crença geral de que a mobilidade internacional de estudantes traz benefícios a diferentes níveis: para os estudantes, para o país de origem e para o país anfitrião (Amaro et al., 2019). Além disso, “estudar no exterior é uma oportunidade de obter uma educação de qualidade, adquirir habilidades que podem não ser ensinadas em casa e aproximar-se dos mercados de trabalho que oferecem maior retorno no que toca a educação” (OECD, 2018, p.218). Ao escolherem realizar um período de mobilidade, os estudantes tornam-se mais qualificados para uma carreira profissional no exterior (Teichler, 2004). Na verdade, os estudantes perceberam que a mobilidade internacional abre portas para carreiras internacionais e proporciona reconhecimento profissional (Javed et al., 2019). Além disso, uma experiência internacional é altamente valorizada em algumas culturas no que diz respeito ao percurso académico e profissional (Oliveira e Soares, 2016).

As motivações dos estudantes europeus para se tornarem estudantes de mobilidade são variadas. “As culturas de mobilidade moldam cada vez mais as motivações, aspirações e comportamento dos alunos, incentivando muitos a viver no estrangeiro por meio de viagens e por razões de estudo ou trabalho” (Findlay et al. 2006,

p.314). A mobilidade europeia é considerada vantajosa pelas oportunidades e perspectivas de viver no exterior ou até pela capacidade de obter empregos mais diversificados e melhores (Endes, 2015). Além de algumas razões já referidas para levar a cabo uma mobilidade estudantil, é também importante mencionar que esta decisão pode não ser tão livre e racional, “mas sim influenciada pelo número de pares que se movimentaram anteriormente” (Rodriguez Gonzalez et al., 2011, p. 422). No estudo de Lesjak et al. (2015), os autores sugerem que os participantes no programa Erasmus+ fazem-no por motivos que levam ao crescimento profissional e pessoal, maioritariamente. As viagens independentes dos estudantes, no estudo de Stone & Petrick (2013), resultaram em crescimento pessoal, desenvolvimento de habilidades para a vida, conhecimento geral e consciência social e cultural. Além disso, embora o objetivo principal dos estudantes seja a educação, durante o tempo livre praticam viagens e atividades de lazer (Lam et al., 2011). Já no estudo de Oliveira e Soares (2016), o resultado da experiência internacional e a aprendizagem durante um período no exterior são fortes motivações para deixar o país de origem, sendo que os alunos destacaram o possível contributo para o seu desenvolvimento individual, reforçando o respeito pelas outras formas de pensar e culturas e até praticar línguas estrangeiras.

Concretamente em Portugal, as escolhas dos estudantes pelas Instituições de Ensino Superior dependem da forma como as percebem nas suas distintas valências e as valorizam, nomeadamente ao nível da imagem, das expectativas, desejos, necessidades individuais, a qualidade técnica e funcional e o valor percebido, segundo o estudo de Lucas et al. (2017). No estudo de Simões e Soares (2010), os seguintes fatores de motivação ao escolher Portugal foram referidos: qualidade/reputação das universidades, proximidade geográfica, recomendação de professores/conselheiros, recomendação de antigos estudantes e recomendações de familiares. O custo de vida português é principalmente referido em comparação com outros países europeus, no estudo de Oliveira e Soares (2016). Também as IES têm feito o seu papel e atraído estudantes internacionais, quer através do regime geral de acesso, quer em programas de apoio financeiro à mobilidade (Lucas et al., 2017), especialmente através de programas europeus como o Erasmus.

2.5.1. Programa Erasmus

Em 1987 foi criado o programa Erasmus, financiado pela União Europeia (UE), com o objetivo de promover a mobilidade internacional de pessoas, aumentar o volume de cooperação entre diferentes organizações e melhorar a qualidade do ensino superior na Europa (Erasmus+). Outros dos seus objetivos são reduzir os preconceitos e aumentar o diálogo intercultural, unindo sociedades sob uma consciência europeia através do fortalecimento das interações entre os cidadãos membros da União Europeia (UE) (Mutlu, 2011). O programa recebeu o nome do humanista e teólogo holandês Desiderius Erasmus Roterodamus mas também é acrónimo para ‘European Region Action Scheme for the Mobility of University Students’ (Cunha e Santos, 2017). O programa dedica-se à educação, formação, juventude e desporto idealizado pela União Europeia e é a iniciativa de mobilidade mais bem sucedida do mundo (Filipe et al., 2017).

Em 1995, o Erasmus tornou-se parte do programa de educação Sócrates, e o espectro das suas atividades foi gradualmente ampliado para incluir a mobilidade de professores e a cooperação internacional entre universidades. A mobilidade de estudantes e professores universitários, os programas intensivos de curta duração, os projetos de desenvolvimento curricular conjunto e a implementação do sistema europeu de transferência de créditos académicos foram algumas das iniciativas. Esta última teve como objetivo garantir o reconhecimento dos períodos de estudo no estrangeiro, com estruturas compatíveis de graus de ensino em toda a União Europeia e transferência de créditos ECTS (Sistema Europeu de Transferência de Créditos) (Altbach e Knight, 2007). Para tal, o desenvolvimento do processo de Bolonha foi essencial, a partir do qual os sistemas académicos foram harmonizados (Filipe et al., 2017). Todavia, a passagem do ERASMUS para o SÓCRATES não foi simples, uma vez que “o programa já tinha adquirido uma alma e uma imagem própria” (Cunha e Santos, 2017). O programa Sócrates/Erasmus terminou em 2006, tendo concedido a mais de um milhão e meio de estudantes a chance de estudar no exterior. Depois, o “Lifelong Learning Programme” (Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida) substituiu o programa Sócrates em 2007 (para um período até 2013), com um orçamento de quase 7 mil milhões de euros. (Comissão Europeia, 2007) “Este programa continuava a destinar-se, na senda dos anteriores, a promover a cooperação, o intercâmbio e a mobilidade entre as universidades europeias.

O ERASMUS integrava o PALV como um dos seus programas sectoriais.” (Cunha & Santos, 2017, p.94). O programa, que decorreu de 2007 a 2013, financiou uma série de intercâmbios, visitas de estudo, *networking* e atividades. “Desde o primeiro ano, no qual 3200 estudantes de 11 países europeus partiram à descoberta (Bélgica, Dinamarca, Alemanha, Grécia, França, Irlanda, Itália, Holanda, Portugal, Espanha e Reino Unido), o programa tem evoluído constantemente” (Comissão Europeia, 2017) e, em 2014, combinou uma variedade de programas existentes na União Europeia em apenas um: Erasmus+.

Este último, aprovado a 19 de novembro de 2013 pelo Parlamento Europeu para o período corrente de 2014-2020, conta com um orçamento de 16,3 mil milhões de euros (Comissão Europeia, 2017) e é considerado “um dos instrumentos mais poderosos da integração europeia” (Llurda et al., 2016, p. 324). Agora, o Erasmus já não se dedica unicamente à educação académica, mas também ao ensino, treino profissional, educação vocacional, educação adulta, juventude e desporto.¹⁴ Com a mudança, tornou-se possível uma maior cooperação entre organizações, staff, autoridades e outros atores socioeconómicos. O programa foca-se, então, em quatro grandes áreas de ação: Educação, Treino, Juventude e Desporto, o que significa que:

- os jovens têm a oportunidade de estudar, voluntariar e ganhar experiência no estrangeiro, desenvolvendo novas competências e ganhando experiência internacional que enriquece o currículo;

- o staff académico pode ensinar ou treinar no estrangeiro, criando relações com os seus pares internacionais e desenvolvendo a prática profissional;

- as organizações podem colaborar com parceiros internacionais, criando inovação, partilhando boas práticas e oferecendo oportunidades aos jovens.

No domínio da Juventude, o programa divide-se em três Ações-Chave, apoiando as seguintes ações principais (Hopkins, 2019):

¹⁴ Fonte: Comissão Europeia (2016), disponível em: https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/about_pt, consultado em 14/04/2020.

- Ação-Chave 1 (mobilidade individual): é uma mobilidade para jovens e trabalhadores jovens, promovendo intercâmbios e mobilidade em cooperação com os países parceiros vizinhos da UE;

- Ação-Chave 2 (cooperação para a inovação e o intercâmbio de boas práticas): refere-se a projetos de capacitação no campo da juventude que promovem atividades de cooperação e mobilidade que tenham um impacto positivo no desenvolvimento qualitativo do trabalho com jovens, políticas e sistemas para a juventude, bem como no reconhecimento da educação não formal nos países parceiros, especialmente na África, Caribe e Pacífico (ACP), países asiáticos e latino-americanos;

- Ação-Chave 3 (apoio à reforma das políticas): refere-se à participação em reuniões internacionais, conferências e eventos que promovam o diálogo entre jovens e tomadores de decisão. Esta ação-chave promove o conhecimento nos domínios da educação, da formação e da juventude tendo em vista a definição e o *follow-up* de políticas bem fundamentadas.

Alguns dos atuais objetivos do Erasmus+ são contribuir para a estratégia Europa 2020 para o crescimento, o emprego, a equidade social e a inclusão, bem como contribuir para os objetivos do ET2020, o quadro estratégico da União Europeia para a educação e a formação. O Erasmus+ também visa promover o desenvolvimento sustentável dos seus parceiros no domínio do ensino superior e contribuir para a execução dos objetivos da Estratégia da UE para a Juventude (política de cooperação europeia de 2019-2027) (Comissão Europeia, 2018).

O programa está aberto a uma série de países, tanto na Europa como fora. Os países dividem-se, então, em dois grupos: ‘programme countries’ e ‘partner countries’. No primeiro, encontram-se os 27 Estados-Membro da UE e também Islândia, Liechtenstein, Noruega, Macedónia e Turquia. O Reino Unido encontra-se como país participante durante o período de transição, até 31 de dezembro de 2020. Já os ‘partner countries’ encontram-se divididos em 4 regiões. A primeira região inclui os países Balcãs Ocidentais: Albânia, Bósnia e Herzegovina, Kosovo e Montenegro. A segunda região inclui países parceiros orientais: Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Geórgia, Moldávia e Ucrânia. A terceira região inclui países do sul do Mediterrâneo: Argélia, Egito, Israel,

Jordânia, Líbano, Líbia, Marrocos, Palestina, Síria e Tunísia. A quarta região inclui a Federação Russa.

Só no ano de 2017, com um orçamento de 2.6 biliões de euros, o Erasmus+ apoiou 800 000 experiências de mobilidade internacional, isto é, mais 10% do que no ano anterior (Comissão Europeia, 2018). Depois de 30 anos em funcionamento, o programa já ajudou 9 milhões de pessoas a estudar, treinar, ensinar ou ser voluntário noutra país (Comissão Europeia, 2018). Fala-se, assim, na “geração Erasmus”, normalmente associada à geração *Y/millennials*. Segundo a Comissão Europeia (2020), em 2018 (último ano com dados disponíveis), o programa voltou a bater o recorde de participantes e beneficiários. No total, 95 mil organizações receberam fundos para organizar 23500 projetos. Na educação superior, mais de 470 mil estudantes, estagiários e ‘staff’ passaram um período de aprendizagem no estrangeiro. Em projetos de mobilidade jovem estiveram envolvidos mais de 155 mil participantes e, por fim, a Semana Europeia do Desporto contou com mais de 50 mil eventos por toda a Europa. O orçamento do programa em 2018 foi de 2.8 biliões de euros. Este valor é distribuído e gerido pelas Agências Nacionais de cada país (Comissão Europeia, 2020).

A 30 de maio de 2018, a Comissão Europeia adotou a sua proposta para o próximo programa Erasmus, com o dobro do orçamento para 30 mil milhões de euros no período 2021-2027. O facto deste programa ser apoiado por um sistema de bolsas reforça a ideia de investimento no Espaço Europeu de Ensino Superior, com vista a promover a competitividade, a inovação e o crescimento económico, bem como a cooperação entre os Estados membros (Llurda et al., 2016). Contudo, no caso da bolsa Erasmus, esta é muitas vezes paga demasiado tarde pela agência a cargo da Comissão (Teichler, 2004), havendo sugestões para um maior apoio económico de forma a melhorar a mobilidade de estudantes Erasmus (Rodriguez Gonzalez et al., 2011).

Um dos focos do programa é que “os estudantes utilizem a sua estada no estrangeiro para se envolverem em contactos significativos com outros europeus, tornando-se mais conscientes e interessados na Europa e, até, identificarem-se como europeus” (Mitchell 2012, p.491), eliminando preconceitos e reforçando o conceito de consciência europeia (Mutlu, 2011; Lesjak et al., 2015). Alguns estudos já demonstraram

que este objetivo é, em grande parte, cumprido. Llurda et al. (2016), Mitchell (2012) e Mol (2018) descobriram que a participação dos estudantes no programa Erasmus+ parece ampliar os sentimentos de pertença à Europa, tornando-se mais interessados noutros países, povos e culturas europeias. “Até as noções de “casa”, “fora” e “no exterior” ficaram confusas, pois os membros da comunidade transnacional podem-se sentir em ‘casa’ em dois ou mais lugares” (King, 2002, p.102). Além disso, a mobilidade de curto e longo prazo mostrou um efeito indireto significativo na intenção de votar nas próximas eleições da UE por meio da identificação europeia, atitudes positivas em relação à UE e visão da mesma como uma comunidade de valores partilhados (Mazzoni et al., 2018). Contudo, Mol & Timmerman (2014, p. 477) afirmam que, numa Europa integradora, “os contextos nacionais ainda desempenham um papel importante na formação das motivações e opções de mobilidade dos alunos.” Todos aqueles que beneficiaram do programa Erasmus+ são um excelente exemplo da importância da possibilidade de circular livremente na Europa. “A diversidade cultural da Europa é uma força que alimenta a criatividade e a inovação e, ao mesmo tempo, há um terreno comum que compõe as características distintas do modo de vida europeu” (Comissão Europeia, 2017, p.3). O programa revelou-se muito benéfico para estudantes e Instituições de Ensino Superior (IES) nos países membros, e espera promover o turismo na Europa (Filipe et al., 2017).

A mobilidade Erasmus foi aceite como uma oportunidade de viajar e usufruir de diferentes condições climáticas e de novas atividades de lazer e desporto, mencionadas pelos participantes do estudo de Filipe et al. (2017) como parte dos aspetos mais fortes da sua mobilidade e relevantes durante o processo de decisão. Os estudantes Erasmus devem ser expostos à cultura anfitriã e devem ser incentivados a socializar com os alunos da instituição anfitriã e com os locais (Lesjak et al., 2015). O estudo de Mutlu (2011) demonstra que, durante a experiência de Erasmus, os alunos estão felizes em descobrir um novo “eu”, um novo lugar, uma nova cultura, novos gostos, fazer novos amigos e viver o espírito europeu. Os estudantes de mobilidade consideram que uma educação internacional os beneficia a nível pessoal e que os ajuda a tornarem-se adultos mais maduros, compassivos diante das diferenças culturais e capazes de viver e trabalhar em ambientes diferentes (Van Hoof e Verbeeten, 2005). Para os estudantes de mobilidade em Portugal, no estudo de Sin et al. (2017), a mobilidade também estava intimamente associada ao desenvolvimento individual, com a aquisição de novas

competências, maturidade e autonomia pessoal. É conhecido entre estudantes o termo “Erasmus Spirit”, usualmente atribuído ao prolongamento do estilo de vida levado a cabo durante a mobilidade. Segundo Mutlu (2011, p. 94) esta designação inclui “a descoberta pessoal e de novos lugares, gostos, amigos, entretenimento e viagens, excluindo preconceitos, isolamento, identidades nacionais, étnicas e religiosas.” Afinal, o programa permite que os indivíduos passem um tempo limitado num país estrangeiro, numa universidade estrangeira, enquanto se podem desenvolver profissionalmente e pessoalmente e também desfrutar de algum tempo fora de casa (Lesjak et al., 2015). Embora os alunos passem por vários problemas, como estabelecer-se num novo ambiente, esforços de adaptação, processos económicos e burocráticos, o estudo de Mutlu (2011) mostra que os estudantes quase nunca mencionam esses problemas. Por conseguinte, pode concluir-se que viver os aspetos interessantes do programa Erasmus (explorar coisas novas) é muito mais importante do que os problemas que enfrentam (Mutlu, 2011). As razões tradicionais pelas quais os alunos se candidatam a uma bolsa Erasmus incluem adquirir nova experiência na vida profissional e quotidiana, uma melhor qualidade do sistema educacional, aprender outras línguas, melhorar o currículo, aprimorar as suas perspetivas de carreira ou simplesmente encontrar novos amigos em ambiente multicultural, além de viajar e passear (Marinescu, 2017). Explorar as oportunidades de viajar é visto como uma parte essencial da mobilidade Erasmus, melhorando a aprendizagem cultural e a integração social, especialmente entre outros estudantes (Filipe et al., 2017). O estudo de Lesjak et al. (2015) sugere que as principais razões para realizar uma mobilidade estudantil são o crescimento profissional e pessoal.

Com o fenómeno da globalização, aumento da competitividade e crescente necessidade dos estudantes adquirirem competências mais dinâmicas e ajustáveis a diferentes contextos, “a internacionalização das Instituições de Ensino Superior e a captação de estudantes internacionais têm assumido uma das prioridades estratégicas de importância crescente” (Lucas et al., 2017, p.186). Os alunos estão-se a tornar extremamente críticos e analíticos ao escolher as suas instituições de ensino, devido à crescente competência na educação internacional (Lam et al., 2011). Assim, segundo o estudo de Rodriguez Gonzalez et al. (2011), uma maneira de aumentar os números da mobilidade estudantil Erasmus poderia passar por assinar mais acordos com os países vizinhos. Além disso, do ponto de vista económico, o estudo de Lesjak et al. (2015)

recomenda que a União Europeia possa impulsionar o turismo e aliviar a sua economia enfraquecida através do programa Erasmus e da mobilidade internacional de intercâmbio de estudantes.

2.5.2. Participação de Portugal no programa Erasmus

2.5.2.1. Mobilidade In

Portugal é país participante do programa desde o início do mesmo, em 1987. A gestão do Programa “compete à Agência Nacional ERASMUS+, criada em fevereiro de 2014, e que está sob a tutela dos ministérios da Educação; da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; e do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social” (Cunha & Santos, 2017, p.52). Desde 2000/01, a mobilidade em Portugal reflete a tendência geral da Europa, mas a um ritmo mais rápido que a média europeia (Sin et al., 2017). Portugal não apenas desempenha um papel importante como gerador de estudantes Erasmus, mas também hospeda um número elevado de estudantes todos os anos (Carneiro e Malta, 2007). De acordo com os dados mais recentes (Setembro 2020) da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC, 2020), no ano letivo de 2019/2020 encontravam-se inscritos 16674 alunos ao abrigo de programas de mobilidade internacional, isto é, uma mobilidade de crédito: “inscritos num estabelecimento de ensino superior português, na modalidade de estudo ou de estágio, por um determinado período, tendo como finalidade a obtenção de créditos académicos posteriormente reconhecidos pela instituição estrangeira de origem a que pertencem”, segundo definição da DGEEC. Destes estudantes, 59,7% chegaram através de programas financiados pela União Europeia, como o Erasmus+. As nacionalidades mais representadas no nosso país, em mobilidade de crédito, são a brasileira (32%) seguida pela espanhola (25%), italiana (20%), polaca (12%) e alemã (11%). A região Norte foi a que registou maior aumento no número de inscritos em mobilidade internacional (5067 em 2017/18 e 5388 em 2018/19) (DGEEC, 2019).

Já a mobilidade de grau, segundo definição da DGEEC, é composta por estudantes que se encontram “inscritos num curso de um estabelecimento de ensino superior português, que concluíram o ensino secundário num país estrangeiro e que têm como

finalidade a obtenção de um diploma português (excluindo a mobilidade de crédito e a Universidade Aberta).” Em 2019/2020, contaram-se 44005 alunos e as nacionalidades mais representadas são Brasil (41,1%), Cabo-Verde (10,5%), Guiné-Bissau (8,5%), Angola (8,2%) e França (4,6%). Estes alunos seguem a tendência e continuam a concentrar-se principalmente em estabelecimentos localizados na região Norte (35%) e Área Metropolitana de Lisboa (32,7%). Também neste caso, a região Norte assinalou um aumento de 40,2% em 2018/2019 (9116 em 2017/2018 para 12781 em 2018/2019). Assim, em 2019/2020, foram precisamente 60679 os alunos estrangeiros inscritos em Instituições de Ensino Superior portuguesas, representando já 15,3% do total de inscritos do ensino superior (DGEEC, 2020). Como demonstrado pelos dados, a região Norte tem assinalado um aumento significativo de estudantes. Será, portanto, pertinente estudar este aumento de interesse na área metropolitana do Porto em concreto, capital do Norte por excelência.

2.5.2.2. Mobilidade Out

Quanto a mobilidade out (envio de estudantes portugueses em mobilidade), de acordo com a Comissão Europeia (2020), no ano de 2018, último ano com dados disponíveis, a universidade portuguesa que mais estudantes enviou foi a Universidade do Porto, seguida da Universidade de Lisboa e, por fim, da Universidade de Coimbra. Desde 2014, início do período de Erasmus+ previsto até 2020, os países que receberam mais estudantes portugueses, por ordem, foram a Espanha, Itália e Polónia, mantendo-se inalterável até agora. A mobilidade out tem vindo a aumentar, mas mais lentamente do que a mobilidade in. Para os estudantes portugueses, o principal obstáculo à mobilidade é o dinheiro, uma vez que as bolsas não cobrem sequer as despesas básicas e há uma falta de apoio público nacional (Sin et al., 2017). O mesmo estudo refere também que a renda mais baixa das famílias portuguesas dificulta a sobrevivência dos estudantes nos países da Europa Ocidental. Estes fatores explicam, assim, a escolha por países mais próximos, como Espanha. Portugal “tem desempenhado um papel muito importante no contexto do programa Erasmus” (Carneiro e Malta, 2007, p. 252), e tem tido um crescimento quase ininterrupto de estudantes *‘incoming’* (Comissão Europeia, 2016). “Até 2006, os fluxos de mobilidade de entrada e saída foram equilibrados mas, a partir desse ano, a mobilidade de entrada aumentou mais rapidamente do que a mobilidade de

saída, estando Portugal a torna-se num país importador” (Sin et al., 2017, p. 125). Normalmente, o programa traduz-se num enorme desenvolvimento pessoal, o que tornou o Erasmus extremamente popular ao longo dos anos, especialmente para países da Europa Central e Oriental, bem como Itália, Espanha e Portugal (Marinescu, 2017).

Em suma, devido ao crescimento do fenómeno da mobilidade internacional na Europa e também em Portugal, com o Porto a ser uma das principais cidades recetoras e emissoras de estudantes Erasmus+ no país, é importante perceber o comportamento e motivações dos estudantes enquanto viajantes e investigar o impacto das características das experiências turísticas na imagem da cidade como destino de mobilidade.

2.5.3. Erasmus Student Network

Em 1987, a Comunidade Europeia (CE) começou a definir um plano de mobilidade para o ensino superior, sendo que parte do mesmo era o programa Erasmus. Dois anos depois, 32 alunos que tinham realizado um período de mobilidade Erasmus foram convidados pelo Erasmus bureau para uma reunião na Bélgica, marcando assim o ponto de partida para a criação da associação *Erasmus Student Network* (ESN).¹⁵ O lema é, desde o início, “*students helping students*”, sendo esta uma organização composta unicamente por estudantes voluntários. Assim, a 16 de Outubro de 1989, foi fundada a primeira secção ESN em Utrecht, na Holanda. Em 2005, a ESN estabeleceu-se oficialmente em Bruxelas, onde se encontra a Direção Internacional, o Secretariado e os estagiários. Atualmente, a *Erasmus Student Network* é composta por 540 secções locais distribuídas por 42 países.

A organização divide-se em 3 níveis: local, nacional e internacional. Em Portugal, a primeira secção foi criada no Porto em 1991 sob o nome In-net. Em 2002, tornou-se oficialmente parte da rede ESN. Depois disso, a rede foi aumentando e, atualmente, Portugal conta com 15 secções distribuídas da seguinte forma: ESN Algarve, ESN Almada, ESN Aveiro, ESN Bragança, ESN Castelo Branco, ESN Coimbra, ESN Covilhã, ESN Évora,

¹⁵ Fonte: Erasmus Student Network (2020), disponível em: <https://esn.org/history>, consultado em 10/02/2020.

ESN Leiria, ESN Lisboa, ESN Madeira, ESN Minho, ESN Porto, ESN Tomar e ESN UTAD. A ESN Portugal, legalmente registada desde 2009, conta com cerca de 500 voluntários em todo o país.

A *Erasmus Student Network* compromete-se a ajudar os estudantes estrangeiros que decidem fazer em Portugal a sua mobilidade Erasmus. Os voluntários organizam todo o tipo de atividades, desde viagens, festas e projetos de solidariedade, acabando por ter um papel fulcral na promoção do turismo académico em Portugal. Além dos custos e do clima, as atividades sociais e viagens organizadas pela instituição anfitriã também são aspetos valorizados pelos alunos (Marinescu, 2017). Assim, as Instituições anfitriãs podem colaborar com as entidades locais, como é o caso da ESN, no desenvolvimento de passeios especiais, onde os alunos podem aprender sobre diferentes questões enquanto ainda se divertem (Lesjak et al., 2015). Em Portugal, muitas Instituições de Ensino Superior mantêm um protocolo e uma estreita ligação com a ESN, de forma a proporcionar atividades de lazer e um apoio direto de estudantes locais aos seus estudantes internacionais.

3 – METODOLOGIA

3.1. Introdução

A investigação científica é uma forma rigorosa de obter conhecimento, e tem como objetivo fundamental analisar problemas através de procedimentos científicos. Esta investigação foi iniciada por uma pesquisa de informação sobre o tema em geral e outros subtemas relacionados, com esclarecimento de conceitos e partilha de informação sob vários pontos de vista, culminando numa revisão da literatura. Este levantamento bibliográfico abordou vários pontos, como o turismo em Portugal e no Porto, o turismo académico e as suas especificidades, bem como as possíveis repercussões económicas, a mobilidade estudantil na Europa, o programa Erasmus em específico (sendo o maior programa de mobilidade europeu) e o seu desenvolvimento em Portugal e, por fim, a associação *Erasmus Student Network* como impulsionadora de experiências turísticas.

O presente capítulo visa apresentar e descrever os métodos de investigação utilizados para dar resposta aos objetivos identificados neste estudo. Assim, a secção está dividida em 4 partes: (1) introdução do capítulo, (2) apresentação das questões e objetivos gerais e específicos do estudo; (3) abordagem metodológica, onde é explicada a metodologia utilizada; e (4) técnicas de recolha e análise de dados consideradas mais adequadas ao estudo.

3.2. Questões e Objetivos

Como mencionado no capítulo da Introdução, esta investigação retrata um segmento do turismo, o turismo académico, e o fator de atração examinado neste estudo são as experiências turísticas e em que medida afetam a escolha do Porto e de Portugal como destino de mobilidade e/ou a possível recomendação do destino. Para tal, a questão de investigação, que guia o desenvolvimento do estudo, foi formulada da seguinte maneira: De que forma as experiências turísticas dos estudantes de mobilidade do Porto se relacionam com a imagem de Portugal como destino de mobilidade?

Como objetivos deste estudo, foram definidos:

Objetivos Gerais:

- 1. Compreender a relação entre as mobilidades internacionais e o turismo académico;
- 2. Perceber a influência do turismo académico na imagem de Portugal como destino de mobilidade.

Objetivos Específicos:

- 3. Analisar a relação entre os principais fatores para as mobilidades internacionais e a recomendação como destino turístico;
- 4. Analisar a relação entre a satisfação dos estudantes com a mobilidade e a recomendação como destino turístico;
- 5. Analisar a relação entre as experiências turísticas dos estudantes e a recomendação do destino para mobilidade;
- 6. Conhecer as estratégias de internacionalização que as Instituições de Ensino Superior (IES) desenvolvem para promover o turismo académico.

3.3. Abordagem Metodológica

Esta subsecção define e caracteriza a metodologia adotada para este trabalho, descrevendo os processos utilizados no desenvolvimento do estudo. Este iniciou-se com a definição dos objetivos gerais e específicos, seguindo-se a definição das etapas do processo de investigação, passando depois para a recolha de dados e, por fim, para análise dos mesmos. Segundo Marujo (2013), a metodologia deve ser selecionada em função dos objetivos de investigação e do tipo de análise que o investigador deseja realizar, de modo a satisfazer as necessidades específicas do projeto de investigação.

Nesta investigação, foi desenvolvido um estudo sobre as mobilidades Erasmus no Porto, por isso, a unidade de análise deste estudo de caso é a cidade do Porto. No geral, os estudos de caso são utilizados quando o investigador tem pouco controlo sobre os eventos e quando o foco é um fenómeno contemporâneo dentro de um contexto real

(Yin., 2014). Segundo o mesmo autor, como estratégia de pesquisa, o estudo de caso permite ao investigador reter características significativas de eventos da vida real. Este pode ser utilizado em muitos campos, e as perguntas “como” e “porquê” são centrais para o uso desta estratégia, especialmente através da questão de investigação. Uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso são as entrevistas, onde os entrevistados se podem tornar informadores, sendo esse um ponto crítico de sucesso (Yin, 2014). Os estudos de caso não devem ser limitados por uma única fonte de informação, pois o ideal é que se baseiem em uma ou mais estratégias. Assim, o presente estudo favorece a utilização de um estudo de caso, pelos motivos listados em cima, que estão em concordância com a metodologia utilizada, e também por ter adotado uma abordagem que recorre a duas estratégias, a quantitativa e a qualitativa.

Segundo Marujo (2013), no turismo, tal como em outras áreas de investigação, as abordagens qualitativa e quantitativa incluem diferentes métodos de pesquisa, mas a sua aplicação pode ser complementar e enriquecer o objeto de estudo.

A estratégia quantitativa pode facilitar a identificação de padrões e semelhanças repetidos, ao mesmo tempo que é essencial para os investigadores que pretendem transformar fenómenos pouco compreendidos em construções distintas e mensuráveis (Bamberger e Ang, 2015). Uma amostra representativa assegura a possibilidade de uma generalização dos resultados (Günther, 2006). Uma das razões para o aumento de estudos quantitativos na área do Turismo está associada ao aparecimento e desenvolvimento dos destinos turísticos, o que faz com que o setor necessite cada vez mais destes estudos para se tornar mais competitivo no mercado (Marujo, 2013). Este método é fundamentado em conhecimento matemático e estatístico, ao contrário do método qualitativo, que tem um foco inerentemente literário e humanístico (Gephart, 2004).

Uma distinção mais acentuada entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa diz respeito à interação dinâmica entre o investigador e o objeto de estudo, pois no caso da pesquisa quantitativa, dificilmente se tem contacto com o participante após a recolha de dados (Günther, 2006). Um valor importante do método qualitativo é a descrição e o entendimento das interações, significados e processos humanos reais. Este método permite, assim, completar lacunas no conhecimento existente, bem como

consolidar as situações em que são detetadas inconsistências, nomeadamente entre o que a teoria prevê e os resultados da investigação realizada (Marujo, 2013). A pesquisa qualitativa fornece informações difíceis de produzir com pesquisa quantitativa - por exemplo - pode fornecer descrições detalhadas de ações reais em contextos da vida real (Gephart, 2004). As pesquisas qualitativas e quantitativas podem ser apropriadas em diferentes etapas do processo de uma investigação em turismo (Marujo, 2013). Neste âmbito, as duas técnicas adotadas para a recolha de dados desta pesquisa foram o inquérito por questionário e a entrevista semiestruturada.

A entrevista “é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes procura recolher dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (Gil, 2008, p.109), onde é fundamental existir alguém que entreviste, alguém que seja entrevistado e o conteúdo da entrevista, para o qual existe um objetivo específico (D’Espíndula e França, 2016). É uma das técnicas de recolha de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais, sendo adotada como técnica fundamental de investigação nos mais diversos campos (Gil, 2008). Segundo o mesmo autor, pode-se afirmar que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi conseguido graças à sua aplicação. As entrevistas têm como alguns dos seus pontos fortes poderem ser utilizadas com todos os segmentos da população (analfabetos ou alfabetizados); uma maior flexibilidade para repetir ou esclarecer perguntas; uma maior oportunidade para avaliar atitudes e condutas, com o entrevistador como observador; e a oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos (Marconi e Lakatos, 2010). Podem ser definidos diferentes tipos de entrevista, em função do seu nível de estruturação. Nas entrevistas estruturadas, a formulação das perguntas assume um carácter metódico; já nas entrevistas não estruturadas o desenvolvimento das perguntas depende do contexto da conversa (Gil, 2008).

Nesta dissertação de mestrado, as entrevistas realizadas foram do tipo semiestruturadas. Isto é, partiram de um conjunto de questões previamente estabelecidas mas, ao mesmo tempo, foi possível interagir e colocar questões ao longo da entrevista que não estivessem previstas no guião, também para que se pudesse esclarecer alguns pontos menos claros. Este tipo de entrevista permite a obtenção de informação essencial à investigação e uma análise de dados mais direcionada, que não

seria possível sem a mesma (Günther, 2006). A análise dos dados foi realizada segundo o método da análise temática de conteúdo, recorrendo à técnica da Grounded Theory para a codificação dos dados recolhidos. Esta técnica baseia-se na identificação das categorias semânticas criadas a partir da análise dos discursos, até este processo ficar saturado, criando assim uma teoria sobre um fenómeno social em estudo. Terminada a etapa de recolha de dados a partir da realização de entrevistas, estes são submetidos a um processo de codificação e interpretação. Assim, realizam-se, subsequentemente, três tipos de codificação: aberta, axial e seletiva. A codificação axial consiste num conjunto de procedimentos através dos quais os dados já conceptualizados são reorganizados tendo por base a ligação entre as categorias, ou seja, os códigos obtidos na codificação aberta começam a ser projetados para estabelecer uma categoria central, onde se identificam as categorias relevantes a serem agrupadas, bem como se realiza um processo de comparação entre as diversas categorias. Na última fase, a codificação seletiva consiste num processo de seleção da categoria central, ou seja, a atribuição de uma categoria principal, resultante da relação encontrada entre os códigos axiais já identificados. É nesta fase construída a narrativa descritiva do fenómeno central do estudo (Charmaz, 2014).

Já o questionário pode definir-se como “a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado” (Gil, 2008, p.121). Os temas referidos no questionário devem estar em consonância com os objetivos geral e específicos da investigação (Marconi e Lakatos, 2010). O questionário apresenta alguns pontos fortes, como a possibilidade de atingir um grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa; menores gastos; garantia de anonimato; flexibilidade quanto ao período da resposta e a não exposição à influência das opiniões e do aspeto pessoal do entrevistador (Gil, 2008). O processo de elaboração de um questionário é longo e complexo: exige cuidado na seleção das questões, levando em consideração a sua importância, isto é, se oferece condições para a obtenção de informações válidas (Marconi e Lakatos, 2010). As questões do questionário podem ser de resposta aberta e/ou fechada. As primeiras permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria e emitindo opiniões; as

segundas são aquelas em que o informante escolhe a sua resposta entre opções, o que posteriormente facilita o trabalho do investigador (Marconi e Lakatos, 2010). Para a análise dos dados obtidos através do inquérito por questionário foi utilizado o programa de análise estatística, Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 24.

3.4. Identificação e Construção dos Instrumentos

3.4.1. Entrevista

A aplicação das entrevistas antecedeu a elaboração do questionário, por isso, numa primeira abordagem, procedeu-se ao contacto com cada uma das quinze Instituições de Ensino Superior (IES) da cidade do Porto, de modo a solicitar a sua colaboração e participação no projeto, no âmbito dos seus programas de mobilidade e eventuais estratégias de internacionalização. Via e-mail, e posteriormente por telefone, foi explicado o objetivo da investigação e a importância da intervenção dos participantes no desenvolvimento do estudo, garantindo assim que a entrevista só seria usada neste projeto. Foram agendadas as entrevistas atendendo à disponibilidade dos entrevistados. Devido à atual pandemia Covid-19, as mesmas foram realizadas online, através do *software* de videochamada “Zoom”. Todas as entrevistas foram gravadas, com autorização prévia. Apenas cinco das 15 Instituições contactadas se mostraram disponíveis para participar no trabalho, totalizando um total de 7 indivíduos (3 entrevistas individuais e duas entrevistas com 2 indivíduos cada). A média de duração de cada entrevista foi de 45 minutos e o tempo médio de transcrição para cada uma foi de 4 horas e meia.

Antes do início de cada entrevista, foi enviado um protocolo de consentimento informado aos entrevistados, que assinaram o documento autorizando a gravação da entrevista bem como a participação de livre vontade neste estudo (Apêndice A). As entrevistas foram realizadas entre 16 de abril e 9 de junho de 2020. Foi definido um Guião, que se encontra disponível no Apêndice B, constituído por vinte e duas questões, redigido perante o cruzamento do objetivo específico inicial e dos conhecimentos adquiridos através da revisão de literatura efetuada. Divide-se em quatro partes: Dados Gerais da Instituição (questões 1 a 10), Estratégias de Internacionalização (questões 11 a

16), Atividades com Estudantes (questões 17 a 19) e Cooperação com Entidades Turísticas Locais (questões 20 a 22).

3.4.2. Inquérito por questionário

Em seguida, foi realizado um inquérito por questionário (Apêndice C), destinado aos estudantes de mobilidade na cidade do Porto. Outros estudos sobre estudantes internacionais também utilizaram questionários como um método de pesquisa bem-sucedido (Mazzarol & Soutar, 2002; Llewellyn-Smith & McCabe, 2008; Martínez-Roget et al., 2013; Mutlu, 2011). O questionário pretendeu investigar o impacto do turismo académico no antes, durante e depois do período de mobilidade e o envolvimento dos estudantes nas perceções de valor e na satisfação ou insatisfação dos mesmos. Este foi reencaminhado aos estudantes internacionais, via e-mail dinâmico, pelo Instituto Politécnico do Porto, pela Escola Superior de Saúde Santa Maria e pela associação *Erasmus Student Network* Porto. Os dados obtidos com o inquérito resultaram da utilização da plataforma *Google Forms*, para facilitar o processo de aplicação.

Todas as questões foram de resposta fechada, de forma a obter informação mais sistemática e ordenada, e dividiram-se em três categorias: escala de Likert, especificamente numa escala par até 6 pontos (Tabela 1), onde deve ser escolhida a hipótese mais adequada indicando o grau de acordo/desacordo com a questão formulada; questões de resposta única com uma listagem de hipóteses e questões com respostas múltiplas, possibilitando a escolha de mais do que uma opção, uma vez que em muitas questões faria sentido que os inquiridos manifestassem interesse em mais do que uma opção. Na maior parte das questões, permite-se a escolha de “Outra” opção que não esteja listada, permitindo assim uma resposta mais aberta e específica por parte do inquirido. Na construção do questionário optou-se por não se colocar a alternativa de resposta “Não sei”, devido à probabilidade de obtenção de respostas evasivas.

Tabela 1 - Categoria utilizada na Escala de Likert

| Escala de Likert do Questionário | | | | | |
|----------------------------------|----------------------------|--------------|------------|--------------------------|------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| Muito insatisfeito | Moderadamente insatisfeito | Insatisfeito | Satisfeito | Moderadamente satisfeito | Muito satisfeito |
| Muito baixo | Moderadamente baixo | Baixo | Alto | Moderadamente alto | Muito alto |

O questionário, desenvolvido em inglês, inicia com a Proteção de Dados, requerendo uma autorização de recolha e processamento de dados. Depois, divide-se em quatro partes: Caracterização Sociodemográfica, Antes da Mobilidade, Durante a Mobilidade e Depois da Mobilidade, como se pode verificar na Tabela 2.

Tabela 2 - Estrutura do Questionário

| Folha de Rosto | | |
|------------------|---|--|
| Parte I | Perfil individual / Caracterização sociodemográfica | Idade Género Nacionalidade Residência Tipo e Duração da Mobilidade Formação Académica |
| Parte II | Antes da Mobilidade | Motivação (Push/Pull) Fatores influenciadores Processo de decisão |
| Parte III | Durante a Mobilidade | Experiências turísticas Processo de escolha Eventos das IES e Associações Nível de Satisfação |
| Parte IV | Depois da Mobilidade | Nível de Satisfação/Lealdade Recomendação do destino Dicotomia estudante/turista |

De acordo com a Tabela 2, na primeira parte do questionário foram colocadas questões relacionadas com o perfil individual dos inquiridos. Esta parte foi constituída

por sete questões: (1) Idade, (2) Género, (3) Nacionalidade (4) Residência Atual (5) Tipo de Mobilidade (6) Duração da Mobilidade (7) Formação Académica.

A Parte II, relativa ao período antecedente à mobilidade, englobou quatro questões: (8) Ao planear a mobilidade, quais os fatores que o fizeram escolher Portugal? (9) Esteve em Portugal antes do seu período de mobilidade? (10) Pediu opinião sobre as Universidades ou sobre Portugal como destino de mobilidade a ex-alunos de mobilidade ou professores? (10.1) Se sim, esse foi um fator decisivo na sua escolha? A pergunta oito tem uma lista de 14 fatores *push* e *pull*, escolhidos através da revisão de literatura, e ainda um espaço para que os inquiridos possam acrescentar outros fatores que considerem importantes. As restantes questões foram de resposta única (Sim/Não).

A Parte III, referente ao período durante a mobilidade, já inclui questões com a escala de Likert. Engloba, ao todo, dezasseis perguntas: (11) Recebeu visitas de família ou amigos? (12) Considera que Portugal é um destino turístico? (13) Como é que procurou informação sobre experiências turísticas em Portugal? (14) A sua Universidade ou Associação de Estudantes organizou atividades para os estudantes de mobilidade? (14.1) Se sim, que tipo de atividades foram organizadas? (14.2) Participou em atividades para estudantes de mobilidade organizadas pela sua Universidade ou Associação de Estudantes? (14.3) Se sim, quão satisfeito ficou com as atividades para estudantes de mobilidade em que participou organizadas pela Universidade ou Associação de Estudantes? (15) Que tipo de atividades gostaria que tivessem sido organizadas pela Universidade ou Associação de Estudantes? (16) Durante a sua estadia no Porto, visitou outras regiões do país? (16.1) Se sim, quantas cidades visitou? (17) Durante a sua estadia no Porto, visitou outros países? (17.1) Se sim, quantos países visitou? (18) Como preferiu viajar? (19) Em relação ao planeamento de experiências turísticas, escolheu? (várias opções listadas) (20) Pediu para prolongar o seu período de mobilidade Erasmus? (20.1) Se sim, porque pediu esse prolongamento?

A IV e última parte, é relativa ao período posterior à mobilidade e engloba oito questões: (21) Quão satisfeito ficou com as experiências turísticas em Portugal? (22) Na sua opinião, qual o grau de influência dessas experiências turísticas em fazer de Portugal um destino de mobilidade de topo? (23) Recomenda Portugal como um destino turístico? (23.1) Se sim, porquê? (24) Quão satisfeito ficou com a sua experiência de mobilidade no

Porto? (25) Recomenda Portugal como destino de mobilidade? (25.1) Se sim, porquê?
 (26) Voltaria a Portugal como turista?

A Tabela 3 indica as fontes utilizadas como auxílio à construção das questões referidas.

Tabela 3 – Fundamentação teórica do questionário

| Parte II: Antes da Mobilidade – Q8 a Q10 | |
|--|---------|
| 1. Motivação (Push/Pull)/ influenciadores | Fatores |
| 2. Processo de decisão | |
| 1. PhD et al. (2006) e Srikatanyoo e Gnoth (2002) | |
| 2. Teichler (2004) e Rodriguez Gonzalez et al. (2011) | |
| Parte III: Durante a Mobilidade – Q11 a Q20 | |
| 3. Experiências turísticas e processo de escolha | |
| 4. Eventos das IES e Associações | |
| 3. Martínez-Roget et al. (2013) e Pawlowska e Roget (2009) | |
| 4. Sin et al. (2017) | |
| Parte IV: Depois da Mobilidade – Q21 – Q26 | |
| 5. Nível de Satisfação/Lealdade | |
| 6. Recomendação do destino | |
| 7. Dicotomia estudante/turista | |
| 5. Filipe et al. (2017) | |
| 6. Amaro et al. (2019) | |
| 7. Stone e Petrick (2013) | |

3.4.2.1. Universo e Amostragem

O universo desta investigação são os estudantes de mobilidade na cidade do Porto, de ambos os sexos e de qualquer idade acima dos 18 anos. Já a amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (Marconi e Lakatos, 2010) e, neste questionário, a técnica de amostragem utilizada é não probabilística, recorrendo-se ao método de amostragem por conveniência, uma vez que não é pretendido dar ênfase a uma universidade específica, mas sim inquirir estudantes de mobilidade da cidade do Porto, que se distribuem pelas mais variadas Universidades. Neste método de amostragem, a amostra selecionada existe em função da disponibilidade e acessibilidade dos elementos da população. No total foram recolhidas 807 respostas, sendo que 803 foram consideradas válidas.

A Tabela 4 apresenta a ficha técnica da amostra, onde é possível identificar a população do estudo, o período da amostra, o instrumento de recolha de dados utilizado, o processo de obtenção dos dados e posterior análise dos mesmos.

Tabela 4 - Ficha técnica da amostra

| Universo | Estudantes Erasmus no Porto |
|----------------------------|-------------------------------------|
| Local da aplicação | Cidade do Porto |
| Dimensão da amostra | 803 inquiridos |
| Período da amostra | 8 de junho a 20 de agosto de 2020 |
| Método de recolha de dados | Questionário online do Google Forms |
| Tipo de questionário | Inquérito por questionário |
| Erro | 3% |
| Nível de confiança | 95% com valor -z de 1,96 |

Segundo dados da Agência Nacional Erasmus+, a cidade do Porto recebeu no ano civil de 2019 um total de 2316 estudantes em mobilidade (dados provisórios de junho) e em 2018 recebeu 2683. Devido à inexistência destes números discriminados por ano letivo, decidiu-se definir a população englobando os estudantes de 2019 e metade dos estudantes de 2018, fazendo assim uma média do que poderia ser a população real do ano letivo 2019/2020. No questionário, não estão praticamente considerados os estudantes do segundo semestre do ano letivo 19/20 devido à atual pandemia Covid-19 que provocou várias alterações aos números de mobilidade. Alguns estudantes cancelaram as suas mobilidades e outros partiram para o seu país mais cedo, pelo que o ano de 2020 é invulgar.

Assim, para uma população de 3657 estudantes de mobilidade, utilizando um nível de confiança de 95% e uma amostra de $n = 803$, obtém-se: Erro (B) = 3%.

3.4.2.2. Pré-teste

De acordo com Marconi e Lakatos (2010), depois de redigido, o questionário precisa de ser testado com uma pequena população, de forma a que a análise dos dados evidencie possíveis falhas existentes. O pré-teste de um instrumento de pesquisa de dados tem por objetivo assegurar-lhe validade e precisão, sobretudo quanto à clareza e precisão dos termos, forma e ordem das questões e a introdução do questionário (Gil, 2008). Desta forma, o pré-teste foi realizado a 10 elementos pertencentes à população pesquisada, de modo a assegurar que as questões eram relevantes e adequadas ao contexto do estudo. Após o mesmo, verificou-se a necessidade de alterar alguns termos em inglês, de forma a simplificar a linguagem a uma população que, maioritariamente, utiliza este idioma apenas como segunda língua.

4 – ANÁLISE DE RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados, analisados e interpretados os dados obtidos através do questionário e das entrevistas deste estudo.

4.1. Análise Quantitativa

Após a recolha dos dados do questionário, procedeu-se à respetiva codificação dos mesmos através do programa Microsoft Excel. Posteriormente, os mesmos foram transpostos para o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Esta secção inicia-se com a caracterização da amostra, procedendo-se de seguida à análise das estatísticas descritivas das secções que compõem o instrumento, organizadas em números, tabelas e gráficos através de diversas técnicas de análise.

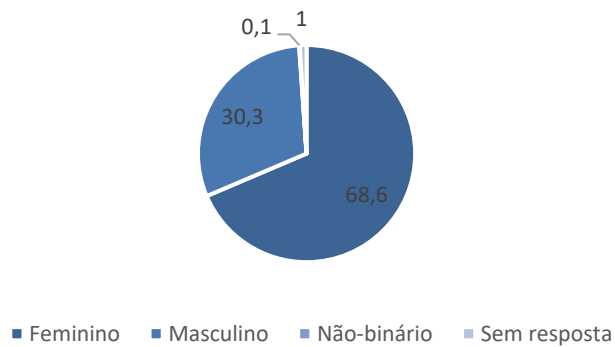
4.1.1. Parte I: Perfil Sociodemográfico

Este ponto refere-se à análise da primeira parte do questionário, relativamente ao perfil sociodemográfico dos inquiridos, que teve como objetivo caracterizar a amostra. Apresenta-se em seguida a frequência e a percentagem do total da amostra, com o recurso a tabelas e gráficos de frequências e percentagens.

Primeiramente, no que diz respeito ao género, é possível observar no Gráfico 1 que a maioria dos inquiridos (68,6%) são do sexo feminino, enquanto que 30,3% são do sexo masculino. Oito inquiridos preferiram não especificar o seu género e apenas um se identificou como não-binário.

Gráfico 1 - Género dos inquiridos

Gênero dos inquiridos



Relativamente à idade, a média é de 23,70 e as idades mais frequentes, como se pode observar na Tabela 5, são (1) 23, (2) 22 e (3) 24.

Tabela 5 - Idade dos inquiridos

| Idade | Frequência | Porcentagem |
|-------|------------|-------------|
| 18 | 2 | 0,2 |
| 19 | 4 | 0,5 |
| 20 | 32 | 4,0 |
| 21 | 88 | 11,0 |
| 22 | 147 | 18,3 |
| 23 | 163 | 20,3 |
| 24 | 131 | 16,3 |
| 25 | 94 | 11,7 |
| 26 | 63 | 7,8 |
| 27 | 31 | 3,9 |
| 28 | 16 | 2,0 |
| 29 | 9 | 1,1 |
| 30 | 4 | 0,5 |
| 31 | 8 | 1,0 |
| 32 | 3 | 0,4 |
| 33 | 2 | 0,2 |
| 36 | 3 | 0,4 |
| 43 | 2 | 0,2 |
| 46 | 1 | 0,1 |
| Total | 803 | 100,0 |

Já a Tabela 6 apresenta as nacionalidades da amostra do estudo, 58 na totalidade. Pode verificar-se que a maior parte dos inquiridos tem nacionalidade (1) brasileira, (2) italiana, (3) polaca, (4) espanhola e (5) alemã. Dos 27 estados-membro da União Europeia, apenas a Dinamarca não está representada. Os países da UE representam, neste questionário, cerca de 66% das respostas (533 pessoas).

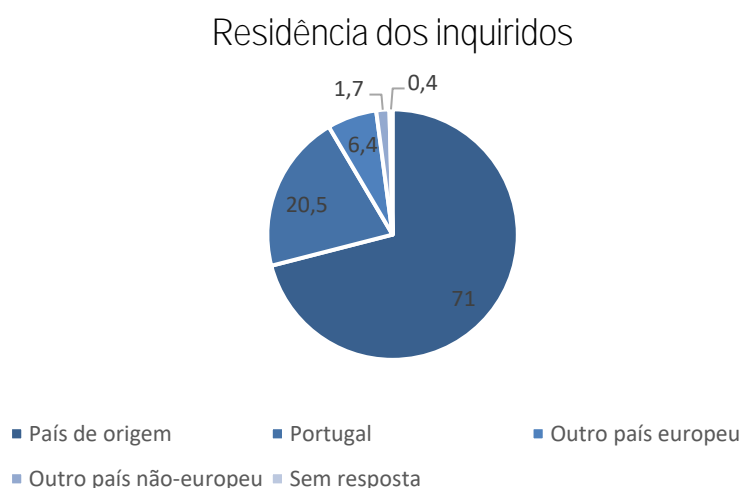
Tabela 6 - Nacionalidade dos inquiridos

| Nacionalidade | Frequência | Percentagem | Nacionalidade | Frequência | Percentagem |
|---------------|------------|-------------|---------------|------------|-------------|
| Itália | 103 | 12,8 | Sérvia | 4 | 0,5 |
| Brasil | 148 | 18,4 | Cazaquistão | 2 | 0,2 |
| Polónia | 73 | 9,1 | Ucrânia | 6 | 0,7 |
| Espanha | 64 | 8,0 | Luxemburgo | 5 | 0,6 |
| Alemanha | 51 | 6,4 | Algéria | 2 | 0,2 |
| Roménia | 25 | 3,1 | Costa Rica | 2 | 0,2 |
| R. Checa | 26 | 3,2 | Porto Rico | 2 | 0,2 |
| Turquia | 25 | 3,1 | China | 2 | 0,2 |
| Hungria | 22 | 2,7 | Canadá | 4 | 0,5 |
| Grécia | 18 | 2,2 | Indonésia | 2 | 0,2 |
| Holanda | 18 | 2,2 | Irlanda | 1 | 0,1 |
| Croácia | 17 | 2,1 | Venezuela | 2 | 0,2 |
| Bélgica | 20 | 2,5 | Portugal | 1 | 0,1 |
| França | 18 | 2,2 | Malta | 1 | 0,1 |
| Eslováquia | 16 | 2,0 | Filipinas | 2 | 0,2 |
| Eslovénia | 13 | 1,6 | Macedónia | 1 | 0,1 |
| Reino Unido | 11 | 1,4 | Peru | 1 | 0,1 |
| Lituânia | 7 | 0,9 | Jordânia | 1 | 0,1 |
| México | 9 | 1,1 | Kosovo | 2 | 0,2 |
| Letónia | 9 | 1,1 | Azerbaijão | 1 | 0,1 |
| Suíça | 5 | 0,6 | Geórgia | 1 | 0,1 |
| Rússia | 6 | 0,7 | Arménia | 1 | 0,1 |
| Índia | 7 | 0,9 | Irão | 1 | 0,1 |
| Colômbia | 7 | 0,9 | Egito | 1 | 0,1 |
| Albânia | 5 | 0,6 | Suécia | 2 | 0,2 |
| Finlândia | 6 | 0,7 | Tunísia | 1 | 0,1 |
| Argentina | 4 | 0,5 | Guatemala | 1 | 0,1 |

| | | | | | |
|----------|---|-----|----------|-----|-----|
| Estónia | 4 | 0,5 | Chipre | 1 | 0,1 |
| Bulgária | 5 | 0,6 | Moldávia | 1 | 0,1 |
| Áustria | 7 | 0,9 | | | |
| Total | | | | 803 | 100 |

A questão 4, sobre onde vivem os inquiridos atualmente, teve como resultados o que se pode observar no Gráfico 2. A grande maioria dos inquiridos (71%) já não se encontrava a viver em Portugal na altura de resposta ao questionário (junho, julho e agosto de 2020), tendo regressado ao país de origem. Um dos grandes motivos que explica este número será a influência que a atual pandemia Covid-19 teve nas mobilidades, obrigando muitos estudantes a interrompê-la a meio e a regressar aos seus países de origem, até por decisão de algumas universidades ou entidades governamentais. Além disso, muitos estudantes poderiam já ter abandonado o país devido ao fim do semestre/ano letivo, por volta do mês de junho. Por outro lado, 20,5% dos inquiridos encontrava-se em Portugal, 6,4% noutra país europeu que não Portugal nem o país de origem, e 1,7% noutra país não-europeu, que não o país de origem. As restantes 3 pessoas preferiram não revelar a sua residência.

Gráfico 2 - Residência dos inquiridos



O relatório da organização *Erasmus Student Network* Portugal (2020), realizado durante março e abril de 2020 e intitulado “Intercâmbio de estudantes em tempos de crise”, inquiriu 2434 estudantes de mobilidade em Portugal acerca da pandemia Covid-

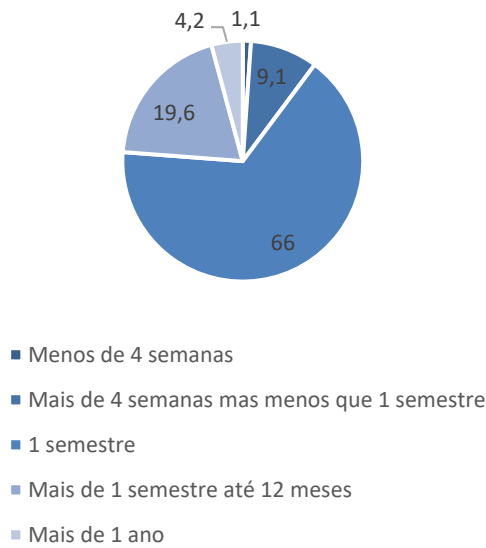
19. Do total de inquiridos, 51,3% decidiu ficar em Portugal, embora 3,2% do total tivesse ficado no país apenas por impossibilidade em regressar ao país de origem. Além disso, 7,1% estavam ainda indecisos e 33,4% já tinham regressado ao país de origem no início da pandemia. É, assim, interessante verificar que, no questionário da presente dissertação, a maior parte dos estudantes já não se encontrava no Porto, mas no estudo levado a cabo pela ESN Portugal, que inquiriu estudantes de mobilidade em todo o país, verifica-se o contrário, embora por pouca diferença percentual e com alguma margem de erro (até pela data em que ambos os questionários foram implementados).

Quanto ao tipo de mobilidade realizada, a maior parte dos inquiridos (573) veio no conhecido programa Erasmus+ Studies, que implica a realização de 1 semestre de estudos (ou mais, até 1 ano por cada grau de ensino) numa universidade de outro país. Equivale, assim, a 71,4% da amostra. Com uma grande diferença para o primeiro, as pessoas que vieram em estágio representam 8,6%; outros intercâmbios de estudo 7,6%, outros programas de mobilidade 7,5% e estudantes de grau completo 2,4%. Quanto às restantes opções, foram pouco representativas: estudantes de grau Erasmus (incluindo Erasmus Mundus) 1,9%, outros programas de estágio 0,5% e programas de mobilidade de curta duração 0,2%.

Já a duração das mobilidades dos inquiridos pode ser observada no Gráfico 3, em que 66% da amostra realizou a sua experiência de mobilidade durante 1 semestre e 19,6% continuaram por mais de 1 semestre, mas não ficaram mais de 12 meses. Quem ficou mais de 1 mês mas menos de um semestre está representado em 9,1%. Apenas 34 dos inquiridos ficou mais de 1 ano no Porto (4,2%) e apenas 1,1% ficou no Porto para experiências que duraram menos de 1 mês.

Gráfico 3 - Duração da mobilidade dos inquiridos

Duração da mobilidade



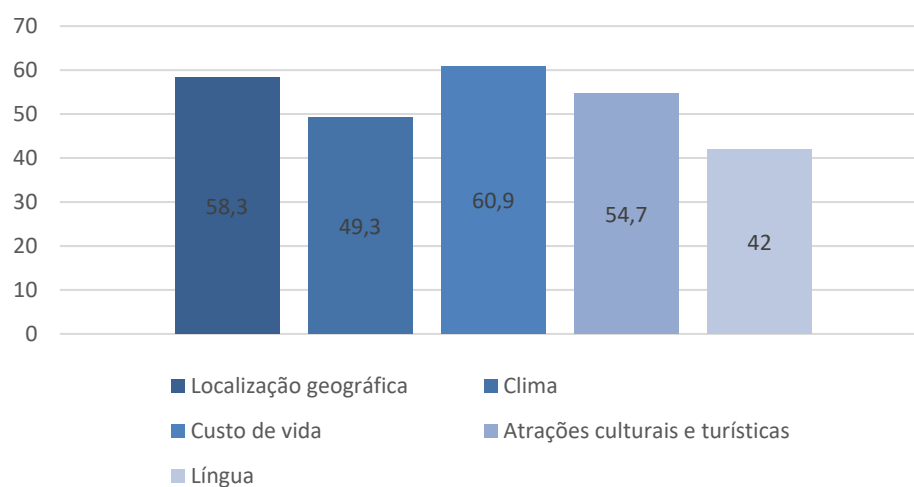
No que diz respeito à área de estudos dos inquiridos, 27% estudam Economia ou Gestão, 22% Engenharias, 20,3% Ciências Sociais, 17,2% Humanidades, 10,3% Ciências Médicas, 6,5% Ciências Naturais e 1,6% Ciências do Desporto.

4.1.2. Parte II: Antes da Mobilidade

A Parte II do questionário foca-se no período que antecedeu a experiência de mobilidade no Porto, isto é, tudo o que envolveu o processo de escolha do destino, desde preferências a fatores influenciadores (fatores ‘pull’). A questão 8 (Gráfico 4) refere-se aos fatores que fizeram os inquiridos escolher Portugal como destino de mobilidade.

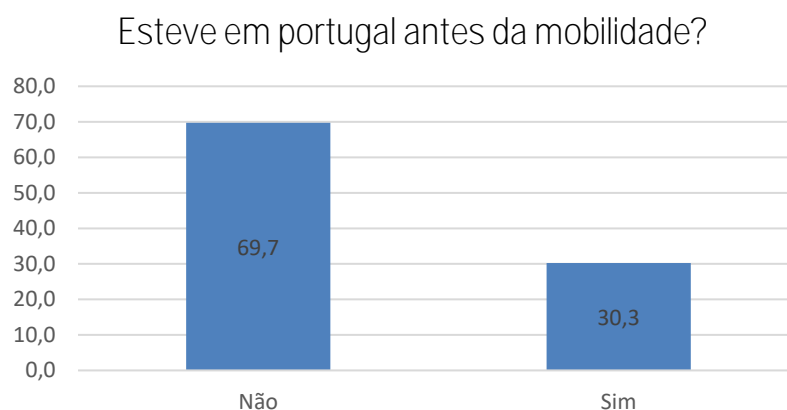
Gráfico 4 - Fatores que influenciaram a escolha de Portugal para destino de mobilidade

Top 5 - Fatores que influenciaram a escolha de Portugal



Como é possível observar, o fator que mais influenciou a escolha do destino de mobilidade foi o custo de vida (60,9%), seguido da localização geográfica (58,3%), das atrações culturais e turísticas (54,7%), do clima (49,3%) e da língua (42%). O fator segurança (27,6%) e as recomendações de antigos estudantes de mobilidade (27,5%) também foram fatores com forte representatividade e praticamente ao mesmo nível, seguidos das recomendações de amigos e família (26,8%), qualidade das universidades (25,8%) e recomendações das universidades de envio (25%). De salientar ainda o papel das acessibilidades ou conexão com outras cidades europeias (23,9%); contudo, os restantes fatores tiveram uma percentagem menor do que 15%. Uma adição interessante por parte de alguns inquiridos foi a influência da experiência prévia com o país (1%), o que poderá indicar que experiências turísticas do passado em Portugal poderão ter tido um papel influenciador. Assim, quanto à questão “Esteve em Portugal antes do período de mobilidade?”, 30,3% dos inquiridos (243) indicaram que Sim, o que é um número considerável, embora seja a minoria. É possível observar as percentagens no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Esteve em Portugal antes da mobilidade?



Quanto à Questão 10, os dados demonstram que 64% dos inquiridos (514) pediram opinião sobre as Universidades ou Portugal como destino de mobilidade a antigos estudantes ou professores e, desta maioria, 59,5% consideram a opinião sobre a reputação do destino como um fator decisivo na sua escolha, como está descrito na Tabela 7.

Tabela 7 - Opiniões a antigos estudantes ou professores sobre Portugal/Universidades

| Pedeu opinião sobre Universidades ou Portugal a antigos estudantes ou professores? | | |
|--|------------|-------------|
| | Frequência | Porcentagem |
| Não | 289 | 36% |
| Sim | 514 | 64% |
| Total | 803 | 100% |
| (se sim) Foi um fator decisivo? | | |
| Não | 208 | 40,5% |
| Sim | 306 | 59,5% |
| Omissos | 289 | / |
| Total | 514 | 100% |

4.1.3. Parte III: Durante a Mobilidade

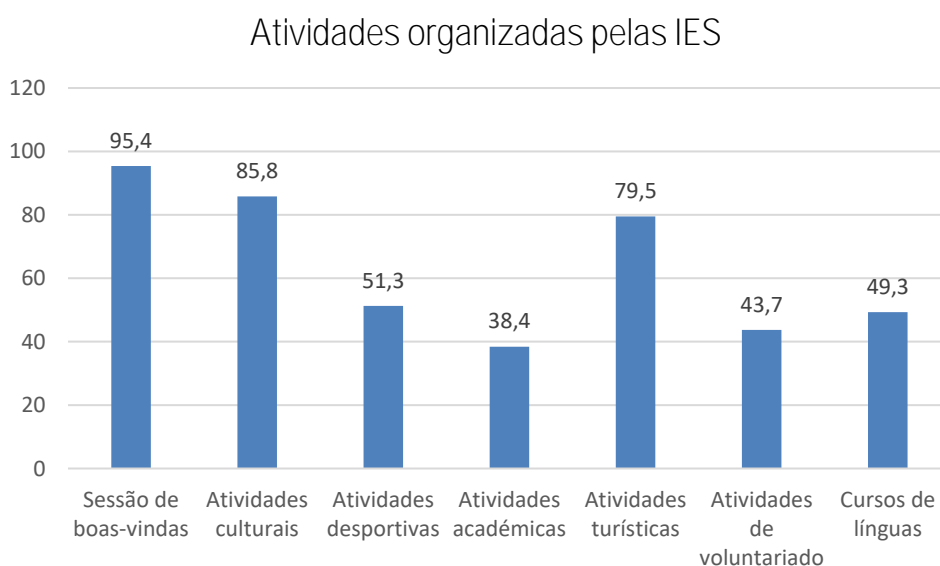
Passando para a Parte III do questionário, grande parte da amostra refere que recebeu visitas de família e amigos durante o seu período de mobilidade (70,7%), o que vai de encontro ao que já foi referido na revisão de literatura por autores como Martínez-Roget et al. (2013) e Filipe et al. (2017) acerca da capacidade do turismo académico gerar visitas extra e um aumento da receita com o turismo para as economias locais. De

salientar que 99,9% dos inquiridos consideram Portugal um destino turístico, tendo apenas 1 pessoa em 803 respondido que não considera Portugal um destino turístico.

No planeamento de experiências turísticas em Portugal, os inquiridos preferiram, por larga maioria (97,9%), procurar informação via online, através de redes sociais, blogs e outras plataformas. Logo em seguida, consultaram os estudantes locais para opiniões e sugestões (52,8%) e, em terceiro lugar, as associações de estudantes (38,4%). Porém, é importante assinalar que poderá ter havido uma confusão entre associações de estudantes e organizações de voluntários, uma vez que, por exemplo, a ESN Porto é uma organização composta por estudantes voluntários e que organiza a maior parte das viagens disponíveis para estudantes internacionais na cidade. Por outro lado, é raro existirem viagens organizadas pelas associações de estudantes das universidades.

Em relação ao trabalho das IES e respetivas associações de estudantes da cidade do Porto, 86,9% dos inquiridos responderam que foram organizadas atividades para os estudantes de mobilidade. Destas 698 pessoas, 95,4% responderam que tiveram uma sessão de boas-vindas (as conhecidas 'welcome sessions'). As outras atividades mais popularmente realizadas foram as atividades culturais (85,8%) e as atividades turísticas (79,5%), como se pode observar na Tabela 8.

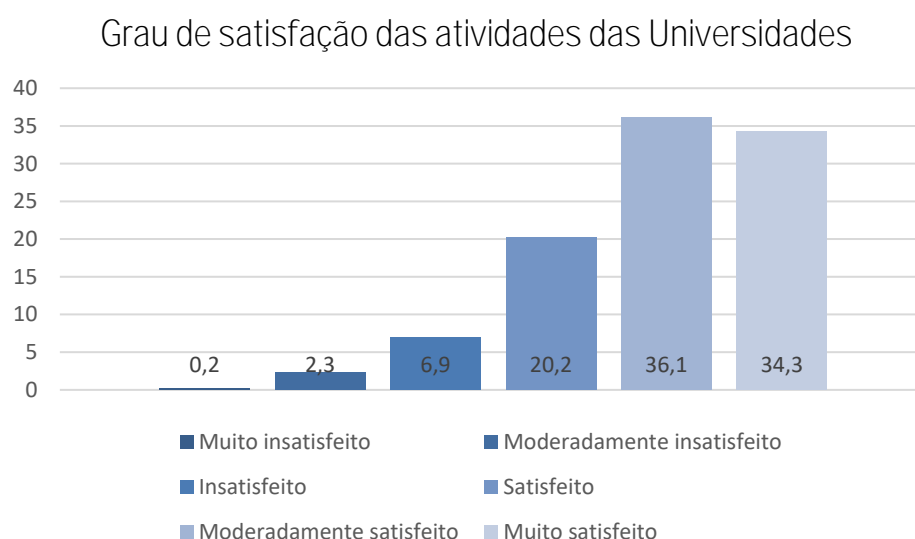
Tabela 8 - Atividades organizadas pelas IES



Quanto ao nível de participação nas atividades, 86,9% dos inquiridos disse ter participado nas mesmas. Destas 609 pessoas que participaram, a maior parte (36,1%)

ficou moderadamente satisfeita com as atividades, como apresenta a Tabela 9. O maior grau de satisfação foi representado por 34,3% da amostra. De salientar que, somando os três níveis de insatisfação, 9,4% da amostra ficou insatisfeita com as atividades, um número que merece uma análise futura.

Tabela 9 - Grau de satisfação das atividades das Universidades



Quanto às atividades que gostariam que tivessem sido organizadas (ou organizadas mais frequentemente), as culturais aparecem em primeiro lugar, com 63,3% de resposta dos inquiridos, seguidas das atividades turísticas (61,1%) e sessões de boas-vindas (51,8%), sendo as mesmas atividades top-3 da Questão 14.1 – Tipo de atividades organizadas pelas Instituições (Tabela 4).

Quanto a atividades turísticas, pode-se verificar na Tabela 10 que a grande maioria (94,1%) viajou em Portugal, visitando outras regiões e, portanto, praticando turismo académico. Por outro lado, 57,9% da amostra visitou outros países durante a estadia no Porto.

Tabela 10 - Visitas a outras regiões e países durante mobilidade

| Durante a estadia no Porto, viajou para outras regiões do país? | | |
|---|------------|-------------|
| | Frequência | Porcentagem |
| Não | 47 | 5,9% |
| Sim | 756 | 94,1% |
| Total | 803 | 100% |
| Durante a estadia no Porto, viajou para outros países? | | |

| | | |
|-------|-----|-------|
| Não | 338 | 42,1% |
| Sim | 465 | 57,9% |
| Total | 803 | 100% |

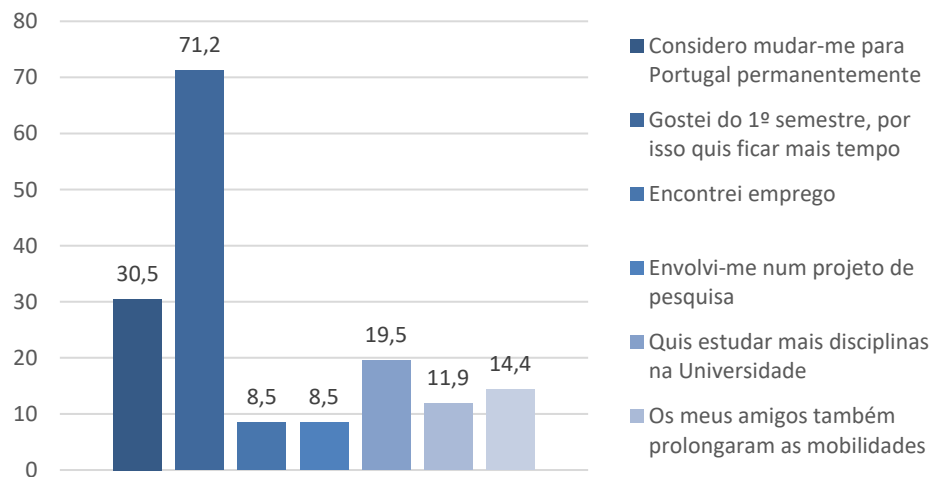
Dentro de Portugal, a maior parte dos inquiridos (51,2%) visitou mais de 5 cidades, enquanto que 39,6% visitaram entre 2 e 5 e apenas 3,4% visitaram uma única cidade fora do Porto. Quanto a países, a maioria visitou entre 2 e 5 (26,4%), enquanto que 20,4% visitaram um único país e 11,1% mais de 5 países.

Em termos de companhia para viajar, os inquiridos preferiram viajar com outros estudantes de mobilidade (85,7%), em segundo lugar com a família ou amigos (56,4%), em terceiro lugar sozinhos (29%), em seguida com outros estudantes portugueses (25,3%) e, por fim, com agências de viagens (2,9%). Já no que toca à organização das viagens, 80,6% dos inquiridos preferiu organizá-las com outros estudantes de mobilidade, 48,1% preferiu planear sozinho, 26,7% preferiu viajar com associações de estudantes, 19,4% preferiu viajar com associações de voluntários, 14,4% preferiu viajar com as Universidades e 6,6% com viagens pré-organizadas de agências.

Relativamente à Questão 20, onde foram questionados se prolongaram o seu período de mobilidade, a maioria respondeu que Não (85,4%). Contudo, aqueles que responderam Sim (14,6%) fizeram-no pelos motivos constantes no Gráfico 6:

Gráfico 6 - Motivos para prolongamento da mobilidade

Motivos para prolongamento da mobilidade



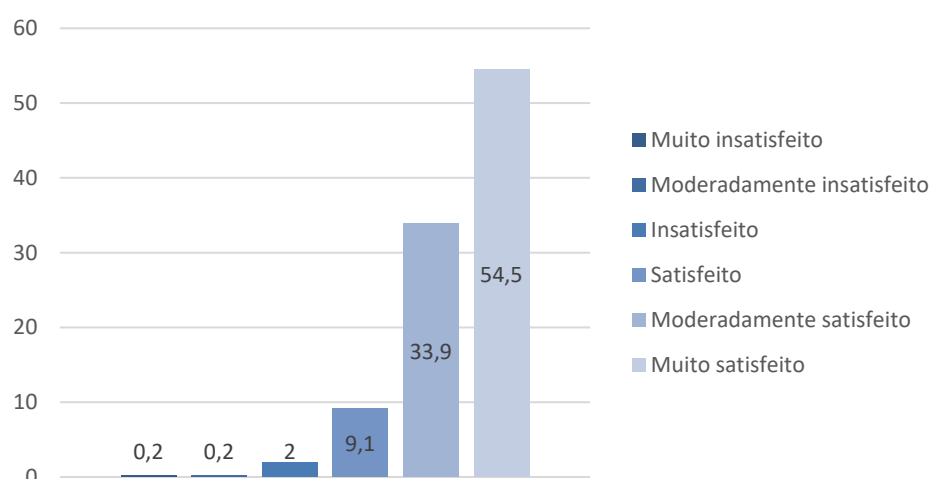
Como é possível observar, a maioria (71,2%) dos inquiridos pediu para prolongar o seu período de mobilidade porque tinha gostado do 1º semestre. O segundo motivo mais forte foi por considerarem mudar-se definitivamente para Portugal (30,5%) e, em terceiro lugar, por quererem estudar outras disciplinas na Universidade (19,5%).

4.1.4. Parte IV: Depois da Mobilidade

A Parte IV do questionário refere-se ao período pós-mobilidade, nomeadamente no que toca a satisfação e recomendação. Na Questão 21, os inquiridos mediram o seu nível de satisfação, de 1 a 6, referente às experiências turísticas em Portugal. A maioria (54,5%) mostrou-se muito satisfeita com as experiências realizadas, avaliando com o nível máximo (6); 33,9% avaliou-as com o nível 5 (moderadamente satisfeitas) e 9,1% avaliou com o nível 4 (satisfeitas). Assim, 97,5% de toda a amostra está pelo menos satisfeita com as experiências turísticas que teve no país, o que é extremamente positivo. Apenas 20 inquiridos se mostraram insatisfeitos, moderadamente insatisfeitos ou muito insatisfeitos com as mesmas, como é possível observar no Gráfico 7.

Gráfico 7 - Grau de satisfação das experiências turísticas em Portugal

Grau de satisfação das experiências turísticas

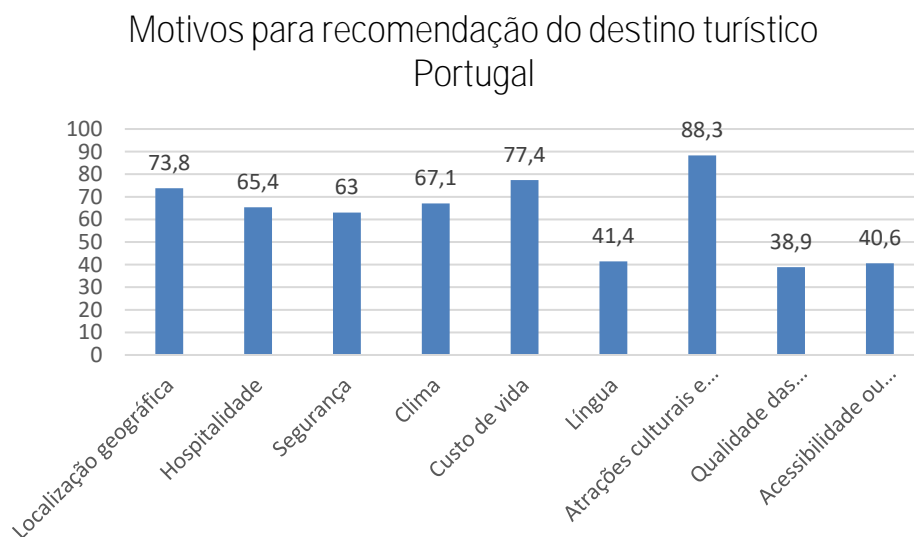


É também interessante verificar que 38% dos inquiridos acreditam que o grau de influência destas experiências turísticas em considerar Portugal num destino de topo em mobilidade é muito alto (grau 6), enquanto que 38,5% acham que é moderadamente alto (grau 5) e 18,5% alto (grau 4). Do lado inverso, não existe ninguém na amostra que considere que a influência é muito baixa (grau 1), enquanto que 0,9% (apenas 7 inquiridos) acham que a influência é moderadamente baixa (grau 2) e 4,5% apenas baixa (grau 3). Assim, para a amostra, existe uma clara importância no grau de influência das experiências turísticas que fazem com que Portugal seja visto como uma boa opção para país de mobilidade, evidenciando as ligações entre turismo académico e mobilidade estudantil.

A larga maioria (99,6%) dos inquiridos considera também que recomendará Portugal como destino turístico, sendo que apenas 3 pessoas responderam que não recomendariam Portugal como destino turístico. Os motivos para a recomendação podem ser vistos no Gráfico 8, sendo que o fator mais referido foi as atrações culturais e turísticas (88,3%) – o que acaba por ser natural pela referência a Portugal como um destino turístico. Contudo, em segundo lugar encontra-se o custo de vida (77,4%), mais uma vez em destaque (foi o motivo mais escolhido como fator de decisão na escolha de Portugal como destino de mobilidade – ver Gráfico 4). Em seguida, a localização geográfica (73,8%) – também um fator representado no top 3 do Gráfico 4. De assinalar que 10 inquiridos adicionaram Natureza e Paisagem aos fatores, o que pode ser um

indicador interessante para futuros estudos, até eventualmente relacionados com turismo de natureza.

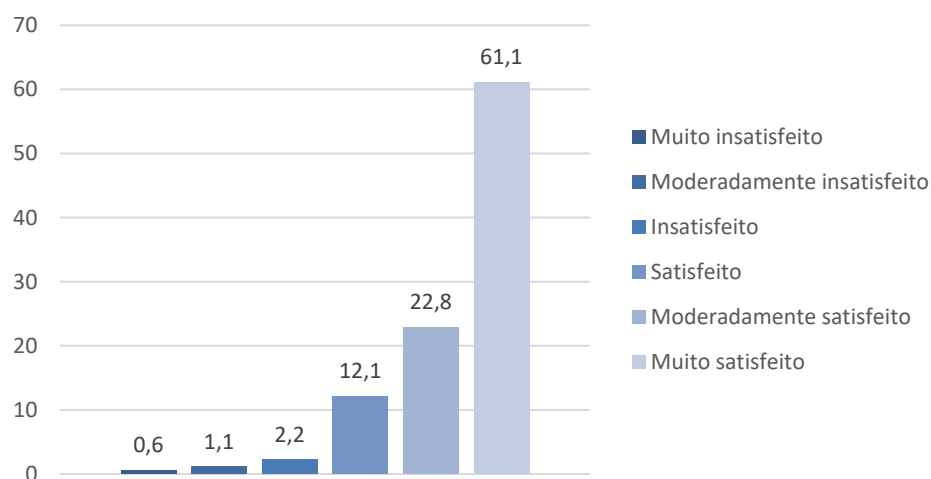
Gráfico 8 - Motivos para recomendação do destino turístico Portugal



Já na Questão 24, os inquiridos mediram o seu grau de satisfação quanto à experiência de mobilidade no Porto. A grande maioria está muito satisfeita (61,1%) o que representa o grau mais elevado (6). Cada grau vai decrescendo em representatividade, o que é bastante positivo em termos de avaliação do destino de mobilidade, como pode ser observado no Gráfico 9.

Gráfico 9 - Grau de satisfação da mobilidade no Porto

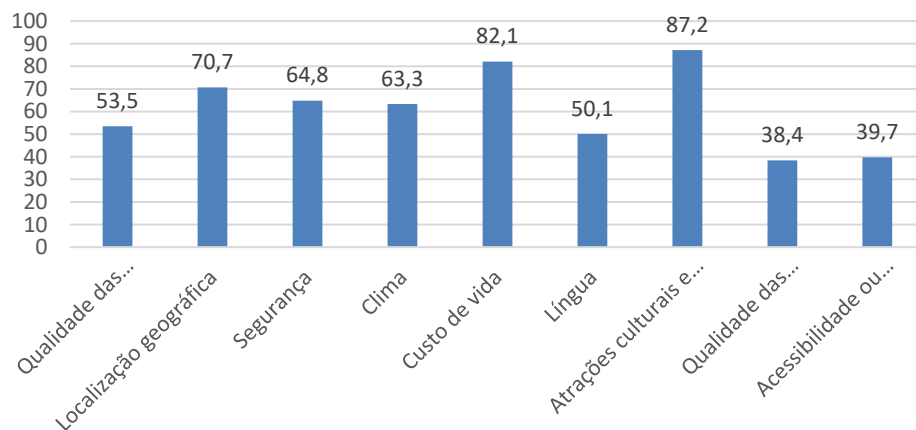
Grau de satisfação da mobilidade



A recomendação de Portugal como destino de mobilidade é ainda de larga maioria (96,6%), mas ligeiramente menor do que a recomendação de Portugal como destino turístico (diferença de 3 pontos percentuais). Os motivos para a recomendação podem ser vistos no Gráfico 10, sendo que os três fatores mais referidos são exatamente iguais aos do Gráfico 9 (atrações culturais e turísticas; custo de vida e localização geográfica) havendo poucas alterações à ordem dos fatores (aqui introduziu-se a qualidade das universidades que tem uma significância importante – 53,5%). Assim, quase que se espelham os fatores de recomendação de Portugal como destino turístico e como destino de mobilidade, aprofundando a relação entre os dois conceitos (mobilidade e turismo).

Gráfico 10 - Motivos para recomendação do destino de mobilidade Portugal

Motivos para recomendação do destino de mobilidade Portugal



Por fim, é possível observar que 99,1% dos inquiridos voltaria a Portugal como turista após o seu período de mobilidade, pelo que apenas 7 pessoas indicaram que não regressariam a Portugal como turistas.

4.2. Análise de consistência interna

Neste ponto, recorre-se ao cálculo do Alfa de Cronbach, o modelo mais utilizado nas ciências sociais para analisar a consistência interna das escalas de medida e questões pertencentes (Damásio, 2012). O valor do alfa de Cronbach é influenciado tanto pelo valor das correlações, quanto pelo número de itens avaliados, segundo o mesmo autor. Assim, quando existem poucos itens, as escalas tendem a apresentar alfas de Cronbach menores, e vice-versa. Dentro desta linha de ideias, os valores do Alfa de Cronbach situam-se, normalmente, entre 0 e 1. No geral, acima de 0,65 é considerado um valor aceitável e acima de 0,80 é considerado um valor adequado (Maroco e Garcia-Marques, 2013).

Calculando a totalidade das perguntas, obtém-se um alfa de Cronbach de 0,85 que se pode ver na Tabela 11, o que é considerado bom.

Tabela 11 - Cálculo do Alfa de Cronbach

| Estatísticas de Confiabilidade | |
|--------------------------------|--------------|
| Alfa de Cronbach | Nrº de Itens |
| 0,853 | 134 |

4.3. Análise Qualitativa

4.3.1. Técnica de Análise de Dados

As entrevistas semiestruturadas foram analisadas aplicando a técnica da Grounded Theory (GT). Esta técnica, desenvolvida nos anos 60 por Glaser e Strauss, permite uma análise de conteúdo que oferece uma abordagem estruturada para a codificação de dados, e tem vindo a ser adotada em muitas áreas de investigação (Urquhart e Fernandez, 2013). É um método de investigação qualitativo em que a recolha e análise de dados se informam e moldam reciprocamente por meio de um processo iterativo emergente, desenvolvido a partir de análises concetuais de dados (Charmaz, 2011). Neste método, os conceitos são desenvolvidos por meio de comparação constante, num processo de análise de cada linha de resposta e posteriormente categorização das mesmas, numa comparação constante com outras categorias já existentes (Urquhart e Fernandez, 2013). Assim, é um processo iterativo que envolve a revisão crítica das respostas para determinar a codificação apropriada e a formação de temas a partir desses códigos.

Durante as transcrições das respostas, é possível agrupá-las em análises temáticas para posteriormente facilitar a sua análise. Depois da codificação, classificação e comparação, existe uma melhor compreensão do conteúdo, levando-nos a estudar e interagir com os nossos dados, passando por níveis comparativos de análise. O processo de codificação da GT passa por várias etapas, de acordo com Charmaz (2011). O processo inicia-se com a codificação aberta, a codificação inicial na qual o investigador examina e categoriza os dados, identificando conceitos mais frequentes. Depois, segue-se a

codificação axial, um tipo de codificação que relaciona categorias a subcategorias, fazendo agrupamentos de códigos caso haja relacionamento. Por fim, segue-se para os códigos seletivos, onde são identificados os grandes temas ao longo do processo. Segundo Charmaz (2011), a influência da Grounded Theory no desenvolvimento de métodos qualitativos tem-se tornado mais visível ao longo do tempo. Algumas das vantagens na utilização desta teoria são a sua relevância, através da proximidade aos dados; o rigor, na forma de procedimentos de análise; e a definição de teorias substantivas, sendo um método de pesquisa muito flexível (Urquhart e Fernandez, 2013).

Nesta dissertação de mestrado, a análise de dados passou pelas três fases de codificação sugeridas. Em primeiro lugar, procurou-se identificar os temas independentes de cada entrevista e apontar as principais ideias, retirando os objetivos específicos das mesmas. Atribuíram-se códigos a cada resposta de cada entrevista, linha por linha. Através de códigos abertos, foram identificadas palavras-chave atribuídas a cada frase proferida. Os códigos eram analíticos e de caráter provisório, sendo que à medida que a análise foi avançando podiam tornar-se em códigos finais. Em seguida, criaram-se agrupamentos de códigos, onde se juntou os códigos abertos em categorias específicas (códigos axiais). Por fim, foram definidos os grandes temas identificados (códigos seletivos) e confrontou-se os dados recolhidos com a revisão da literatura, tentando perceber-se o que é que os dados acrescentaram e/ou confirmaram às teorias previamente apresentadas. Neste sentido, a técnica Grounded Theory foi iniciada pela criação de uma totalidade de 75 códigos abertos. Em seguida, foi feita a codificação axial, observando-se a relação entre códigos e começando os agrupamentos, devidamente justificados. Ao mesmo tempo, com os agrupamentos, identificaram-se os códigos seletivos que se tornaram nas grandes categorias fundamentadas nos dados a analisar.

4.3.1.1. Caracterização das IES participantes

Numa primeira fase, procurou-se saber mais sobre cada Instituição em termos de dados genéricos, a nível de colaboradores, estudantes e experiência com mobilidades, como é possível observar na Tabela 12. A cada entrevista foi designado um código para

analisar os dados recolhidos e serem utilizados nas fases de codificação e de discussão de resultados, garantindo o anonimato e confidencialidade dos entrevistados.

Tabela 12 - Categorização das instituições participantes

| Código Entrevistados | Instituições de Ensino Superior | Colaboradores Relações Internacionais | Parcerias internacionais | Mobilidade In19/20 - TOTAL | Mobilidade In19/20 - ERASMUS | Mobilidade Out19/20 |
|----------------------|---------------------------------|---------------------------------------|--------------------------|----------------------------|------------------------------|---------------------|
| E1 | 1 | Cerca de 16 | Cerca de 500 | 992 | 501 | 274 |
| E2 | | | | | | |
| E3 | 2 | 2 | 18 | 2 | 2 | / |
| E4 | 3 | 2 | 12 | 36 | 36 | 3 |
| E5 | | | | | | |
| E6 | 4 | 3 | 23 | 43 | 43 | 41 |
| E7 | 5 | 2 | Entre 12-15 | 39 | 33 | 10 |

Na Tabela 13, é possível observar as categorias que foram criadas através do método Grounded Theory.

Tabela 13 - Codificação axial das entrevistas e respetivas categorias

| Códigos Axiais | Justificação | Categorias (códigos seletivos) |
|---|--|------------------------------------|
| Plano Estratégico | O tema central deste grupo de códigos é a estratégia de internacionalização a médio-longo prazo das IES. | Desenvolvimento estratégico |
| Contexto Internacional | | |
| Aumento de mobilidades | | |
| Parcerias e Protocolos | | |
| Networking | | |
| Avaliação, Planos e Objetivos | | |
| Descentralização e simplificação de processos | | |
| Melhoria da imagem | | |
| Proximidade e Flexibilidade | Códigos referentes à organização das mobilidades in e out, desde processos e atividades de apoio, | Atividades académicas |
| Atividades de acolhimento e acompanhamento | | |

| | | |
|---|---|--|
| Apoio económico/Bolsa complementar | bem como consequente sistema de avaliação e acompanhamento. | |
| Sessões de esclarecimento | | |
| Parcerias externas (ESN) | | |
| Apoio da associação de estudantes | | |
| Entrevistas/Inquéritos de satisfação | | |
| Níveis de participação e satisfação elevados | | |
| Prolongamento da mobilidade | | |
| Testemunhos boca-a-boca/Recomendação | | |
| Passeios pela cidade (Barcos rabelo e caves vinho do Porto) | Agrupamento de códigos que engloba as atividades realizadas com estudantes a nível turístico na cidade do Porto. | Atividades Turísticas e Culturais |
| Museus e galerias | | |
| Incentivo ao contacto com a cidade | | |
| Refeições internacionais | | |
| Prémios turísticos da cidade | Códigos agrupados por se referirem à importância das experiências turísticas na cidade do Porto e a sua eventual influência na recomendação do destino a outros estudantes. | Promoção turística da cidade |
| Porto como foco de atratividade | | |
| Fatores de atração do Porto | | |
| Divulgação das IES associadas à imagem da cidade | | |
| Partilha de experiências (boca-a-boca) | | |

A análise e interpretação dos dados foram realizadas com base nas categorias que se interrelacionam com os conceitos da revisão da literatura, o que permite confrontar os dados obtidos com as teorias apresentadas e também com a questão da investigação. Mais ainda, com as entrevistas pretende-se responder ao objetivo 6 (conhecer as estratégias de internacionalização que as Instituições de Ensino Superior desenvolvem para promover o turismo académico).

Começando pelos países mais predominantes na mobilidade *in*, os países de leste, (nomeadamente Polónia, Lituânia e República Checa) são uma tendência dos últimos anos (E2) e foram referidos por 3 das 5 instituições. Espanha foi referido por todos os entrevistados (inclusive o único país referido pelo E3) e Brasil pelo E1. A Turquia e a

Alemanha são países identificados como mobilidades anuais frequentes (E4) e a Holanda, Alemanha e Bélgica são referidos como outros países com alguma frequência significativa de mobilidades (E7).

No âmbito fora Erasmus é obviamente o Brasil, temos uma proximidade cultural. No âmbito do Erasmus, aí entram vários fatores. Temos também o da proximidade, que é o caso da Espanha, mas depois varia de ano para ano. Há algumas bolsas que se concentram mais na Polónia ou na Roménia, mas vão variando de ano para ano. (E1)

Tenho notado essa tendência nos últimos anos, República Checa, Polónia, Lituânia. (E2)

A maior parte ainda continuam a ser espanhóis, pela proximidade linguística. Contudo, gradualmente já vamos recebendo outros, como a Lituânia, que é um país que recebemos imensos estudantes, e a Polónia, também com números bastantes simpáticos. (E6)

Assim, a proximidade geográfica é um fator importante na troca de mobilidades entre Portugal-Espanha, bem como a proximidade cultural e linguística, onde se incluiu também o Brasil. Já os países de Leste encontram em Portugal uma alternativa mais económica comparativamente a alguns países europeus com as mesmas condições climáticas, políticas ou sociais.

4.3.1.2. Análise da Categoria: Desenvolvimento Estratégico

No que toca à categoria Desenvolvimento Estratégico, esta está intimamente ligada aos protocolos efetuados ou eventuais protocolos futuros, à imagem das IES tanto fora como dentro do país e ao crescimento sustentado de estudantes e colaboradores em mobilidade, tanto *in* como *out*. As 5 IES têm estratégias a médio-longo prazo para a internacionalização, mas diferentes entre si. A maior instituição em termos de tamanho e número foca-se no plano estratégico como vetor para a internacionalização, tentando ser uma instituição internacionalmente reconhecida por estudantes e investigadores estrangeiros, procurada pela sua formação e participando ativamente em redes de cooperação internacionais, com vista a ser a melhor instituição para o mundo.

A nossa internacionalização, usando este lema, procura implementar e fazer a ponte com várias ideias, como a parte da diversidade, da garantia da igualdade e iguais oportunidades, a parte da comunicação. Temos metas globais. (E1)

As restantes instituições procuram mais parcerias e mobilidades, num sentido de crescimento que, possivelmente, a instituição maior já ultrapassou há largos anos. As IES têm como objetivo comum aumentar a cooperação internacional e tornarem-se mais atrativas para os estudantes de mobilidade *in*, procurando agora disponibilizar os *websites* noutras línguas e melhorar os processos ainda burocráticos das mobilidades.

A nossa estratégia é fácil, é aumentar o número de mobilidades. Aqui na internacionalização temos dois aspetos que são naturalmente complementares, mas diferentes, que é a mobilidade dos estudantes, dos docentes e do pessoal de administração e serviços e depois as estratégias de cooperação que não têm de ver exclusivamente com a mobilidade. No âmbito dessa estratégia de internacionalização já conseguimos algo que para nós não foi fácil, mas finalmente este ano já temos, que é o site em inglês e espanhol. Era realmente uma necessidade absoluta para podermos afirmar-nos num contexto internacional, porque obviamente quem ouve falar na nossa escola, a primeira coisa que faz é ir ao site. (E3)

Nós recebemos mais alunos do que enviamos. Temos um desequilíbrio entre mobilidades out e mobilidades in. A ideia é tentar captar mais pessoas para haver um balanço (...) E tornar todo o processo menos burocrático, mais linear, mais inclusivo. A estratégia passa, por um lado, modernizar todo o processo, torná-lo digital, isso faz parte do programa Erasmus no seu todo. (E4)

Temos estado sempre muito atentos aquilo que são oportunidades de novas parcerias. Há universidades que realmente os alunos querem muito, e só no último ano já estabelecemos 11 parcerias e isso é muito bom. (E6)

A Instituição elabora os seus planos estratégicos normalmente com um horizonte de 2-3 anos. (...) todos os anos realizamos sessões de divulgação onde tentamos contar com alunos que até realizaram mobilidade em anos anteriores. Não há nada como ouvir na primeira pessoa experiências de quem foi. (...) nós tentamos realizar momentos fora das aulas (por exemplo aulas abertas, seminários ou workshops) que são abertos aos alunos todos e, portanto, também é uma oportunidade para quem não tem possibilidade, por razões diversas, de ir lá para fora, ter contacto com outras realidades. (E7)

Para a elaboração de novas parcerias com Instituições de Ensino Superior estrangeiras, as IES fazem-no através de protocolos, redes e ligações estratégicas, de forma a que a formação recebida fora do país possa ser feita com a maior qualidade possível e que o estudante não tenha problemas na conversão de notas. Os entrevistados argumentam também que, muitas vezes, contactos pessoais de professores ou colaboradores ajudam na formulação de novas parcerias.

Temos algumas como a participação em redes, redes essas que nos levam à ligação com outras instituições. É fundamental o estabelecimento de redes. (E1)

A nossa estratégia de divulgação, sobretudo internacional, tem passado sempre muito por nos associarmos à imagem do Porto. (...) Umhas (parcerias) resultam de ações deliberadas no sentido de propor a criação de parcerias. Outras vêm porque um docente conhece alguém, ou porque foi pesquisar. (E3)

Conferências e também quando um professor nos refere uma universidade que estaria interessado em visitar, porque verificou que o plano de estudos é interessante e tem potencial compatibilidade. (...) temos de verificar a compatibilidade, mas tentamos sempre alargar a nossa rede de contactos. (E5)

Essencialmente é o contacto direto. Fazemos uma pesquisa. (...) tentamos perceber se da outra parte há aceitação, que muitas vezes também não há. (E6)

Numa primeira fase foi tudo “by the book”, tudo muito formal, depois começamos a ter também vários professores envolvidos em projetos Erasmus e isso quer se queira quer não permitiu estreitar laços mais diretos com algumas instituições, algumas até se protocolaram depois connosco a partir desses contactos iniciais. (E7)

Os resultados destas atividades são avaliados pelos entrevistados como muito positivos, uma vez que utilizam relatórios e inquéritos para avaliar os seus planos estratégicos e objetivos, sendo que até agora a aceitação tem sido satisfatória.

Nós temos um Plano de Atividades que se baseia no Plano Estratégico e que está disponível no site para cada ano, com um conjunto de atividades que são definidas com as unidades orgânicas e nós fazemos a avaliação trimestral deste plano, verificando se estamos a conseguir cumprir os objetivos, nomeadamente parcerias, ou não. (E1)

Nós oferecemos aos nossos alunos in inquéritos, para eles poderem explicar do ponto de vista deles o que é um ponto forte e um ponto fraco na escola. (...) Como somos uma escola pequena, acaba por haver muita interação face a face, somos umas 400 pessoas na escola, é fácil tornar as relações muito pessoais. (E5)

Eu noto que os gabinetes de internacionalização a nível geral têm estado muito mais recetivos e a trabalhar muito melhor. (...) (as atividades) têm uma aceitação muito positiva e noto uma evolução grande nos gabinetes de internacionalização das universidades. (E6)

Para a definição dos protocolos, cada Instituição foca-se num plano estratégico diferente. A Instituição 1 tem um método de intervenção em diferentes zonas, apostando em regiões estratégicas (Europa, PALOP, América Latina, Ásia, Norte de África) e na investigação e apoio empresarial. Não se foca apenas na mobilidade estudantil, mas define parcerias também consoante outros níveis de interesse.

No caso da ligação europeia ou norte-americana, a maior parte do interesse é de investigação, não é tanto de mobilidade de alunos. Com o norte de África é em projetos de colaboração, não tanto a

mobilidade, pois o trabalho lá é em francês e nós não temos uma oferta em francês minimamente interessante nem para docentes nem para alunos. No caso da Ásia, é claramente em projetos de parceria e com isso Ásia central, Rússia, etc. E claro, a mobilidade surge quer para os países de língua oficial portuguesa, em que o Brasil se destaca, ou para a Europa, aí sim para alunos. A estratégia não é exclusivamente para mobilidade, muitas vezes envolve parte de colaboração de investigação, colaboração e apoio empresarial e a parte de apoio ao processo de ensino seja de docentes seja de alunos. A mobilidade acaba por ser apenas uma pequena fração do que é a internacionalização. (E1)

As restantes IES, mais pequenas, apostam em flexibilidade, abertura para novas parcerias e monitorização de protocolos já realizados. Para os protocolos novos, focam-se nas equivalências e planos de estudo com qualidade, privilegiando o contacto direto.

Uma das coisas muito importantes é a harmonia entre cursos, se não, não há a possibilidade de estabelecer equivalências e transferência de créditos. (E4)

Os protocolos são avaliados entre as duas instituições e tentamos que o protocolo também favoreça o mais possível e tenha o cuidado dos nossos alunos também ficarem salvaguardados. Nós temos tido alguns problemas a este nível. Quando os nossos alunos vão para outras faculdades, às vezes o que nos acontece é que os alunos escolhem cá as unidades curriculares que vão fazer, de acordo com o número de ECTS que têm de cumprir, e depois quando chegam lá muitas vezes os horários sobrepõe-se e depois é necessário fazer uma nova proposta e reconhecimento de estudos e por isso estamos a tentar que o próprio protocolo já tenha isso em consideração. (E6)

Nós vamos monitorizando todos os anos os protocolos que temos e utilizamos como principais critérios o número de mobilidades quer incoming quer outgoing para essas instituições. Um segundo critério reside precisamente na taxa de aproveitamento dos alunos outgoing quando realizam atividades de mobilidade. Depois, também há um outro critério que tem a ver com o tipo de atividade extra curricular e de apoio que proporcionam aos estudantes. A nossa escola é relativamente pequena em termos de dimensão, mas isso também traz muitas vantagens, nomeadamente em termos de contacto com as instituições parceiras – é muito fácil comunicar. (E7)

4.3.1.3. Análise da Categoria: Atividades Académicas

Quanto às estratégias designadas para atrair especificamente estudantes de mobilidade in, as IES identificam as seguintes atividades:

- Proximidade e descentralização: *Nós temos um processo que é muito importante de descentralizar: existe a política de que o aluno não deve ter de se deslocar ao nosso gabinete onde gerimos toda a internacionalização, e deve ter uma política de proximidade. (E1)*

- Melhoria da imagem da IES: *Neste momento até estamos a fazer um trabalho engraçado que é pedir aqueles alunos que achamos que têm mais carisma e são mais emblemáticos na instituição que nos gravem vídeos a contar como é que foi a experiência e depois acabamos por divulgar isso nas redes sociais e em todos os meios de comunicação que temos à nossa disposição. Este testemunho funciona sempre muito bem. (E6)*

- Atividades de acolhimento: *Temos sessões abertas de esclarecimento. Aos alunos que chegam temos a Welcoming Session, em que a ESN vem também falar e explicar e tentar envolver os alunos. Eles têm uma semana livre onde podem experimentar várias disciplinas sem compromisso. Também temos um curso de Português para os alunos de uma semana, intensivo. (E4)*

...Todos os anos fazer sessões de acolhimento e atividades para os estudantes, alguns com parcerias externas, alguns por exemplo trabalham com a ESN. (E2)

...Temos, de facto, as atividades de acolhimento com o nosso gabinete de apoio ao estudante. Depois temos o acompanhamento de todos os estudantes através das coordenações dos cursos. Num caso ou noutro, procuramos que eles enturmem um bocadinho com a associação de estudantes ou com as tunas. (E3)

Temos a Welcome Week que inclui não só aquela reunião inicial na instituição, mas depois também a welcome session, que temos o cuidado de lhes preparar uma série de surpresas... (E6)

Habitualmente, incentivamos a associação de estudantes a ter um papel muito próximo deles. Já houve anos, por exemplo, nós conseguimos ter elementos da associação de estudantes como tutores dos estudantes incoming. (E7)

- Associação à imagem do Porto: *Sempre me preocupei em associar o desenvolvimento das instituições ao espaço territorial em que elas estão inseridas. Portanto, aqui no Porto é fácil porque o Porto a partir de certa altura tornou-se uma cidade e uma região super vendável. Não é só a escola que é boa, é o Porto, é a região, é o país. A nossa estratégia passa sempre por isto. (E3)*

- Boca-a-boca com antigos estudantes: *Todos os anos auscultamos todos os alunos que estiveram no ano anterior e pedimos se os podemos pôr em contacto com aqueles que querem vir para a nossa escola, precisamente para eles perceberem quais são os melhores locais onde podem ficar alojados, quais são as melhores opções em termos de alimentação, compras, diversão. As facilidades que nós damos, em termos académicos, damos possibilidades: na grande maioria de unidades curriculares, os alunos nas aulas têm materiais de apoio ou em inglês ou em outras línguas (por exemplo espanhol) e em termos de avaliação também, portanto, é possível os alunos serem avaliados na língua de origem. (E7)*

Estes fatores são, inclusive, referidos na revisão de literatura desta dissertação (Mazzarol e Soutar 2002; Srikatanyoo e Gnoth 2002; Amaro et al. 2019; Martínez Roget et al. 2013; Marinescu 2017; Sin et al. 2017). A associação entre cidade-instituição é uma

técnica cada vez mais utilizada pelas IES, de forma a atrair estudantes também pelo turismo e não só pela formação, bem como as atividades de acolhimento, praticamente obrigatórias a qualquer Instituição que queira receber bem os novos estudantes. A imagem da Instituição também é muito importante, uma vez que a qualidade das IES são um dos fatores de decisão dos estudantes ao escolher o seu destino de mobilidade. De igual forma, o boca-a-boca (*word-of-mouth*) acaba por ser uma consequência da satisfação das mobilidades, influenciando novas escolhas e novos estudantes estrangeiros. Por fim, o aumento de proximidade entre estudantes e colaboradores e a descentralização de processos que facilita a burocracia pode aumentar o nível de qualidade de qualquer instituição. Como todas as instituições têm realidades bastante distintas, têm também necessidades diferentes.

Quanto às atividades designadas para atrair especificamente estudantes de mobilidade *out*, as IES apostam em:

- Sessões de esclarecimento e sessões internacionais: *...Sessões de divulgação e de promoção do que têm para oferecer. Recentemente, ... fazer semanas internacionais onde efetivamente isto é um dos elementos fundamentais que é o estímulo. (E1)*

Para os nossos próprios alunos fazemos sessões de esclarecimento internas – todos os anos, logo no início do ano letivo, fazemos uma sessão de esclarecimento e há sempre muita afluência de alunos, enchemos o auditório porque têm aquele sonho do Erasmus, mas depois quando se vão inscrever já são menos. (E6)

Falamos com eles um a um, fazemos tertúlias com alunos que já estiveram em mobilidade, com pessoas estrangeiras que falam de experiências interessantes. (E3)

- Atividades com associações: *(...) Já tivemos o líder da associação Gap Year Portugal duas vezes, tivemos a ESN. (E3)*

- Bolsas suplementares aos estudantes (um apoio financeiro extra à bolsa Erasmus): *Mas por outro lado, nós cobrimos as bolsas, as despesas de instalação, alimentação durante o período da experiência nós pagamos. Acho que só tivemos um aluno a ir para fora da Península Ibérica, os outros têm ficado todos em Espanha. (...) (E3)*

Todos os nossos alunos que vão realizar Erasmus, eles pagam propinas mensais e no período em que estão em mobilidade só pagam metade das propinas e é considerada uma bolsa adicional nossa que é precisamente para favorecer a ida em mobilidade. (E7)

- Flexibilidade no calendário académico: *Tentar complementos, simplificar processos e alargar as escolhas, pois também é uma situação que já foi referida. Parceiros sem ser Espanha por exemplo, em alguns cursos. (E5)*

Além disso, também temos muita margem de manobra no que diz respeito aos calendários académicos. Há muitas instituições que têm calendários académicos organizados de maneira diferente do nosso e, portanto, às vezes é necessário os alunos por exemplo irem para fora quando o nosso semestre ainda não terminou formalmente, e nós conseguimos acertar calendários com os professores em termos de avaliação para que eles não fiquem prejudicados. (E7)

Algumas das IES entrevistadas sentem dificuldades em incentivar os estudantes portugueses a partir para fora, justificando esta realidade com a falta de apoio financeiro da União Europeia, dificuldades de equivalências ou simplesmente medo do desconhecido e falta de motivação, como referido, por exemplo, em: *O que nos aparece como motivo mais importante é a falta de motivação para fazer uma experiência internacional. Depois há outro tipo de condições que é o facto de os estudantes serem na generalidade oriundos de famílias não muito abastadas, com pouco poderio económico. (E3)*

O interesse da investigação recaiu também sobre a ligação entre as atividades direcionadas aos estudantes de mobilidade *in* por parte das IES e a satisfação dos mesmos. As sessões de acolhimento são comuns a todas as IES entrevistadas, de forma a tirar dúvidas aos estudantes, organizar o seu plano de estudos e dar as boas-vindas à nova cidade e país.

4.3.1.4. Análise da Categoria: Atividades Turísticas e Culturais

Quanto a atividades turísticas, tanto a Instituição 3 como a Instituição 4 organizam visitas turísticas à cidade, e as Instituições 3, 4 e 5 colaboram com as associações de estudantes para a organização de outras atividades. As mais populares são as visitas às caves de vinho do Porto, passeios de barco rabelo, museus e galerias, jantares internacionais e passeios casuais pela cidade. O evento mais referido são as refeições internacionais, como forma de partilha de culturas e integração.

...Há o pequeno almoço internacional em que os alunos devem trazer alguma comida típica da sua região e partilham, com bandeiras em cima das comidas. (...) Ida aos barcos turísticos no Porto, ida à Sé, mas como

é muito descentralizado nós não temos conhecimento de todos os detalhes. Há uma procura em todas as escolas do conceito da cidade. O passear pelo Porto é quase uma das coisas obrigatórias em todos os roteiros de todas as escolas. Mas o percurso que cada escola leva é diferente. (E1) O picnic, e misturávamos com a feira internacional da associação de estudantes. Mas cada escola é autónoma em termos de escolher as melhores estratégias, que tem a ver com o perfil de alunos que tem. (...) Geralmente na semana de acolhimento há pelo menos um dia dedicado a isso. (E2)

Nós o que costumamos fazer, para os nossos visitantes, é promover algum contacto direto com a realidade do Porto. Aquelas coisas que são mais emblemáticas, um vinho do Porto, uma visita às caves, um passeio no rio. (...) (E3)

Não são atividades turísticas, mas há muitas atividades académicas que implicam ir a museus, galerias, falando até como professor. Fazer levantamentos de ruas históricas e os alunos de Erasmus são convidados. (E4) Dependendo um pouco de quem é o professor, mas ultimamente a professora de português visita com os alunos a cidade do Porto: torre dos Clérigos, os Leões, toda a zona histórica, a Ribeira, para lhes dar a conhecer um pouco o que é a cidade do Porto. E depois, as atividades que são promovidas para os nossos alunos são também sempre abertas aos alunos Erasmus. Nós não fazemos distinção absolutamente nenhuma entre um aluno Erasmus e aluno interno. (E5)

Fazemos sempre uma mesa com comida tradicional portuguesa, temos sempre esse cuidado. Depois vamos com eles para o Porto passear. (...) Depois fazemos coisas engraçadas. Por exemplo, o ano passado, como tínhamos cá alunos na altura do Natal, fizemos um desafio aos alunos que iam passar o natal connosco e fizemos uma festa de Natal internacional onde cada um deles levou um prato típico do seu país, tivemos ali um convívio. Nós fazemos assim este tipo de iniciativas que podem parecer coisas pequeninas, mas que para eles têm muito significado e realmente são integrados. (E6)

Na semana de acolhimento, que vai variando de ano para ano, é habitual fazerem um passeio de barco pelo rio Douro, articula-se sempre aqueles jantares entre os alunos Erasmus e os outros colegas, e também há momento em que nós os desafiamos e alguns aceitam o desafio, em que organizam momentos específicos para a instituição toda onde falam do seu país, dos seus hábitos, dos seus costumes, dos seus problemas, das coisas boas que conhecem... A nível turístico eu sei que já aconteceu mais do que uma vez haver iniciativas específicas para eles visitarem não apenas o Porto, mas zonas relativamente próximas do Norte, por exemplo Guimarães, Serra da Estrela... (...) Organizamos Welcome Sessions, organizamos um dia internacional em que cada estudante Erasmus trazia para o almoço algo que fosse específico do seu país... (E7)

No geral, todas as IES incentivam à participação externa, trabalhando com organizações como a ESN Porto (E1/E4/E5) e atividades organizadas por estudantes são também incentivadas pelas IES.

Atividades turísticas não temos. Uma instituição que tem muito poucos estudantes acaba por estar mais limitada nessas coisas, não é impeditivo, mas de facto não temos. Eu até noto isso e parece-me uma ideia interessante. Aquilo que me parece mais interessante é que as atividades com os estudantes sejam feitas pelos estudantes. Os estudantes são autónomos, eu não sou muito adepto das instituições se envolverem com os estudantes a fazer aquilo que eles é que devem fazer. O que nós procuramos fazer é estimulá-los a juntarem-se com outros estudantes naqueles eventos que existem no Porto com muitos estudantes estrangeiros. (...) Mas organizar atividades dessa dimensão, ou turísticas, ou de lazer com eles, isso não fazemos. (E3)

Noto que os nossos alunos internos são muito cuidadosos no que diz respeito à sua integração. Eles próprios também os puxam para outras atividades que não as atividades curriculares. Depois, vamos divulgando atividades da ESN, por exemplo. (E5)

Turísticas não muitas. Tirando aquela Porto Tour em que vamos com eles para o Porto, não fazemos mais do que isso. E porquê? Também há a ESN que tem uma oferta de serviços incrível a esse nível e não nos parece que faça sentido estarmos nós a tratar dessa parte depois de haver instituições que já o façam tão bem. (E6)

(...) Encontramos muita receptividade por parte dos estudantes incoming às atividades que nós já temos habitualmente na escola atividades de voluntariado e de colaboração com a comunidade. Eles perguntam logo se há alguma coisa em que podem colaborar no âmbito do voluntariado, de natureza muito diversa. (E7)

É também apontado que o Porto está na moda, o turismo é imenso e que, por isso, muitas vezes as IES já não têm a necessidade de incentivar os estudantes a fazer algo que já lhes é natural.

Verdade seja dita, já não temos muito que fazer nos últimos anos para incentivar o turismo no Porto, porque já está in. Eles adoram, e a perceção deve ser generalizada. Nós já tivemos alunos Erasmus que depois de terminarem e regressarem aos seus países, vieram trabalhar para o Porto. Quando saíram daqui, já tinham como destino voltarem para começarem cá a realizar a sua atividade profissional. (E7)

Quanto à satisfação, é unânime: as IES admitem um nível de satisfação e participação elevado por parte dos estudantes. Através de inquéritos ou entrevistas pessoais aos estudantes, as IES conseguem identificar pontos fortes e fracos e, inclusive, alguns indicadores sobre satisfação global da experiência de mobilidade no Porto e intenção de prolongar a mobilidade ou de regressar ao país. Além disso, os alunos de mobilidade são também uma mais valia para as Instituições, fazendo-as evoluir e melhorar em qualidade.

Tipicamente, pedimos sempre que eles façam inquéritos de satisfação e que depois nos façam chegar. A satisfação é muito elevada. (E1)

Acompanhamos os estudantes sempre com muito cuidado. Avaliamos através de inquéritos, ou melhor, é mais correto dizer-lhe através de entrevistas pessoais. Como eles são poucos, não vale a pena estar a fazer questionários. O feedback dos estudantes incoming que temos tido é muito positivo. (E2)

A nível geral, participam. Há países que são um bocadinho mais fechados, mais frios.(...) Tem a ver com a cultura de cada país. Os espanhóis querem é que os convidemos muitas vezes, fazemos com alguma frequência jantares com eles. Sim, a nível geral, participam imenso. (E6)

Nós temos um inquérito aos alunos. Não avalia as atividades turísticas ou outras, mas avalia o programa Erasmus, em geral. Aquilo que tem a ver com atividades, sejam lúdicas seja a experiência como estudantes no Porto, é positiva, a grande maioria. Uma das perguntas é se recomendaria a mobilidade, eles dizem que sim. Nós temos muitos alunos que vêm no primeiro semestre e depois querem fazer o segundo. Temos alunos que mostram interesse em regressar. Mesmo que não aconteça, indica que a experiência foi boa e isso reflete-se nos questionários. (E3)

E depois temos algumas surpresas. No ano anterior, recebemos a visita de um aluno que tinha estado em mobilidade em 15/16, todos os anos vem a Portugal e já trouxe os pais, a namorada. Ficou tão agradado com a maneira como foi acolhido aqui que efetivamente criou um laço muito mais aproximado com a cidade e com a Escola. (E4)

Os resultados são extremamente satisfatórios. Temos sempre índices de satisfação relativamente à forma como são acolhidos, à organização, ao apoio que tiveram. Nós já não imaginamos a nossa escola sem os alunos Erasmus. De facto, é uma mais valia para eles, mas sem dúvida que foi uma mais valia enorme também para a escola. Permitiu-nos dar um salto não só quantitativo, mas principalmente qualitativo em termos de processos, em termos da organização dos cursos, dos horários, houve maior sensibilização por parte do corpo docente à afluência de língua estrangeira... (E7)

No geral, as IES entrevistadas não cooperam com entidades turísticas locais, pois preferem não interferir nas atividades turísticas dos estudantes, mas sim deixá-las a cargo de associações como a ESN Porto ou da associação de estudantes da faculdade, como já explicado em cima.

A nível das escolas, sei que algumas têm acordos até bastante interessantes para fazer algumas promoções. (E1)

Não temos. A única atividade em que nós tivemos interações, nomeadamente com o Turismo do Porto, foi por causa da atividade que fizemos com a OCDE. Foi uma atividade que nós contabilizamos no âmbito da internacionalização, mas que não foi propriamente mobilidade. (E3)

Não, penso que não. A nível académico e municipal sim. (E5) A Misericórdia, a Câmara, mas turísticas não. (E4)

Tirando a ESN, que nem é uma entidade turística, acho que não. (E6)

A escola institucionalmente faz contactos, mas são atividades com iniciativa da associação de estudantes. Não houve nenhum protocolo estabelecido, mas houve um pacote que esse operador (passeio barco rio Douro) disponibilizou à escola com condições muito vantajosas. Temos protocolos com duas entidades hoteleiras para recebermos investigadores e docentes. O que fazemos é divulgação de oportunidades que nos parecem vantajosas, em termos de alojamento, de aluguer de bicicletas... Protocolos ou acordos estabelecidos para os estudantes não. Até porque deixamos muito a cargo da ESN e incentivamos a entrar em contacto com a ESN. Todos os anos eles têm indicação mal chegam à nossa escola. Damos-lhe materiais, mapas do Porto, cartões de telemóvel e dizemos sempre para visitarem logo possam a ESN. Sabemos que uma parte deles o faz, e até é através da ESN que contactam pessoas de outras universidades e até que são do mesmo sítio que eles vêm. Fazemos sempre a apologia da ESN, achamos muito interessante e muito importante o trabalho que fazem. (E7)

4.3.1.5. Análise da Categoria: Promoção turística da cidade

Quanto à importância da promoção turística da cidade e do país aos estudantes, os entrevistados concordam e identificam três pontos de extrema importância que fazem do Porto um foco de atratividade:

- Acessibilidades: *É bastante importante. Aliás, um dos fatores de escolha e que faz com que o Porto seja das cidades preferidas para este tipo de mobilidade é precisamente por todo o conjunto. O Porto tem uma característica única. O nosso país é lindíssimo e, no caso do Porto, acaba por concentrar numa área relativamente pequena um grande foco de atratividade, ou seja, está próximo de muitos elementos relevantes. Isso acaba até por ser um fator de opção de alguns alunos para escolherem o Porto e não por exemplo Lisboa ou outros locais. As acessibilidades e a disponibilidade que tem acaba por ser uma mais valia. (E1)*

- Prémios: *Nós notamos um aumento exponencial no interesse dos alunos em virem para o Porto, precisamente na altura em que a cidade do Porto começou a ser renovada, a ganhar prémios, começou a ser divulgada mesmo a nível internacional. Aqueles prémios todos tiveram um impacto e um aumento significativo a nível de alunos e lá está, em 15/16 teríamos à volta dos 20 alunos, e agora praticamente duplicamos o valor, até porque tivemos 4 desistências relacionadas com a pandemia. Portanto, acho que o impacto é grande e permite uma divulgação maior das atividades e como tal o interesse em virem cá, conhecerem e fazerem parte do que é o Porto. (E5)*

Como sabe o Porto tem sido galardoado com vários prémios em termos de mobilidade, oferta europeia para este tipo de escalão e obviamente que as unidades orgânicas utilizam esses elementos. (E1)

- Crescimento do turismo: Importantíssima. E é ver neste momento como é que está o turismo na cidade do Porto e o impacto que isso está a ter na vinda. Por acaso aconteceu isto (covid) mas se não, estávamos a prever um aumento de pelo menos 50% de alunos incoming, o que é brutal. E obviamente que tem tudo a ver com a situação turística atual da cidade. O Porto está mesmo na moda e depois disso é uma consequência, acaba por trazer imensos estudantes para cá. É óbvio que a reputação da Universidade é importante, mas nós sabemos perfeitamente que não é suficiente, há outros fatores que são também muito importantes na escolha de um país para onde se vai ter esta experiência. (E6)

É também abordada a ideia de responsabilidade coletiva, onde todas as instituições do Porto idealmente se juntassem num esforço, criando uma campanha de atração de estudantes, pois as instituições mais pequenas não se revêm nas facilidades de promoção das IES maiores, como referido, por exemplo, no seguinte excerto: *Eu penso que isso é fundamental, não só para os estudantes como para as próprias instituições. Acho que era muito importante que houvesse uma solução de responsabilidade coletiva, pela promoção do Porto como uma cidade onde se estuda. (...) Usando aquilo que é já a imagem do Porto, criando uma campanha de captação de estudantes a nível mundial, com todas as instituições de ensino superior, criando um hub formativo no Porto era fantástico. Até porque o Porto não tem só ensino superior, tem investigação. (E3)*

Mesmo a nível de recomendação do destino, os entrevistados admitem a importância das experiências turísticas para um maior nível de satisfação dos estudantes com a experiência global da mobilidade.

...Há muitos anos que defendo que a divulgação das instituições de ensino superior deve ser feita conjuntamente com as instituições turísticas. Parece óbvio, mas não se faz. (E3)

Sim, sem dúvida. Dá para perceber que a vida deles vai muito além da vida académica, obviamente, porque viajam, estão no centro do Porto, têm de facto experiências culturais. (E4)

Assim em termos de ranking, claramente a cidade em si, a localização geográfica. (...) A estabilidade do país penso que também é extremamente importante. (...) O clima, sem dúvida. Vemos o aumento crescente dos alunos que começam a procurar escolas de surf. Há escolas de surf no Porto específicas para alunos de Erasmus, isto significa que há procura para este tipo de oferta, e outros serviços do género. (E6)

Mesmo a questão da segurança. Sendo o Porto a segunda maior cidade do país, em termos de segurança é uma das coisas que os alunos falam muito. (E2)

Também a recomendação boca-a-boca (*word-of-mouth*) é referida como muito importante na definição do Porto e de Portugal como destino de mobilidade, pois os estudantes acabam por ser um cartão de visita e gerar visitas adicionais de família e amigos.

Eu estou plenamente convencida que os alunos Erasmus que vieram para cá foram se calhar o principal cartão de visita do nosso país e em primeiro lugar da cidade do Porto, da zona do Norte. Eles são centenas que têm vindo nos últimos anos, e acho que depois é um pouco por contacto e passa-palavra, acho que tiveram uma importância enorme no turismo do Porto, sem dúvida. Temos pessoas de outras paragens naturalmente, mas eu avalio como um dos motores principais do aumento do turismo no Porto. (...) depois chamaram não só outros alunos para o Porto, mas também chamaram turistas, que não é o turismo académico. (E7)

Também os nossos vão porque o ano passado foi o colega e gostou imenso e repetem a escolha. (E6)

4.3.2. Síntese conclusiva

No presente capítulo, encontramos quatro grandes categorias das entrevistas, 75 códigos abertos, e uma análise aos dados gerais de cada Instituição entrevistada. A análise qualitativa das entrevistas, tendo em conta o método Grounded Theory, permitiu categorizar e identificar temas-chaves que são discutidos em detalhe no próximo capítulo, onde os resultados são confrontados com o estudo teórico e com o questionário realizado, de forma a extrair conclusões.

5 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo são discutidos os principais resultados da investigação tendo por base um confronto entre os resultados obtidos e a revisão de literatura. O objetivo é também compreender de que forma se responde às questões iniciais.

Segundo os dados da amostra do inquérito por questionário, a média de idades dos inquiridos é de 23,7 e o top cinco de nacionalidades mais representadas são, por ordem, Brasil, Itália, Polónia, Espanha e Alemanha. Isto vai de acordo aos dados da DGEEC (2020), que relata serem estas as cinco nacionalidades mais representadas em Portugal no que toca a mobilidade de crédito. A evidência de estudantes espanhóis, italianos e polacos é corroborada por Carneiro e Malta (2007) e por Sin et al. (2017). Também através das entrevistas se percebe que os estudantes de mobilidade de estudos mais referidos são os espanhóis, além do especial enfoque nos países de Leste, onde se pode destacar a Polónia. É, aliás, interessante verificar que, já há alguns anos, a Polónia consta sempre no top 3 de nacionalidades que mais escolhem Portugal como destino de mobilidade, e Portugal consta igualmente no top 3 polaco, evidenciando uma relação positiva entre ambos os países (Comissão Europeia, 2020). A grande maioria dos estudantes da amostra deste estudo veio para o Porto em mobilidade através do Erasmus, programa-chave quando se fala de mobilidade europeia. Também através das entrevistas realizadas, foi possível constatar que a grande parte dos estudantes de mobilidade chegaram através do mesmo programa, confirmando assim o seu papel central nas mobilidades que se verificam no Porto, facto já representado na revisão de literatura pelos números apresentados pela DGEEC (2020).

Com este estudo, pretende-se compreender a relação entre as mobilidades internacionais e o turismo académico e a influência deste tipo de turismo na imagem de Portugal como destino de mobilidade pelo que, através do questionário e das entrevistas, é possível agregar algumas informações e confrontá-las com a revisão de literatura. Relativamente aos fatores '*pull*' (fatores de um determinado país que atraem uma pessoa a sair do seu país de origem) para a escolha de Portugal como destino de mobilidade, a amostra indicou que o custo de vida, a localização geográfica, as atrações culturais e

turísticas, o clima e a língua foram os fatores mais escolhidos, seguidos da segurança e recomendações de antigos estudantes, também com considerável representatividade. Estes fatores vão de encontro à literatura estudada (Rodriguez Gonzalez et al., 2011; Mazzarol & Soutar, 2002; Shankar, Quintal, & MEdMan, 2006; Marinescu, 2017; Llewellyn-Smith e McCabe, 2008). Alguns estudantes referiram que o facto de já terem estado em Portugal anteriormente também influenciou o processo de escolha. Na verdade, apenas 30,3% da amostra esteve em Portugal antes da sua mobilidade, mas poderá ter sido um fator considerável. Segundo Mazzarol e Soutar (2002), quanto melhor conhecimento um estudante tiver de um determinado país anfitrião, maior será a probabilidade de ele o selecionar como destino de mobilidade, sendo que as recomendações ou referências boca a boca de antigos estudantes são também fatores-chave. Este último ponto verifica-se também no questionário, pois 59,5% dos estudantes que pediram recomendações a antigos estudantes de mobilidade em Portugal ou a professores, afirmou ter sido um fator decisivo para a escolha final. As IES também referem que as recomendações são muito importantes para a vinda de novos estudantes: “Eu estou plenamente convencida que os alunos Erasmus que vieram para cá foram se calhar o principal cartão de visita do nosso país e em primeiro lugar da cidade do Porto, da zona do Norte. (...) depois chamaram não só outros alunos para o Porto, mas também chamaram turistas, que não é o turismo académico.” (E7) e “Também os nossos vão porque o ano passado foi o colega e gostou imenso e repetem a escolha.” (E6) De facto, já o estudo de Mazzarol e Soutar (2002) refere que as principais influências para mobilidades são as recomendações pessoais ou referências boca a boca de ex-estudantes. Assim, conclui-se que todos os pontos escolhidos pelos estudantes foram largamente debatidos anteriormente pela literatura, confirmando alguns dos fatores mais comuns no processo de decisão.

Os resultados da análise também demonstram que Portugal já é solidamente considerado um destino turístico, através da enorme resposta positiva por parte dos inquiridos (99,9%). Os responsáveis das IES focam-se no Porto e reforçam o foco de atratividade pelas boas acessibilidades, prémios e crescimento do turismo, abordando a dinâmica vivida pela cidade e pelo país a nível turístico. Como referido anteriormente, o turismo já tem um peso de 6,9% na economia nacional. Naturalmente, pelas razões referidas, os estudantes aproveitaram para viajar e conhecer o país (94,1% da amostra),

o que vai de encontro às respostas dadas à mesma questão no estudo de Martínez Roget et al. (2013) realizado na Galiza (93% da amostra). A maior parte dos inquiridos do presente estudo (51,2%) visitou mais de 5 cidades portuguesas, o que demonstra um grande interesse em conhecer o país e a cultura. Também no estudo de Amaro et al. (2019), realizado com estudantes de mobilidade em Portugal, todos os entrevistados disseram ter visitado pelo menos 5 outras cidades portuguesas. Embora o presente estudo não explore as regiões visitadas pelos estudantes, o estudo acima referido demonstra que os mesmos viajaram ativamente para vários locais do país, principalmente para as mesmas regiões e cidades para onde também viajam os turistas: Algarve, Lisboa, Porto e Coimbra.

Aqueles que mais viajaram noutros países europeus foram os estudantes brasileiros (133), seguidos dos italianos (43) e dos polacos (41). No entanto, a diferença para outras nacionalidades acentua-se na categoria “visitou mais de 5 países”, com 67 respostas por parte dos estudantes brasileiros, seguidos dos estudantes mexicanos (4), colombianos (4) e turcos (4). Verifica-se, assim, que aqueles que mais aproveitaram para conhecer um maior número de países europeus são os estudantes que provêm de países não-europeus ou que terão uma estadia com um VISA limitado temporalmente para permanência na UE, sendo por isso natural que tentem viajar mais durante um curto período em relação aos colegas europeus. Estes números podem ser relativamente mais baixos este ano devido à atual pandemia Covid-19 que restringiu viagens (especialmente para fora do país).

Para estas viagens, a procura de informação foi feita maioritariamente online, o que poderá também ser explicado pela média de idades (23) que representa uma geração que cresceu intimamente ligada à Web. Quanto ao planeamento de viagens, os inquiridos da amostra preferem fazê-lo com outros estudantes de mobilidade e seguirem todos juntos à descoberta de novos locais. Viajar em grupos de estudantes de mobilidade faz com que se aproximem de pessoas de várias nacionalidades e culturas, desenvolvendo amizades e uma noção mais clara de um mundo cada vez mais multicultural (Filipe et al., 2017). É também necessário englobar a visita de familiares e amigos neste ponto específico. No estudo de Pawlowska & Roget (2009), 75,8% dos inquiridos afirmam ter

recebido pessoas durante a sua estadia em Erasmus, enquanto que na presente dissertação a percentagem da amostra foi de 70,7%, ou seja, bastante similar. Este poder de gerar visitas adicionais é reforçado por Martínez-Roget et al. (2013) e Filipe et al. (2017).

O estudo de Pawlowska e Roget (2009) descobriu que 75% dos estudantes Erasmus da Universidade de Santiago de Compostela planeavam voltar à região no futuro, e todos os estudantes no estudo de Amaro et al. (2019) afirmaram, sem hesitação, que queriam voltar a Portugal depois do seu período de mobilidade. O presente estudo teve resultados semelhantes, pois 99,1% dos estudantes pretendem voltar a Portugal como turistas. Neste estudo, também através das entrevistas se consegue perceber a intenção dos estudantes em regressar ao país “No ano anterior, recebemos a visita de um aluno que tinha estado em mobilidade em 15/16, todos os anos vem a Portugal e já trouxe os pais, a namorada.” (E4) e “Nós já tivemos alunos Erasmus que (...) vieram trabalhar para o Porto. Quando saíram daqui, já tinham como destino voltarem para começarem cá a realizar a sua atividade profissional.” (E7)

A par do estudo de Pawlowska e Roget (2009), que destaca a boa opinião geral dos estudantes da Galiza sobre o conjunto da região, traduzindo-se em recomendações a terceiros (90,1%) e, portanto, dinamização da economia local, também o presente estudo demonstra que a quase totalidade dos inquiridos recomenda Portugal como destino de mobilidade (96,6%) e como destino turístico (99,6%), mostrando interesse em regressar como turista ou até para viver no país. As atrações culturais e turísticas, o custo de vida e a localização geográfica foram os motivos mais escolhido para recomendar Portugal tanto como destino turístico como destino de mobilidade. Desta forma, é possível observar que os conceitos de mobilidade e turismo se relacionam cada vez mais e podem ser consequência um do outro. Neste sentido, foi interessante verificar que a maioria dos inquiridos (95%) considera que as experiências turísticas realizadas podem ser um fator influenciador ao tornar Portugal num destino de mobilidade de topo.

A satisfação com as experiências turísticas em Portugal foi bastante alta, com 97,5% de toda a amostra a assumir algum nível de contentamento. Ao mesmo tempo,

96% da amostra garantiu algum nível de satisfação quanto à experiência geral da mobilidade no Porto. De igual forma, para as IES é unânime: o nível de satisfação e participação nas atividades de mobilidade é elevado por parte dos estudantes. Já no estudo de Amaro et al. (2019), todos os entrevistados tiveram uma experiência Erasmus positiva.

A maioria dos inquiridos deste estudo não pediu para prolongar a sua mobilidade, mas aqueles que o fizeram (14,6%) representam um número considerável. Os motivos foram ter gostado do primeiro semestre, considerar mudar-se para Portugal ou querer estudar outras disciplinas na Universidade. Também nas entrevistas se identificou esta vontade de continuar em Portugal: *“Nós temos muitos alunos que vêm no primeiro semestre e depois querem fazer o segundo” (E3).*

Quanto às IES e respetivas associações de estudantes da cidade do Porto, a maioria dos estudantes (86,9%) referiu que foram organizados eventos, com destaque para as ‘welcome sessions’, atividades culturais e atividades turísticas. Os entrevistados referem o mesmo tipo de atividades de acolhimento, desde sessões de esclarecimento, sessões com a ESN, cursos de Português, envolvimento com associações de estudantes e passeios culturais e turísticos (caves de vinho do Porto, passeios de barco rabelo, museus e galerias, jantares internacionais e passeios casuais pela cidade). A maioria dos estudantes (86,9%) participou nestes eventos e ficou em algum nível satisfeito com os mesmos (90,6%). Contudo, quando questionados sobre as atividades que gostariam de ter visto ser realizadas, os estudantes indicaram o mesmo top 3 da Questão 14.1 (Tipo de atividades organizadas pelas Instituições) - isto pode demonstrar que, apesar de serem desenvolvidas pelas Instituições, estas atividades deveriam ser organizadas mais frequentemente. De notar que os cursos de línguas também tiveram uma percentagem considerável de preferências (50,7%). Assim, verifica-se espaço para melhorias por parte das IES, nomeadamente uma eventual aposta mais forte em eventos turísticos e culturais e também na organização de cursos de Português, que foram pouco referidos pelos entrevistados e que, por isso, poderão ser reforçados.

6 - CONCLUSÃO

6.1. Conclusões Finais

O turismo académico tem vindo a ganhar notoriedade pelo aumento de mobilidades estudantis e promoção de programas como o Erasmus. Atualmente, é normal que qualquer estudante, especialmente universitário, se desloque a outro país com o intuito de lá viver e estudar durante pelo menos um semestre, ao abrigo de programas e bolsas agregadas. A mobilidade estudantil é cada vez mais incentivada pela União Europeia, com o objetivo de criar um sentimento de pertença à Europa, alargar horizontes e oportunidades de trabalho aos jovens e dinamizar as economias locais do velho continente. Portugal tem tido um papel fulcral na evolução crescente de mobilidades, participando desde o início nos programas criados pela UE. Assim, torna-se pertinente estudar Portugal como destino de mobilidade e as possíveis consequências deste crescimento estudantil no país.

Este estudo inicia com uma revisão de literatura acerca da evolução do turismo na cidade do Porto e em Portugal, explorando o conceito de turismo académico e a sua repercussão nas economias locais. Aborda também a mobilidade estudantil na Europa, focando no programa Erasmus, na participação do país no mesmo e a *Erasmus Student Network* como associação intimamente ligada ao programa e ao turismo académico.

Como estudo de caso, a dissertação foca-se na cidade do Porto e procura responder às questões e objetivos inicialmente formulados através dos resultados obtidos por meio das pesquisas bibliográficas, qualitativas e quantitativas realizadas, conduzindo a importantes contribuições na perceção do turismo académico na cidade do Porto e, conseqüentemente, Portugal. É cada vez mais notória a importância deste segmento turístico nas cidades. Os estudantes de mobilidade dinamizam as economias locais, recomendam os destinos e influenciam a qualidade das universidades.

Relativamente ao primeiro objetivo geral, “Compreender a relação entre as mobilidades internacionais e o turismo académico”, percebe-se que existe uma relação forte entre os fatores, não sendo dependentes entre si mas estando naturalmente

conectados, pelos motivos de escolha de um destino de mobilidade já apresentados, pelos níveis de satisfação com as experiências turísticas realizadas e pela consequente importância que os estudantes conferem às experiências turísticas como motivo de recomendação do país. Como referido anteriormente, as viagens e o turismo influenciam a decisão do destino da mobilidade (antecedentes e motivadores) e o sucesso dessa mobilidade (resultados e benefícios) (Filipe et al., 2017).

Quanto ao segundo objetivo geral, “Perceber a influência do turismo académico na imagem de Portugal como destino de mobilidade”, verifica-se que esta influência efetivamente existe pela forte intenção em recomendar Portugal, tanto como destino de mobilidade como destino turístico. Este ponto é claro através do posicionamento das “atrações culturais e turísticas” como fator número um para a realização futura dessas recomendações a outros estudantes. Para a amostra em estudo, também existe uma clara importância no grau de influência das experiências turísticas em fazer com que Portugal seja visto como uma boa opção para país de mobilidade, evidenciando as ligações entre turismo académico e mobilidade internacional (justificando, ao mesmo tempo, o objetivo geral número um).

De forma a poder responder mais detalhadamente a estes dois objetivos gerais, foram definidos quatro objetivos específicos.

Para o primeiro, “Analisar a relação entre os principais fatores para as mobilidades internacionais e a recomendação como destino turístico”, sabe-se que a amostra escolheu o custo de vida, seguido da localização geográfica e das atrações culturais e turísticas como os fatores mais importantes ao escolher Portugal como destino de mobilidade. Por outro lado, os fatores mais escolhidos para a recomendação de Portugal como destino turístico foram, por ordem, as atrações culturais e turísticas, o custo de vida e a localização geográfica. Mais uma vez, pode-se verificar que os fatores de escolha de um destino turístico e de um destino de mobilidade se interligam, e é interessante averiguar que as atrações culturais e turísticas já se encontravam na mente dos estudantes mesmo antes do início da experiência de mobilidade. Assim, as escolhas dos estudantes de mobilidade cada vez mais se assemelham às escolhas de um turista, algo

já referido no estudo de Marinescu (2017). Através do estudo de Oliveira e Soares (2016) percebe-se também que as experiências internacionais anteriores de familiares e amigos são altamente motivacionais, apoiando a ideia de que referências sociais e recomendações pessoais são motivações muito relevantes – algo também abordado e comprovado neste estudo.

Já o segundo objetivo específico, “Analisar a relação entre a satisfação dos estudantes com a mobilidade e a recomendação como destino turístico”, observa-se que a satisfação é elevada (96% dos estudantes ficaram em algum nível satisfeitos com a mobilidade) e que a recomendação de Portugal como destino turístico (99,6%) é ligeiramente mais forte do que a recomendação de Portugal como destino de mobilidade (96,6%).

Quanto ao terceiro objetivo específico, “Analisar a relação entre as experiências turísticas dos estudantes e a recomendação do destino para mobilidade;” é possível constatar esta relação através das razões pelas quais os estudantes pretendem recomendar o destino, sendo a opção mais forte as “atrações culturais e turísticas”. Esta opção advém, naturalmente, das experiências turísticas realizadas ao longo do período de mobilidade em Portugal, que demonstraram ter tido um nível de satisfação extremamente elevado (97,5% de toda a amostra está de algum modo satisfeita com as experiências turísticas).

Por fim, quanto ao quarto e último objetivo específico, “Conhecer as estratégias de internacionalização que as Instituições de Ensino Superior (IES) desenvolvem para promover o turismo académico”, foi possível extrair informação útil de resposta a este objetivo, tanto através do inquérito por questionário como através das entrevistas. As IES desenvolvem algumas atividades que promovem o turismo académico, desde passeios nos barcos rabelo, *city tours* ou visitas às caves de vinho do Porto, porém, estas concentram-se apenas no período inicial de receção aos estudantes no arranque de cada semestre letivo. Algumas colaborações com organizações externas como a *Erasmus Student Network* Porto ou parcerias com empresas de turismo (por exemplo, empresa de passeio nos barcos rabelo) são desenvolvidas, contudo, são apenas pontuais e nunca

pensadas a médio e longo prazo, transparecendo o potencial da definição de estratégias pelas IES centradas no turismo académico para a promoção da atratividade da própria IES internacionalmente.

O alto grau de satisfação dos estudantes com a cidade do Porto, como foi possível constatar neste estudo, permite que se aguarde uma nova afluência de estudantes e de turistas no futuro. Desta forma, é importante que as IES portuguesas mantenham estratégias de internacionalização e se adaptem à nova realidade. Poderia ser vantajoso as IES darem um apoio mais concreto aos estudantes a nível organizacional no período pré-mobilidade, desde receções ao aeroporto, ajuda na procura de alojamento e esclarecimento de dúvidas, pois estes elementos são de extrema importância para o aumento da satisfação dos estudantes (Llewellyn-Smith e McCabe, 2008). Segundo alguns estudantes, é fulcral continuar a organizar programas de boas-vindas e também mais oportunidades educacionais na língua inglesa como meio facilitador de integração na nova universidade (Oliveira e Soares, 2016).

Seria também interessante que os *stakeholders* da cidade do Porto desenvolvessem uma campanha em conjunto com as IES de forma a promover a cidade como destino de mobilidade estudantil de eleição no nosso país, através de uma estratégia agregada a médio-longo prazo. Aliás, dada a importância da mobilidade estudantil para o país, deveriam existir iniciativas de política nacional para atrair estudantes Erasmus para Portugal. De facto, Portugal está a competir com outros países Erasmus e deve agir de forma competitiva para atrair estudantes. Isso pode ser feito de várias formas, como a participação em feiras internacionais de estudantes ou por meio das redes sociais, criando conteúdo direcionado aos estudantes. Outra estratégia poderia passar por convidar pessoas que trabalham em *International Offices* para visitar Universidades portuguesas e posteriormente recomendá-las aos seus estudantes (Amaro et al., 2019). As Organizações de Gestão de Destino (DMOs) de certas regiões de Portugal também poderiam colaborar com as IES para promover as suas regiões aos estudantes Erasmus, oferecendo uma viagem às respetivas cidades, por exemplo (Amaro et al., 2019).

Noutro eixo de análise, é possível concluir que as mobilidades estudantis permitem aos jovens conhecer pessoas de várias nacionalidades, coabitando e desenvolvendo uma noção mais clara do mundo e de si próprios. Como referido na revisão de literatura, vários estudos identificam que a experiência Erasmus aumenta o interesse dos participantes pela Europa e pela União Europeia, e que, como resultado direto da estadia, os estudantes se sentem mais europeus (Mitchell, 2012; Mol e Timmerman, 2014). O programa Erasmus tem sido, desde o início, um importante instrumento de apoio à europeização e internacionalização dos estudantes e das universidades. Além do desenvolvimento pessoal, aprendizagem de novas línguas e culturas e melhoria do currículo académico, o programa pode também ser uma vantagem para a entrada no mercado de trabalho. De facto, quando questionados sobre o que consideravam os maiores benefícios de estudar no exterior, os inquiridos do estudo de Van Hoof e Verbeeten (2005) indicaram uma maior compreensão de outras culturas, valorização da sua própria cultura, aprendizagem sobre si mesmos e enriquecimento pessoal.

A presente investigação lança também algumas ideias ao nível de satisfação e recomendação do destino Portugal. Na verdade, outros estudos já indicaram altos níveis de satisfação com o país, com comentários que evocam a palavra amor como, por exemplo, “Eu amo Portugal” (Amaro et al., 2019), ou através do boca a boca como uma das formas mais relevantes de comunicação, sugerindo que as IES devem considerar estrategicamente as oportunidades de promoção da sua imagem através deste método (Oliveira e Soares, 2016).

6.2. Limitações do Estudo

Naturalmente, são identificadas algumas limitações neste estudo, que surgiram em várias etapas do processo. Em primeiro lugar, é necessário destacar o impacto da pandemia Covid-19 no processo de recolha de dados, particularmente na metodologia qualitativa. A obrigatoriedade de realizar as entrevistas em formato *online* trouxe alguns constrangimentos e dificuldades no contacto com as IES, tendo por isso o trabalho incluído apenas cinco Instituições. A pandemia teve um efeito negativo também na

metodologia quantitativa, até pela saída de muitos estudantes Erasmus do país antes de finalizarem a mobilidade e, portanto, não terem tido a oportunidade de praticar turismo académico, o tema que este trabalho foca.

Paralelamente, existiu alguma dificuldade em encontrar estudos referentes à temática a nível nacional, mas a tendência para o aumento do interesse pelo tema é positiva.

A extensão do questionário poderá ter sido uma outra limitação deste estudo, bem como a omissão de algumas questões que pormenorizassem a fundo o tipo de experiências turísticas realizadas e sua satisfação.

6.3. Propostas para Estudos Futuros

As limitações acima descritas abrem espaço para propor investigações futuras. Desta forma, poderão ser desenvolvidos estudos semelhantes a nível nacional, com o intuito de preencher a lacuna no conhecimento científico quanto a este segmento turístico.

O turismo académico é uma vertente turística muito forte atualmente, mas ainda pouca estudada pela literatura, especialmente em Portugal. A importância deste segmento advém tanto da dinamização da economia local como da procura em conhecer o país como um turista. Com o aumento do número de turistas e, ao mesmo tempo, de estudantes internacionais, é importante que se desenvolvam estudos focados nos motivos, preferências e consequências destas mobilidades para o país e respetivas cidades destino.

Na verdade, como observado neste estudo, destino de mobilidade e destino turístico confundem-se e espelham-se, e os estudantes têm um impacto efetivamente positivo na indústria do turismo. Assim, torna-se oportuno estudar os estudantes quase à semelhança de turistas e perceber quais os impactos que estas afinidades poderão ter, tanto a nível económico como social e cultural. Estes estudos poderão ser úteis para

tomadas de decisão mais informadas por parte das IES e entidades turísticas, de forma a adaptar serviços e melhorar, cada vez mais, a imagem de Portugal como destino de mobilidade.

Seria interessante aplicar este tipo de estudo a outras cidades de Portugal, realizando outros estudos de caso de forma a diferenciar as várias regiões do país e exaltar as respetivas qualidades, fraquezas e identificar oportunidades. Ao mesmo tempo, aprofundar as motivações dos estudantes ao escolher um destino de mobilidade, especialmente ao nível das cidades.

De igual modo, seria importante entender de onde provém a satisfação com o destino de mobilidade e com o destino turístico, avaliando-se estes fatores não apenas através dos motivos de recomendação, mas abrangendo um leque maior de perspetivas. De facto, a satisfação e a recomendação interligam-se, mas será interessante aprofundar esta relação através de uma definição precisa dos motivos de satisfação e dos motivos de recomendação.

Além disso, o programa Erasmus tem tido uma importância crescente nas cidades universitárias portuguesas. Poderiam ser realizados mais estudos sobre mobilidade estudantil de forma a analisar a evolução da participação de Portugal no programa Erasmus, uma vez que ainda são relativamente escassos e, os que existem, focam-se apenas no nível nacional, ignorando o nível local e as fortes repercussões que estas mobilidades poderão ter nas comunidades.

Por fim, poderá ser relevante acompanhar o trabalho de entidades turísticas e outras organizações na definição de uma estratégia de planeamento de eventos para estudantes de mobilidade internacional e nos seus resultados.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Altbach, Philip G., e Jane Knight. 2007. «The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities». *Journal of Studies in International Education* 11(3–4):290–305. doi: 10.1177/1028315307303542.
- Amaro, Suzanne, Cristina Barroco, Carmen Martins, e Joaquim Antunes. 2019. «Erasmus Students in Portugal: From Students to Tourists and Advocates». *European Journal of Tourism Research* 22:94–106.
- Bamberger, Peter, e S. Ang. 2015. «The Quantitative Discovery: What is it and How to Get it Published». *Academy of Management Discoveries* 2. doi: 10.5465/amd.2015.0060.
- Barry J., Babin, e Kim Kuemlim. 2001. «International Students' Travel Behavior: A Model of the Travel-Related Consumer/Dissatisfaction Process». *Journal of Travel & Tourism Marketing* 10(1):93–106.
- Carneiro, Maria João, e Paula Alexandra Malta. 2007. «The Higher Education Students' Tourism Market: The Role of Portugal in International Mobility Flows». *Revista Turismo e Desenvolvimento* (7/8):241–53.
- Charmaz, Kathy. 2011. «Grounded Theory Methods in Social Justice Research». Pp. 359–80 em.
- Charmaz, Kathy. 2014. «Grounded Theory in Global Perspective: Reviews by International Researchers». *Qualitative Inquiry* 20(9):1074–84. doi: 10.1177/1077800414545235.
- Chauke, Ntwanano. 2015. «Study of Consumer Buying Process in a Model Tourism Destination Cotler (Case Study: Esfahan». *American Journal of Marketing Research* 1(2):88–92.
- Cunha, Alice, e Yvette Santos. 2017. *Erasmus'30: A História do Programa e a Participação dos Estudantes Portugueses*. Comissão Europeia.

- Damásio, Bruno Figueiredo. 2012. «Uso da análise fatorial exploratória em psicologia». 16.
- D'Espíndula, Thereza Salomé, e Beatriz Helena Sottile França. 2016. «Aspectos éticos e bioéticos na entrevista em pesquisa: impacto na subjetividade». *Revista Bioética* 24(3):495–502. doi: 10.1590/1983-80422016243149.
- DGEEC. 2019. Principais resultados do RAIDES 18 – Inscritos e Mobilidade Internacional 2018/2019.
- DGEEC. 2020. Principais resultados do RAIDES 19 – Inscritos e Mobilidade Internacional 2019/2020.
- Endes, Y. Zühal. 2015. «Overseas Education Process of Outgoing Students within the Erasmus Exchange Programme».
- Erasmus Student Network Portugal. 2020. «Student Exchanges in Times of Crisis». ESN Portugal. Obtido 28 de Setembro de 2020 (<http://www.esnportugal.org/survey-report>).
- Europeia, Comissão. 2007. «Comissão Europeia». European Commission - European Commission. Obtido 15 de Maio de 2020 (https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/IP_07_608).
- Europeia, Comissão. 2016. «Comissão Europeia». Erasmus+ - European Commission. Obtido 14 de Abril de 2020 (https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/about_pt).
- Europeia, Comissão. 2016. Erasmus+ Annual Report Factsheets Portugal 2015.
- Europeia, Comissão. 2017a. Erasmus+ 2016 Annual Report.
- Europeia, Comissão. 2017b. From Erasmus to Erasmus+ : A Story of 30 Years.
- Europeia, Comissão. 2017c. «The European Commission's contribution to the Leaders' meeting in Gothenburg».
- Europeia, Comissão. 2018a. Erasmus+ 2017 Annual Report. Website.

- Europeia, Comissão. 2018b. «EU Youth Strategy». Obtido 30 de Abril de 2020 (https://ec.europa.eu/youth/policy/youth-strategy_en).
- Europeia, Comissão. 2020a. «10 Million Erasmus Participants and Counting». European Commission - European Commission. Obtido 15 de Abril de 2020 (https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/qanda_20_130).
- Europeia, Comissão. 2020b. «Erasmus+ Annual Report Factsheets Portugal 2018». Erasmus+ - European Commission. Obtido 14 de Abril de 2020 (https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/resources/documents/portugal-erasmus-2018-numbers_en).
- Fernandes, Paula Odete, Cláudia Fileno Miranda Veloso, e Ewa Pawlowska. 2013. «The Importance of Academic Tourism: The Internationalization of the Bragança Polytechnic Institute». P. 9 em. *Economia, Ambiente e Sustentabilidade no Turismo*.
- Filipe, S., B. Barbosa, C. Amaral Santos, M. Pinheiro, D. Simões, e G. Paiva Dias. 2017. «STUDY AND TRAVEL: STUDENTS' PERCEPTIONS ON THE IMPORTANCE OF TOURISM IN MOBILITY». Pp. 9346–54 em *INTED2017 Proceedings*.
- Findlay, Allan, Russell King, Alexandra Stam, e Enric Ruiz-Gelices. 2006. «Ever Reluctant Europeans: The Changing Geographies of UK Students Studying and Working Abroad». *European Urban and Regional Studies* 13(4):291–318. doi: 10.1177/0969776406065429.
- Gephart, Robert P. 2004. «Qualitative Research and the Academy of Management Journal». *Academy of Management Journal* 47(4):454–62. doi: 10.5465/amj.2004.14438580.
- Gil, António Carlos. 2008. *Dados e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Günther, Hartmut. 2006. «Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?» *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 22(2):201–9. doi: 10.1590/S0102-37722006000200010.

- Gusman, Inês, Pedro Chamusca, José Fernandes, e Jorge Pinto. 2019. «Culture and Tourism in Porto City Centre: Conflicts and (Im)Possible Solutions». *Sustainability* 11(20):5701. doi: 10.3390/su11205701.
- Hopkins, Thomas. 2019. «Erasmus+ Guia do Programa 2020».
- Javed, Bushra, Bibi Zainab, Samia Nadeem Zakai, e Shahzeb Malik. 2019. «Perceptions of International Student Mobility: A Qualitative Case Study». *Journal of Education and Educational Development* 6(2):269–87.
- King, Russell. 2002. «Towards a New Map of European Migration». *International Journal of Population Geography* 8(2):89–106. doi: 10.1002/ijpg.246.
- Lam, Jason M. S., Ahmad Azmi M. Ariffin, e Azhar Hj. Ahmad. 2011. «EDUTOURISM: EXPLORING THE PUSH-PULL FACTORS IN SELECTING A UNIVERSITY». *International Journal of Business and Society* 12(1):63–78.
- Lesjak, Miha, Emil Juvan, Elizabeth M. Ineson, Matthew H. T. Yap, e Eva Podovšovnik Axelsson. 2015. «Erasmus Student Motivation: Why and Where to Go?» *Higher Education* 70(5):845–65. doi: 10.1007/s10734-015-9871-0.
- Llewellyn-Smith, Catherine, e Vivienne S. McCabe. 2008. «What Is the Attraction for Exchange Students: The Host Destination or Host University? Empirical Evidence from a Study of an Australian University». *International Journal of Tourism Research* 10(6):593–607. doi: 10.1002/jtr.692.
- Llurda, Enric, Lúdia Gallego-Balsà, Claudia J. Barahona, e Xavier Martin-Rubió. 2016. «Erasmus student mobility and the construction of European citizenship».
- Lucas, Maria Raquel, Conceição Rego, Maria da Saudade Baltazar, Maria Freire, Andreia Dionísio, e Isabel Joaquina Ramos. 2017. «Mobilidade Internacional e Escolhas dos Estudantes no Ensino Superior. O Programa Erasmus Em Portugal».
- Marconi, Marina de Andrade, e Eva Maria Lakatos. 2010. *Metodologia científica*. 5ª. São Paulo: Editora Atlas S.A.

- María Cubillo, José, Joaquín Sánchez, e Julio Cerviño. 2006. «International Students' Decision-making Process». *International Journal of Educational Management* 20(2):101–15. doi: 10.1108/09513540610646091.
- Marinescu, Nicolae. 2017. «Trends in European tourism: The case of educational tourism inside the Erasmus program». *Bulletin of the Transilvania University of Brasov. Series V: Economic Sciences* 10(2):281–86.
- Maroco, João, e Teresa Garcia-Marques. 2013. «Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?» *Laboratório de Psicologia* 4(1):65–90. doi: 10.14417/lp.763.
- Martínez Roget, Fidel, Xesús Pereira López, e Ewa Pawlowska. 2013. «El turismo académico en Galicia: otra forma de contribución de las universidades a las economías locales». *Cuadernos de Turismo* (32):229–42.
- Martínez-Roget, Fidel, Ewa Pawlowska, e Xose Anton Rodriguez. 2013. «The economic impact of academic tourism in Galicia, Spain.»
- Marujo, Noémi. 2013. «A Pesquisa em Turismo - Reflexões sobre as Abordagens Qualitativa em Quantitativa». *TURyDES - Revista de Investigación en Turismo y Desarrollo Local* 6.
- Mazzarol, Tim, e Geoffrey N. Soutar. 2002. «“Push-pull” Factors Influencing International Student Destination Choice». *International Journal of Educational Management* 16(2):82–90. doi: 10.1108/09513540210418403.
- Mazzoni, Davide, Cinzia Albanesi, Pedro D. Ferreira, Signe Opermann, Vassilis Pavlopoulos, e Elvira Cicognani. 2018. «Cross-border mobility, European identity and participation among European adolescents and young adults». *European Journal of Developmental Psychology* 15(3):324–39. doi: 10.1080/17405629.2017.1378089.
- Mitchell, Kristine E. 2012. «Student mobility and European identity: Erasmus study as a civic experience?» *Journal of Contemporary European Research* 8(4):490–518.

- Mol, Christof Van. 2018. «Becoming Europeans: the relationship between student exchanges in higher education, European citizenship and a sense of European identity». *Innovation: The European Journal of Social Science Research* 31(4):449–63. doi: 10.1080/13511610.2018.1495064.
- Mol, Christof Van, e Christiane Timmerman. 2014. «Should I Stay or Should I Go? An Analysis of the Determinants of Intra-European Student Mobility». *Population, Space and Place* 20(5):465–79. doi: 10.1002/psp.1833.
- Morgan, Michael, e Feifei Xu. 2009. «Student Travel Experiences: Memories and Dreams». *Journal of Hospitality Marketing & Management* 18:216–36. doi: 10.1080/19368620802591967.
- Mutlu, Sevda. 2011. «Development of European consciousness in Erasmus students». *Journal of Education Culture and Society* (2):87-102(16). doi: 10.15503/jecs20112-87-102.
- OECD. 2014. «Indicator C4: Who studies abroad and where?» em *Education at a Glance 2014: OECD Indicators*. Paris: OECD Publishing.
- OECD. 2017. *Education at a Glance 2017: OECD Indicators*. Paris: OECD Publishing.
- OECD. 2018. *Education at a Glance 2018: OECD Indicators*. Paris: OECD Publishing.
- Oliveira, Diana Branco, e Ana Maria Soares. 2016. «Studying abroad: developing a model for the decision process of international students». *Journal of Higher Education Policy and Management* 38(2):126–39. doi: 10.1080/1360080X.2016.1150234.
- Organização Mundial do Turismo. 2008. «Youth Travel Matters Understanding the Global Phenomenon of Youth Travel». Issuu. Obtido 26 de Setembro de 2020 (https://issuu.com/ldaly/docs/youth_travel_matters_report).
- Organização Mundial do Turismo, ed. 2010. *International Recommendations for Tourism Statistics 2008*. New York: United Nations.
- Orr, Dominic, Klaus Schnitzer, e Edgar Frackmann. 2008. *Social and Economic Conditions of Student Life in Europe: Synopsis of Indicators: Final Report*.

Eurostudent III 2005 - 2008, a Joint International Project Co-Ordinated by the Higher Education Information System (HIS), Germany; [Authors, Dominic Orr, Klaus Schnitzer, Edgar Frackmann]. Bielefeld: Bertelsmann.

Pawlowska, Ewa, e Fidel Martínez Roget. 2009. «UNA APROXIMACIÓN AL IMPACTO ECONÓMICO DIRECTO DEL TURISMO ACADÉMICO: EL CASO DE LOS INTERCAMBIOS ERASMUS EN LA UNIVERSIDAD DE SANTIAGO DE COMPOSTELA». 18:20.

Queijo, Elisete de Fátima, Rui Vinhas da Silva, e Raul Laureano. 2013. «Choosing a university in Portugal: a conceptual model». *International Journal of Engineering and Industrial Management* (5):175–86.

Rodrigues, Zaíla, e Pedro Quelhas Brito. 2009. «A imagem turística de Portugal no Brasil: A influência dos atributos na formação da imagem de um destino turístico». *Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa* 8(2):39–50.

Rodríguez, Francisco Javier García, e Javier Mendoza Jiménez. 2015. «The Role of Tourist Destination in International Students' Choice of Academic Center: The Case of Erasmus Programme in the Canary Islands». *Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* 13(1):175–89.

Rodriguez Gonzalez, Carlos, Ricardo Bustillo Mesanza, e Petr Mariel. 2011. «The Determinants of International Student Mobility Flows: An Empirical Study on the Erasmus Programme». *Higher Education: The International Journal of Higher Education and Educational Planning* 62(4):413–30. doi: 10.1007/s10734-010-9396-5.

Rodríguez, Xosé A., Fidel Martínez-Roget, e Ewa Pawlowska. 2012. «Academic Tourism Demand in Galicia, Spain». *Tourism Management* 33(6):1583–90. doi: 10.1016/j.tourman.2012.01.010.

Shanka, Tekle, Vanessa Quintal, e Ruth Taylor MEdMan. 2006. «Factors Influencing International Students' Choice of an Education Destination—A Correspondence

- Analysis». *Journal of Marketing for Higher Education* 15(2):31–46. doi: 10.1300/J050v15n02_02.
- Simões, Cláudia, e Ana Maria Soares. 2010. «Applying to Higher Education: Information Sources and Choice Factors». *Studies in Higher Education* 35(4):371–89.
- Sin, Cristina, Orlanda Tavares, e Guy Neave. 2017. «Student Mobility in Portugal: Grappling With Adversity». *Journal of Studies in International Education* 21(2):120–35. doi: 10.1177/1028315316669814.
- Srikatanyoo, N., e J. Gnoth. 2002. «Country Image and International Tertiary Education». *Journal of Brand Management* 10(2):139–46. doi: 10.1057/palgrave.bm.2540111.
- Stone, Matthew J., e James F. Petrick. 2013. «The Educational Benefits of Travel Experiences: A Literature Review». *Journal of Travel Research* 52(6):731–44. doi: 10.1177/0047287513500588.
- Stroud, April H. 2010. «Who Plans (Not) to Study Abroad? An Examination of U.S. Student Intent». *Journal of Studies in International Education* 14(5):491–507. doi: 10.1177/1028315309357942.
- Teichler, Ulrich. 2004. «Temporary Study Abroad: The Life of ERASMUS Students». *European Journal of Education* 39(4):395–408. doi: 10.1111/j.1465-3435.2004.00193.x.
- Turismo de Portugal. 2017. «Perfil dos Turistas do Porto e Norte de Portugal | Verão 2017». *Travel BI - smarter decisions*. Obtido 25 de Setembro de 2020 (<http://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Paginas/perfil-dos-turistas-do-porto-e-norte-de-portugal-verao-2017.aspx>).
- Turismo de Portugal. 2019. «Turismo de Portugal - Fórum Económico Mundial». Obtido 24 de Junho de 2020 (<http://www.turismodeportugal.pt/pt/Noticias/Paginas/portugal-12-pais-mais-competitivo-mundo-ranking-competitividade-turismo-forum-economico-mundial.aspx>).

- Turismo de Portugal. 2020. «Turismo de Portugal - Visão Geral». Turismo de Portugal - Visão Geral. Obtido 22 de Junho de 2020 (http://www.turismodeportugal.pt/pt/Turismo_Portugal/visao_geral/Paginas/default.aspx).
- Urquhart, Cathy, e Walter Fernandez. 2013. «Using grounded theory method in information systems: The researcher as blank slate and other myths». *Journal of Information Technology* 28. doi: 10.1057/jit.2012.34.
- Van Hoof, Hubert B., e Marja J. Verbeeten. 2005. «Wine Is for Drinking, Water Is for Washing: Student Opinions About International Exchange Programs». *Journal of Studies in International Education* 9(1):42–61. doi: 10.1177/1028315304271480.
- Van Mol, Christof, e Peter Ekamper. 2016. «Destination Cities of European Exchange Students». *Geografisk Tidsskrift-Danish Journal of Geography* 116(1):85–91. doi: 10.1080/00167223.2015.1136229.
- Yin, Robert K. 2014. «Robert K. Yin. (2014). *Case Study Research Design and Methods* (5th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage. 282 pages.» *The Canadian Journal of Program Evaluation*. doi: 10.3138/cjpe.30.1.108.

8 - APÊNDICES

8.1. Apêndice A: Protocolo de Consentimento Informado

Protocolo de Consentimento Informado

Eu, abaixo assinado, aceito participar de livre vontade no estudo da dissertação do Mestrado em Gestão do Turismo, Escola Superior de Hotelaria e Turismo, do Instituto Politécnico do Porto, da estudante Cláudia Aragão, orientada pela Professora Doutora Cândida Silva (Professora Adjunta da Escola Superior de Hotelaria e Turismo).

Pretende-se com este trabalho de investigação analisar o fenómeno do crescente turismo académico em Portugal e que este contribua para uma melhor compreensão deste fenómeno de mobilidade estudantil no nosso país e, mais concretamente, no Porto. Ainda se pretende estudar qual a ligação entre os recursos turísticos da cidade e as estratégias de internacionalização das instituições de ensino superior, e a escolha do Porto como destino Erasmus, ou seja, como é que as experiências turísticas dos estudantes influenciam a imagem da cidade e a posterior recomendação a outros estudantes.

Declaro que me foram explicados, e que compreendo, os objetivos principais deste estudo académico, e que aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre o turismo académico no Porto e as estratégias de internacionalização. Compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim.

Ao participar neste trabalho, estou a colaborar para o desenvolvimento da investigação na área do turismo académico, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração. Entendo que as informações prestadas na entrevista, assim como a identificação de entidades e pessoas que participam neste estudo são confidenciais e apenas do conhecimento dos investigadores deste projeto.

Entendo, ainda, que os resultados do estudo poderão ser publicados em reuniões, conferências e/ou revistas científicas e académicas, salvaguardando a identificação das

entidades, pessoas e entrevistados. Por fim, autorizo a gravação desta entrevista apenas para efeitos de transcrição e melhor compreensão do discurso.

Nome _____

—

Assinatura _____

—

Data ___/___/___

8.2. Apêndice B: Guião de Entrevista

Este estudo insere-se no âmbito da dissertação de mestrado em Gestão de Turismo, da Escola Superior de Hotelaria e Turismo, destinado a estudar as especificidades do turismo académico em Portugal e perceber a influência do turismo académico na imagem do país como destino de mobilidade. Assim, a entrevista pretende abordar o crescimento dos programas de mobilidade e eventuais estratégias de internacionalização das Instituições de Ensino Superior na cidade do Porto. Pretende-se com as respostas a esta entrevista contribuir para a concretização desse objetivo.

Dados Gerais

1. Qual o cargo ou função que desempenha na instituição?
2. Quantas pessoas colaboram nas relações internacionais da instituição?
3. Desde que ano é que a Instituição recebe estudantes de mobilidade internacional?
4. Quais os países e instituições com quem têm parcerias internacionais?
5. Qual o número de estudantes internacionais inscritos no ano letivo 2019/2020?
Destes quantos são estudantes ERASMUS?
6. Quais os países de onde receberam estudantes?
7. Quantos estudantes enviaram em mobilidade internacional de estudos no ano 2019/2020?
8. Quais os países e instituições para onde enviaram os estudantes?
9. Quantos estudantes enviaram em mobilidade internacional de estágio no ano 2019/2020?
10. Quais os países para onde os estudantes foram realizar os estágios?

Estratégias de Internacionalização

11. A Instituição tem alguma estratégia definida a médio-longo prazo para a internacionalização? Se sim, qual é essa estratégia?
12. Quais as atividades que desenvolvem para estabelecer parcerias com Instituições de Ensino Superior estrangeiras?
13. Como é avaliado o impacto dessas atividades?
14. Como são definidos os parceiros estrangeiros e quais os mecanismos que utilizam para definir protocolos com os mesmos?
15. Quais as estratégias da Instituição para atrair estudantes IN de mobilidade?
16. Quais as estratégias da instituição para atrair estudantes para mobilidade OUT?

Atividades com estudantes

17. Que tipo de atividades desenvolve a Instituição para os estudantes de mobilidade?
18. Caso se aplique, quais as experiências turísticas que são desenvolvidas com os estudantes de mobilidade? Quais são aquelas que ainda pretendem implementar?
19. Qual o nível de participação e satisfação nas atividades? Como avaliam estes fatores?

Cooperação com entidades turísticas locais

20. De momento, a Instituição coopera com entidades turísticas locais? Se sim, quais?
21. De que forma considera importante a promoção turística da cidade e do país aos estudantes de mobilidade?
22. Considera as experiências turísticas um fator relevante para a escolha e eventual recomendação do Porto como destino de mobilidade?

8.3. Apêndice C: Inquérito por questionário em Inglês

The current master's dissertation, entitled “Academic Tourism in Porto: the case of mobility students”, falls within the scope of the Master's degree in Tourism Management, from the School of Hospitality and Tourism of the Polytechnic Institute of Porto.

With the increasing number of mobility students in Portugal and the prominence of Porto as a host city, it is important to study the phenomenon of academic tourism and its repercussions. In order to understand the specificities and preferences of the students' tourist experiences and how they are linked to the image created in the country and city as a mobility destination, an online survey is being conducted, aimed at students who have taken or are currently taking their mobility period in Porto.

Your collaboration is essential. By participating in this study, you are contributing to a better perception of the influence of this type of tourism in Portugal. The survey is confidential and anonymous, for the exclusive use of this study, without any registration of personally identifiable data. Your participation in this study is voluntary and you can withdraw at any time or refuse to participate.

Data Protection: In the scope of collecting information from this survey and following the Rules of the General Regulation on Data Protection (GDPR), do you authorize the collection and processing of data, for academic purposes, related to the questions in this questionnaire?

- (1) Yes
- (2) No

I. Sociodemographic Characterization

1. Age: ____

2. Gender:

- (1) Female
- (2) Male

(3) Prefer not to disclose

3. Nationality: _____

4. Where do you currently live:

- (1) Home country
- (2) Portugal
- (3) Abroad in Europe
- (4) Abroad outside Europe
- (5) Prefer not to disclose

5. Type of mobility program:

- (1) Erasmus+ Studies
- (2) European Solidarity Corps
- (3) Erasmus+ Internship/Traineeship
- (4) Erasmus full degree (including Erasmus Mundus)
- (5) Other study exchange
- (6) Other traineeship
- (7) International full degree
- (8) Short mobility programme (including summer school, field trip, study tour)
- (9) Other mobility programme
- (10) Other option: _____

6. Duration of mobility:

- (1) Less than 4 weeks
- (2) More than 4 weeks, but less than one semester
- (3) One semester
- (4) More than one semester, until 12 months
- (5) More than 1 year

7. What is/are your academic subject(s):

- (1) Economic and Business Sciences (e.g. Business Studies, Management Studies, Economics, Finance)
- (2) Humanities (e.g. Humanities, Languages, Education, Art)
- (3) Social Sciences (e.g. Political Sciences, Law, Sociology, Psychology, Geography, Communication, and Information Sciences)
- (4) Engineering (e.g. Engineering, Technology, Computer Science, Architecture, Urban and Regional Planning)
- (5) Natural Sciences (e.g. Physics, Chemistry, Mathematics, Biology, Geology, Environmental Sciences)
- (6) Medical Sciences (e.g. Medicine, Dentistry, Pharmacy, Physiotherapy)

II. Before the Mobility

8. While planning your mobility, which factors made you choose Portugal:

- (1) Quality of Universities
- (2) Recommendation from Home University
- (3) Recommendations of family or friends
- (4) Recommendations of former mobility students in Portugal
- (5) Geographic location
- (6) Safety
- (7) Weather
- (8) Cost of living
- (9) Language
- (10) Cultural and Touristic attractions
- (11) Doing mobility in the same country as my friends
- (12) Quality of travel infrastructures
- (13) Accessibilities or connection with other main European cities
- (14) Comments on internet about Universities or Portugal
- (15) Other option: _____

9. Have you been to Portugal before your mobility period:

- (1) Yes

(2) No

10. Have you asked opinions about Universities or Portugal as a mobility-destination to previous students or teachers?

(1) Yes

(2) No

10.1. (if YES) Was it a decisive factor for your final choice?

(1) Yes

(2) No

III. During the Mobility

11. Have you received visits from family or friends?

(1) Yes

(2) No

12. Do you consider Portugal a touristic destination?

(1) Yes

(2) No

13. How did you look for information about touristic experiences in Portugal?

(1) Online (Social Media, Websites, etc)

(2) Local Students

(3) Agencies/Touristic Companies

(4) Local media

(5) Home University

(6) Host University

(7) Books or travel magazines

(8) Volunteer organisations

(9) Student associations

(10) Other option: _____

14. Did your University or Student Association organise activities for mobility students?

- (1) Yes
- (2) No

14.1. (I YES) Which type of activities were organised?

- (1) Welcome Session
- (2) Cultural activities (thematic parties and dinners, picnics, food and wine tasting, etc)
- (3) Sports activities
- (4) Academic activities (seminars, workshops, etc)
- (5) Touristic activities (monuments and museums, city tour, trips, etc)
- (6) Volunteering activities
- (7) Language course
- (8) Other option: _____

14.2. Did you attend activities for mobility students by the University or Student Association?

- (1) Yes
- (2) No

14.3. (if YES) How satisfied were you with the activities for mobility students that you attended by the University or Student Association?

The indicated values refer to the measurement scale: 1- Very dissatisfied; 2- Moderately dissatisfied; 3- Dissatisfied; 4-Satisfied; 5-Moderately satisfied; 6-Very satisfied

15. Which type of activities would you have liked to see organised by the University or Student Association?

- (1) Welcome Session
- (2) Cultural activities (thematic parties and dinners, picnics, food and wine tasting, etc)
- (3) Sports activities

- (4) Academic activities (seminars, workshops, etc)
- (5) Touristic activities (monuments and museums, city tour, trips, etc)
- (6) Volunteering activities
- (7) Language course
- (8) Other option: _____

16. During your stay in Porto, did you visit other regions of the country?

- (1) Yes
- (2) No

16.1. (if YES) How many cities have you visited?

- (1) Only 1
- (2) Between 2 and 5
- (3) More than 5

17. During your stay in Porto, did you visit other countries?

- (1) Yes
- (2) No

17.1.(if YES) How many countries have you visited?

- (1) Only 1
- (2) Between 2 and 5
- (3) More than 5

18. How did you prefer to travel?

- (1) Alone
- (2) With other mobility students
- (3) With other Portuguese students
- (4) With family or friends
- (5) With travel agencies
- (6) Other: _____

19. Regarding the planning of your touristic experiences, you chose to:

- (1) Plan them alone
- (2) Plan them with other mobility students
- (3) Buy pre-organised trips from travel agencies
- (4) Go with the University in pre-organised trips
- (5) Go with Student Associations in pre-organised trips (ex: student associations from each faculty)
- (6) Go with Volunteer Associations in pre-organised trips (ex: erasmus student network)
- (7) Other: _____

20. Did you request to extend your mobility period while on Erasmus?

- (1) Yes
- (2) No

20.1. (if YES) Why did you request the extension?

- (1) I'm considering moving to Portugal permanently
- (2) I liked the first semester, so I wanted to stay longer
- (3) I found a job opportunity
- (4) I got involved in a research project
- (5) I wanted to take more courses at the University
- (6) My friends were extending their mobilities as well
- (7) I started a relationship with someone
- (8) Other: _____

IV. After Mobility

21. How satisfied are you with tourism experiences in Portugal?

The indicated values refer to the measurement scale: 1- Very dissatisfied; 2- Moderately dissatisfied; 3- Dissatisfied; 4-Satisfied; 5-Moderately satisfied; 6-Very satisfied

22. In your opinion, what is the degree of influence of these touristic experiences in making Portugal a top mobility destination?

The indicated values refer to the measurement scale: 1- Very low; 2-Moderately low; 3- Low; 4-High; 5-Moderately high; 6-Very high

23. Do you recommend Portugal as a touristic destination?

- (1) Yes
- (2) No

23.1. (if YES) Why?

- (1) Geographic location
- (2) Hospitality
- (3) Safety
- (4) Weather
- (5) Cost of living
- (6) Language
- (7) Cultural and Touristic attractions
- (8) Quality of travel infrastructures
- (9) Accessibilities or connection with other main European cities
- (10) Other: _____

24. How satisfied are you with your mobility experience in Porto?

The indicated values refer to the measurement scale: 1- Very dissatisfied; 2-Moderately dissatisfied; 3- Dissatisfied; 4-Satisfied; 5-Moderately satisfied; 6-Very satisfied

25. Do you recommend Portugal as a mobility destination?

- (1) Yes
- (2) No

25.1. (if YES) Why?

- (1) Quality of universities

- (2) Geographic location
- (3) Safety
- (4) Weather
- (5) Cost of living
- (6) Language
- (7) Cultural and Touristic attractions
- (8) Quality of travel infrastructures
- (9) Accessibilities or connection with other main European cities
- (10) Other: _____

26. Would you come back to Portugal as a tourist?

- (1) Yes
- (2) No